



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**MARIA LUIZA RODRIGUES FALEIROS LIMA**

**A PROSA DE FICÇÃO NOS JORNAIS CAMETAENSES**

BELÉM-PA  
2018

**MARIA LUIZA RODRIGUES FALEIROS LIMA**

**A PROSA DE FICÇÃO NOS JORNAIS CAMETAENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – área de concentração em Estudos Literários.

Orientadora: Prof. Dra. Germana Maria Araújo Sales.  
Coorientadora: Juliana Maia de Queiroz

BELÉM-PA  
2018

**MARIA LUIZA RODRIGUES FALEIROS LIMA**

**A PROSA DE FICÇÃO NOS JORNAIS CAMETAENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – área de concentração em Estudos Literários.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (Orientadora – UFPA)

---

Profa. Dra. Maria de Fátima do Nascimento (Avaliadora Interna – UFPA)

---

Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (Avaliadora Externa- UFPB)

---

Profa. Dra. Marli Tereza Furtado (Suplente – UFPA)

Dedico este trabalho aos meus pais, pela educação, incentivo aos estudos, apoio, cumplicidade e principalmente pelo amor incondicional dedicado a mim e meus irmãos.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que muito tem me abençoado, sem ele jamais teria imaginado chegar até aqui;

A meus pais queridos, Lucimar e André, que sempre me apoiaram, incentivaram e, acima de tudo, me amam incondicionalmente.

A minha orientadora, Germana Maria Araújo Sales, pela orientação, dedicação, paciência e, principalmente, pelo apoio nos momentos difíceis;

A Juliana Maia de Queiroz, não só por ser minha coorientadora, mas também a amiga, confidente e conselheira;

Aos meus irmãos, Luiz Antônio e Cristina, minhas sobrinhas Catarina e Helena, meus avós, meus tios e tias, em especial, Sandra Maria Faleiros Lima e a toda minha família pelo amor incondicional;

A Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares, por ser minha fonte de incentivo e amiga sempre constante;

Aos amigos, Dante Luiz de Lima, pelo carinho, ajuda e suporte em todas as horas, Ana Lília Carvalho Rocha, pelo apoio e amizade e Ivone Veloso, pelas orações;

Às professoras Maria de Fátima do Nascimento e Socorro Pacífico Barbosa por gentilmente terem aceitado o convite para compor a minha banca avaliadora;

Aos escritores cametaenses Alberto Moia Mocbel, Haroldo Barros e Salomão Laredo, pela ajuda muito importante;

Ao Programa de Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Pará, por essa grande oportunidade de estudos;

A todos os professores que dedicaram seu tempo, conhecimentos e atenção durante todo o curso de Mestrado;

A todos os colegas do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, representados nas figuras do vice-reitor da Universidade Federal do Pará, Gilmar Pereira da Silva e do coordenador do Campus, Doriedson Rodrigues;

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desse trabalho, meu muito obrigada!

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Monumento em homenagem à resistência à Cabanagem.....	p. 16
Figura 2 – Página de paleógrafo a respeito da cidade de Cameté .....	p. 20
Figura 3 – Anúncio do Gabinete de Leitura .....	p.22
Figura 4 – Nota da Sociedade Beneficente Artística Cametaense.....	p.24
Figura 5 – Anúncio da Biblioteca da Sociedade Artística Cametaense .....	p.25
Figura 6 – Anúncio do Clube Artístico Cametaense .....	p.26
Figura 7 – Nota do Teatro do Clube Artístico Cametaense .....	p.29
Figura 8 – Frontispício do jornal <i>O Teo Teo</i> .....	p.33
Figura 9 – Poema <i>Dos diversos nomes do sexo feminino</i> .....	p.35
Figura 10 – Frontispício do jornal <i>O Incentivo</i> .....	p.36
Figura 11 – Prosa de Ficção <i>Helena ou a Mais feliz mulher do mundo</i> .....	p.39
Figura 12 – Frontispício do jornal <i>O Jasmim</i> .....	p.40
Figura 13 – Anúncio sobre o Teatro Provisório .....	p.42
Figura 14 – Frontispício do jornal <i>A Reação</i> .....	p.44
Figura 15 – Coluna Pérolas do Passado - <i>O Curupira</i> .....	p.45
Figura 16 – Frontispício do jornal <i>O Comercial</i> .....	p.59
Figura 17 – Frontispício do jornal <i>O Industrial</i> .....	p.52
Figura 18 – Frontispício do jornal <i>O Artista</i> .....	p.58
Figura 19 – Folhetim <i>Segredo de uma Confissão</i> .....	p.64
Figura 20 – Folhetim <i>Poder de um Retrato</i> .....	p.70
Figura 21 – A Virgem com o menino, São Jerônimo e São Francisco .....	p.71
Figura 22 – Publicação <i>A Monja</i> .....	p.76
Figura 23 – O escritor Édouard de Laboulaye .....	p.79
Figura 24 – Folhetim <i>O Pão de Ouro</i> .....	p. 80
Figura 25 – A escritora Julia Lopes de Almeida .....	p. 83
Figura 26 – Crônica <i>Bruto!</i> .....	p. 84
Figura 27 – O escritor André Theuriet .....	p. 88
Figura 26 – Folhetim <i>Esmola de Amor</i> .....	p. 89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>1 CAMETÁ: UMA VISITA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DA IMPRENSA</b> .....	<b>11</b>
1.1 CAMETÁ: UMA HISTÓRIA .....	11
1.2 A VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA CAMETAENSE: UMA VISÃO DO PASSADO .....	21
<b>1.2.1 O Gabinete Literário Cametaense</b> .....	<b>21</b>
1.2.2 Sociedade Beneficente Artística Cametaense .....	24
1.2.3 Clube Artístico Cametaense .....	26
<b>2 A IMPRENSA DE CAMETÁ: UM BREVE PANORAMA</b> .....	<b>30</b>
2.1 O TEO TEO .....	33
2.2 O INCENTIVO .....	36
2.3 O JASMIM .....	40
2.4 A REAÇÃO .....	44
2.5 O COMERCIAL .....	49
2.6 O INDUSTRIAL .....	52
2.7. O ARTISTA .....	58
<b>3 AS BELAS-LETRAS NOS JORNAIS DE CAMETÁ: UMA ANÁLISE DA PROSA DE FICÇÃO</b> .....	<b>61</b>
3.1 <i>SEGREDO DE UMA CONFISSÃO</i> , ROMANCE ANÔNIMO .....	64
3.2 O PODER DE UM RETRATO, ROMANCE ANÔNIMO .....	70
3.3 <i>A MONJA DE SOROR AMÉLIA</i> .....	75
3.4 <i>O PÃO DE OURO DE ÉDOUARD DE LABOULAYE</i> .....	78
3.5 <i>BRUTO!</i> DE JULIA LOPES DE ALMEIDA .....	82
3.6 <i>ESMOLA DE AMOR</i> DE ANDRÉ THEURIET .....	88
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>94</b>
<b>APÊNDICE 98</b>	

## **RESUMO**

Com o florescimento das publicações dos jornais, o público brasileiro demonstrou um grande interesse no acesso à informação por meio dos periódicos, tanto como fonte de informação quanto de entretenimento, e pôde se deleitar especialmente com as publicações dos folhetins, um fenômeno literário advindo da Europa, principalmente da França. As publicações de periódicos na Província do Grão-Pará mostraram-se bastante prolíficas durante o século XIX e se estenderam até o seu interior, mais especificamente na cidade de Cametá. Levando isso em consideração, o objetivo desse trabalho foi recuperar os vestígios da história da imprensa na cidade de Cametá e averiguar a prosa de ficção publicada em seus jornais no século XIX, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura da província do Grão-Pará, uma vez que, no período da Cabanagem, ela chegou a ser, embora por pouco tempo, a capital da província. Ao ter acesso a tais publicações, constatou-se a importância da imprensa na cidade e o grande número de prosa de ficção veiculada, totalizando 54 histórias de diversos autores, brasileiros e estrangeiros, o que demonstra o caráter da cidade de Cametá enquanto difusora da cultura letrada no interior paraense.

**Palavras-Chave:** Folhetim. Prosa de ficção. Jornais. Século XIX. Cametá-PA.



## **ABSTRACT**

With the flowering of newspaper publications, the Brazilian public has shown a great interest in accessing the information through the newspapers, both as a source of information and entertainment, and has been especially delighted with the publications of the newspaper serials, a literary phenomenon coming from Europe, Especially from France. The newspapers published in the Province of Grão-Pará were very prolific during the 19th century and extended to the interior, more specifically in the city of Cametá. Taking this into consideration, the aim of this work was to recover the vestiges of the history of the press in the city of Cametá and, mainly, to investigate the prose of fiction published in its newspapers in century XIX, since that city was considered a center of culture, because in the period of the Cabanagem, although for a short time, it became the capital of the province. Given the access to such publications, we could see the importance of the press in the city and the large number of published prose of fiction, totalizing 54 stories from various authors, Brazilian and foreign, which demonstrates the character of the city of Cametá as a diffusion of literate culture in the interior of Pará.

Key-Words: Newspaper Serial. Fiction Prose. Newspapers, 19<sup>th</sup> Century. Cametá-PA.

## INTRODUÇÃO

"És do Tocantins o coração a pulsar mais forte;  
 És a cultura, a raça. A intrepidez do Norte;  
 És a glória e o esplendor da História do Pará;  
 És o berço de heróis; és a Terra dos Notáveis;  
 És um jardim de Artistas, de tesouros infindáveis;  
 És o paraíso da Arte e do amor, és CAMETÁ!!!"

Alberto Moia Mocbel

Os versos do poeta e ex-prefeito cametaense Alberto Moia Mocbel (1985), que compõem a epígrafe do presente trabalho dão uma ideia da importância da cidade de Cametá, declarada Patrimônio Histórico Nacional. Terra de homens ilustres e guerreiros e de belezas naturais únicas, a cidade foi palco também de vários feitos históricos e é tida como uma das mais importantes do estado do Pará.

Tendo isso em vista, surgiu o interesse de investigar a história da cidade por meio dos periódicos publicados em Cametá no século XIX, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura perante a Província do Grão-Pará, já que no período da Cabanagem chegou a ser, embora por pouco tempo, a capital da Província paraense.

Desta maneira, o objetivo desse trabalho foi recuperar a prosa de ficção veiculada por meio dos periódicos cametaenses no século XIX enquanto forma de expressão cultural nessa região. Para isso, fez-se necessário a pesquisa no Setor de Microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna, do Centur, em Belém-PA, haja vista que a referida biblioteca constitui-se em um dos maiores acervos de jornais do século XIX, do Norte do país, além disso, pesquisou-se na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Museu Histórico de Cametá, além de consulta a alguns escritores e historiadores da cidade, como Alberto Moia Mocbel, Haroldo Barros e Salomão Laredo.

Ao pesquisarmos a história da cidade de Cametá na imprensa periódica estabelecemos o marco temporal da pesquisa, como tendo seu início em 1848, data de veiculação do primeiro jornal cametaense, intitulado *O Teo Teo*, e finalizando em 1903, data em que finalizou-se a publicação de *A Escrava Isaura*, último exemplo de prosa de ficção nos jornais da cidade, contemplando o fim da era dos Impérios, segundo a perspectiva de Eric Hobsbawm, uma vez que para o referido historiador o século XIX compreende três eras, cuja primeira (Era das Revoluções) inicia em 1789, com a revolução francesa, até 1848, a segunda de 1848 a 1875,

conhecida como a Era do Capital e a terceira, denominada de Era dos Impérios, indo de 1875 a 1914, com a Primeira Guerra Mundial.<sup>1</sup>

Apesar de termos notícia de, pelo menos, trinta e nove jornais que circularam na cidade durante o século XIX, conforme consta na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, apenas sete foram preservados e podem ser consultados. Dessa forma, após minucioso trabalho de classificação de todo o material e análise de cada uma das 392 edições encontradas, foi construída uma tabela com toda a prosa de ficção publicada, totalizando cinquenta e quatro textos veiculados em seis periódicos diferentes.

Para uma melhor organização e entendimento, este trabalho foi dividido em quatro seções. A primeira, a Introdução. Na segunda parte, intitulada *Cametá: uma visita através das páginas da imprensa* foi utilizada como fonte majoritária, os periódicos da capital da Província do Grão-Pará, além dos da própria cidade, sendo traçado um breve panorama a respeito da história cametaense, destacando os momentos importantes desde sua fundação por meio dos fatos e notícias veiculados neles. Posteriormente, discorre-se a respeito dos principais clubes e sociedades literárias e culturais que tiveram lugar na cidade durante o século XIX.

Já na terceira seção, que tem por título *A imprensa de Cametá: um breve panorama* aprofunda-se o estudo dos sete periódicos disponíveis no Centur e na Hemeroteca Nacional. Assim, foi feita uma breve descrição e explanação sobre cada um dos jornais, suas principais características, proposições, relações políticas, sociais e culturais, além de verificar como se deu a transmissão e veiculação da cultura letrada em suas páginas.

Por fim, na quarta seção, *As Belas-Letras nos jornais de Cametá: uma análise da prosa de ficção* foram selecionadas as prosas de ficção *Bruto!* de Julia Lopes de Almeida; *A Monja*, de Soror Amélia; *O Poder de um Retrato* e *Segredo de uma Confissão*, sem autoria reconhecida; *O Pão de Ouro*, de Édouard Laboulaye; e *Esmola de Amor*, de André Theuriet, com o objetivo de analisar e verificar as principais temáticas de tais escritos.

Ao observarmos a tabela onde catalogamos toda a prosa de ficção publicada em Cametá, levamos em consideração a data de publicação, ter a autoria designada, estar completo no jornais e assim selecionamos narrativas que seguiam três temas: narrativas com autoria feminina; narrativas com pano de fundo luso-português e narrativas de autores franceses.

---

<sup>1</sup> Conferir: HOBBSAWM: 1982; HOBBSAWM: 1982; HOBBSAWM: 1988

## 1 CAMETÁ: UMA VISITA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DA IMPRENSA

### 1.1 CAMETÁ: UMA HISTÓRIA

Fundada em 24 de dezembro de 1635, Cametá é uma das cidades mais antigas do estado do Pará, hoje com 382 anos. Localizada em um platô à margem esquerda do imponente rio Tocantins, possui uma grande tradição e importância histórica e cultural, além de muita beleza natural, que advém de suas praias, igarapés, florestas e ilhas.

São várias as menções à cidade nos jornais publicados na Província do Grão -Pará. Durante esta pesquisa, encontramos mais de 5 mil notas, a maior parte em relação às viagens e vapores que saíam ou chegavam à cidade. Um número tão grande nos permite averiguar sua importância em um contexto regional e também nacional, como será visto nesta seção.

Dentre as informações encontradas damos ênfase à nota publicada no jornal *Treze de Maio*, em 23 de janeiro de 1845, tratando do fluxo de correspondência que partia do Correio do Pará em direção à cidade do interior no mesmo dia:

Dá-se mala ao Vapor Baiana para as diversas Províncias do Império no dia 23 do corrente mês e as cartas se recebem até as 5 horas da tarde. Saem para Santarém no dia 23 do dito mês a corveta Flor do Mar; para Cametá no dia 25 a Canoa Abicora para Santarém no dia 27 o Barco Constâncio; e no dia 29 para Monte Alegre, a Canoa Conceição, e receberã o as malas do Correio no dia da saída. Correio do Pará 20 de Janeiro de 1845 (*Treze de Maio*, n. 475, 23/01/1845, p.1).<sup>2</sup>

Tal notícia denota o grande trânsito entre a capital e Cametá. Apesar do número de notícias com esse mesmo caráter informativo, há várias notas que demonstram o apreço que as pessoas da época tinham pela cidade. Um exemplo disso é o texto publicado no jornal *O Jasmim*, em 26 de janeiro de 1873, que faz uma exaltação à cidade e descreve suas paisagens e atrativos em sua primeira edição:

A risonha e aprazível cidade de Santa Cruz de Cametá (Cametá é corrupção, ou antes modificação da palavra Camutá, nome de uma tribo gentílica que aqui vivia) inquestionavelmente a segunda cidade da riquíssima província do Grão Pará, está assentada na margem esquerda do rio Tocantins, treze léguas acima da sua foz, em terreno plano, mas sobranceiro ao leito do rio. O clima é ameno e saudável, os cametaenses de trato cavalheiroso e muito obsequiosos. Foi fundador dessa importante povoação Feliciano Coelho, primeiro capitão mor e senhor donatário de Cametá, em dezembro de 1635, lançando lhe os primeiros fundamentos no sítio que atualmente se denomina Cametá tapera, légua e meia ao correr do rio, do lugar onde ela agora se acha.

A escolha do terreno não nos parecia que fosse feliz, faz o rio aqui uma pequena enseada na qual as água correm com tamanho ímpeto, que, depois de terem

<sup>2</sup> Somente a ortografia dos jornais foi atualizada, preservamos sua pontuação. O mesmo vale para citações futuras.

destruído a barreira que as apertava, minam os alicerces da cidade, tendo já subvertido boa parte dela.(...) A cidade entende-se com a natural e atraente indolência das famosas filhas dos trópicos, pela margem do rio, as ruas são mais ou menos alinhadas mas estreitas, as praças espaçosas, as casas de construção regular, mais térreas que altas, não passando as altas quase nunca, de primeiro andar d'entre umas e outras surgem algumas de arquitetura elegante e gosto moderno. Cameté é império de rico comércio que se faz pelo rio Tocantins: serve de escala as embarcações que navegam entre a cidade de Belém e a província de Goiás, sendo o cacau, do qual há duas safras por ano, o seu principal gênero de produção. (...) Cameté, terra de tais como D. Romualdo Antônio de Seixas, sábio arcebispo da Bahia e Marquês de Santa Cruz; D. Romualdo de Souza Coelho, bispo do Pará, do Dr. Ângelo Custódio Correia, que morreu mártir de seu dever e amor aos cametaenses quando o cólera-morbus lhe invadiu a cidade; e de padre Prudêncio José das Mercês Tavares, que a frente de seus valentes conterrâneos defendeu Cameté dos horrores da anarquia em 1833 com a bravura de um verdadeiro herói (*O Jasmim*, n. 1, 26/01/1873, p.1).

Têm-se aqui vários pontos importantes a respeito da cidade, tais como sua localização, o grande fluxo de movimento de chegada e saída, e seus homens ilustres, como D. Romualdo de Seixas, Padre Prudêncio, entre outros. Também o *Anuário de Belém*, no ano de 1915, faz um balanço do desenvolvimento do estado no seu Tricentenário (1616 a 1916), por iniciativa de Inácio Moura, no qual dedica uma parte à cidade de Cameté e resume assim sua história:

Tem belas páginas na história do Pará esse encantador Cameté, adiantada cidade debruçada à margem esquerda do volumoso Tocantins.

Suas terras foram doadas em 1633 a Feliciano Coelho, que no local conhecido como Cameté-tapera fundou, em 1635, a Villa Viçosa de Santa Cruz do Camutá, sendo ao depois transferida a sede da vila para o lugar onde se encontra presentemente.

Em 1848 a lei provincial de nº 145 de 24 de Outubro deu-lhe foros de cidade, sendo antes, em 1841, declarada comarca geral; e de segunda entrância em 1850 e 1872, dela fazendo parte Baião e Mocajuba.

Cameté é berço de homens iminentes, tais como: os dois Romualdos, dr. Ângelo Custódio Correia, dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, Padre Prudêncio das Mercês Tavares, coronel João Gonçalves de Moura e tantos outros que ocuparam lugar destacado na política como nas letras pátrias. Também ali nasceu o Doutor Enéias Martins, atual governador do estado, que na capital do país, ao lado do saudoso Barão do Rio Branco, e no cargo que ocupa, tem dado sobejas provas de seu talento de eleição.

A cidade conta magníficas ruas e praças, ostentando uma regular edificação, numerosos sobrados e vários templos suntuosos e vastos, sendo iluminada a gás benzol, sistema moderno Fischer, com camisas incandescentes.

Tem bom porto de mar onde podem atracar vapores de alto bordo e grande calado. É sede da comarca de seu mesmo nome, da qual faz parte a cidade de Mocajuba, como 2º distrito judiciário.

No seu município contam-se as vilas de S. Benedito, Limoeiro, N. S. do Carmo do Tocantins e as povoações Carapajó, Juaba, e Cameté tapera.

Cameté exporta cacau, borracha, frutos, doces, peixes e cereais (*Anuário de Belém*, 1916, p. 165).

Além dessas informações pertinentes, o artigo apresenta um dado importante: a cidade contava na época com 32 mil habitantes, um número considerável para uma cidade do interior na época.

Tal publicação conta também com um relato a respeito da topografia e outros fatos históricos sobre a área, intitulado *Topografia de Cametá em 1836: suas produções e outras lembranças*, fruto dos apontamentos do Padre Franco. Tal registro se faz necessário para se ter ideia de como era a cidade na época:

A atual cidade que pouco tem aumentado materialmente nos extremos e fundos, decresceu consideravelmente no litoral pelas caídas da ribanceira, de forma que mal se pode fazer ligeira ideia do que fora outrora a vila, pelo lado do rio.

Eis os antigos limites, naquela época: Pelo Norte, a travessa *Dr Inácio Moura*; (1) pelo Sul, a travessa *Santos Dumont*; (2) e pelos fundos *um caminho*, com mais de uma braça de largo, conhecido então pelo nome de *5ª Rua*, anos depois alargada, ora ocupada pela rua *23 de Novembro*, interrompida pelo centro da praça, *Deodoro da Fonseca*, que se comunicava com as travessas que cortavam a vila.

Como se vê, a área era pequena, entretanto continha uma população superior a 6.000 almas, e possuía, nas 1ª, 2ª e 3ª ruas luxuosos e belos prédios térreos e sobradados, estando hoje, uns desmoronados, outros meio demolidos e, ainda outros completamente desaparecidos.

Os seus arredores eram bastante povoados. (*Anuário de Belém*, 1915, p. 108).

Algumas das ruas e imediações citadas acima já não existem mais ou mudaram de nome, como a travessa Santos Dumont e Deodoro da Fonseca, e outras, como a travessa Dr. Inácio Moura, transformaram-se em avenidas. O artigo prossegue informando as principais fontes de renda, como a produção de diversos tipos de azeites e óleos (andiroba, patauá, cumarú e castanha), cultivo de milho, anil, tabaco, algodão, arroz, cevadinha, canela e laranja, cacau, abacaxi, abacate, entre outros. Apesar de ter a capacidade de produzir tanta diversidade, Padre Franco afirma que a maior parte do comércio, que um dia floresceu na cidade, desapareceu devido à indolência dos trabalhadores que só se empregavam na produção da borracha.

Outro dado noticiado pelo autor é o problema da queda da ribanceira da cidade, devido às marés e chuvas abundantes:

No litoral, a partir da praça *República*, em direção à foz do rio dessa época a nossos dias, muitas braçadas de ribanceira aluíram pela impetuosidade da correnteza do nosso formoso rio Tocantins, levando a metade da rua *São Bernardo*, na parte *Norte*, que tinha uma fila de casas cobertas de palhas de bussú e muitos bons prédios com quinta is para o rio, plantados de cafeeiros, caneleiras, coqueiros e palmeiras; rua esta que ia desembocar na travessa hoje chamada *José Bonifácio*, canto da casa em que está o estabelecimento comercial do sr. Carlos de Vasconcelos (*Anuário de Belém*, 1915, p.109).

Além dessa, encontramos notícias a esse respeito em outros jornais. Como, por exemplo, a *Folha do Norte*, que publicou em 14 de fevereiro de 1896 na coluna *Gazetilha do Interior*, um trecho de uma notícia do jornal cametaense *O Comercial*:

Esse grande mal é a queda constante do litoral da cidade; pelo que torna -se necessariamente urgente e imprescindível um meio para evitá -la principalmente da travessa João Augusto até a rocinha da viúva Souto, e frente da travessa à praia das Mercês, não falando do espaço em continuação ao cais que devia passar em frente à travessa Marquês de Santa Cruz.

Além disto está à vista de todos que será de muita utilidade um trapiche com as acomodações necessárias para o embarque e desembarque, pois os velhos que existem não estão em condições de satisfazer as necessidades públicas. Não será excessivo lembrarmos também a necessidade de uma casa para cadeia pública com as condições higiênicas e acomodações para quartel que se preste melhor que a que serve para isso e a qual pode ter outra aplicação (Folha do Norte, 14/02/1896, p.1).

Mencionar essa questão se faz importante, pois foi a queda das ruas, além do constante aumento populacional devido à chegada dos judeus, negros e outros, que fez com que as autoridades decidissem mudar a vila da localidade inicial de Cametá-Tapera, para o local atual, mudança essa que ocorreu em 1702.

Outro fato da história cametaense suscitado pelo texto do *Anuário de Belém* é a questão da participação da população local no movimento conhecido como Cabanagem. Esse foi um movimento de revolta social ocorrido na Província do Grão-Pará, que continha os estados de Amazonas, Pará, Amapá, Roraima e Rondônia, no Império do Brasil e durou de 1835 a 1840. Relegado o povo a uma posição de insignificância e pobreza, fome e doenças pelo Príncipe Regente, D. Pedro II, o movimento pretendia aumentar a importância do estado para o Brasil, melhorar a qualidade de vida da população e tirar do poder os governantes da época.

O nome do movimento originou-se devido às cabanas em que parte da população local, principalmente, mestiços e índios, vivia, o que por si só evidencia as condições atroz de vida da época. Os fazendeiros e comerciantes locais estavam insatisfeitos com o governante nomeado para a província, foi em Cametá que primeiro se deu o grito da revolta.

Além do início do movimento ter começado na cidade, foi de lá também que saiu Ângelo Custódio Corrêa, rumo a Belém, para atender ao chamado do Governo Cabano, chefiado por Antônio Vinagre, para assumir a Presidência da Província. Depois de vários desentendimentos, ele acabou não assumindo o governo e retornou a Cametá, onde tomou posse, com o apoio do povo cametaense, do cargo perante à Câmara Municipal. Dessa forma, Cametá se tornou, por um breve período, capital da Província do Grão-Pará.

No *Anuário de Belém*, do ano de 1915, em um tópico intitulado *Últimas tentativas dos cabanos em Cametá*, Padre Franco discorre sobre a participação da cidade no movimento cabano:

Decorriam os últimos dias do mês de maio de 1836.

Ignorada a transformação que se operara em 13 e 14 desse mês na capital da nossa antiga Província, cabanos em número de 250 vieram de *Oeiras* e assaltaram a vila defendida pelo Padre Prudêncio.

Vinham animados pela promessa de recursos materiais que lhes fizeram Angelim, que ainda julgavam presidente da Província.

Aqueles acontecimentos imprevistos, porém, mudaram completamente de face o movimento revolucionário, de sorte que os cabanos do interior ficaram isolados dos da capital, sem notícias nem instruções.

Padre Prudêncio estava sempre atento, não se descuidava, e tinha fiéis companheiros.

Pois bem: esses cabanos comandados por um tal Saraiva, apresentaram-se inesperadamente às 8 da noite, mais ou menos de sexta-feira, 27 de Maio, desse ano, em casa de Venâncio José da Silva, morador nas circunvizinhanças de Cupijó, na parte *cima*, procurando o tambor-mor das forças legais José Nazário, que, constava-lhes, estava em seu retiro, no fabrico da farinha.

Cercada a casa, prenderam Venâncio Silva, João Henrique de Lima, Manoel Furtado de Mendonça e Antônio Correia de Souza que se achavam na casa, e amarraram-nos. Depois Saraiva chamou João Manoel dos Passos, por apelido Areia, filho de Nazário, a quem confiou 20 e poucos homens para ir prender seu pai, que não se achava distante do *acampamento* (grifo do autor) (*Anuário de Belém*, 1915, p.110).

O posicionamento de Padre Prudêncio e seus companheiros contra os revoltosos, explicado na citação, levou a cidade a se fortificar, batalhões foram formados e houve luta contra os cabanos que tentavam tomar a cidade, tornando -a um baluarte da legalidade e do Império. Os cidadãos cametaenses não apenas resistiram contra o ataque, mas acabaram por tomar também a cidade de *Oeiras* do controle dos cabanos. A repressão à Cabanagem foi tamanha que levou ao massacre de aproximadamente 30 mil pessoas e deixou a capital totalmente destruída. Hoje, na cidade de Cametá, ainda encontram-se algumas referências a esse movimento, como o monumento em homenagem à resistência à Cabanagem.



Figura 1 – Monumento à resistência à Cabanagem



Foto: Da autora, 2015.

Nessa obra podemos ver de um lado, Padre Prudêncio com sua tropa embaixo da histórica Sumaúma, de outro os revoltosos chegando à cidade em seus barcos. Apesar de ser conhecida como a “Cidade Invicta” devido ao seu sucesso na defesa contra os cabanos, a cidade não ficou imune a duas grandes tragédias que assolaram a população: as epidemias de varíola em 1662 e do *cólera-morbus*. Nos jornais de Belém encontramos notícias sobre essa epidemia. O periódico *O Pelicano*, de 4 de julho de 1872, em nota com o título *Aos poderes competentes*, informa que as febres continuam a fazer vítimas e que:

Mesmo em Cameté tem morrido muita gente, sem os socorros espirituais, não obstante o seu pároco ser incansável; pois não é possível que um só padre possa ministrar os sacramentos a tantos infelizes, a um só tempo, e em lugares diversos e distantes uns dos outros. É pois a bem da humanidade, e em nome desses infelizes que, pedimos aos poderes competentes, mandem alguns padres para esses lugares, pois que, dessa sorte o clero paraense prestará um relevante serviço à causa da humanidade, e Deus lhe dará a recompensa (*O Pelicano*, 04/07/1872, p.02).

Essa situação calamitosa continuou a se propagar na cidade e arredores, o que preocupava a população e a imprensa. Na edição 27 de *A Regeneração*, do dia 31 de julho de 1873, encontra-se uma nota sobre isso, afirmando que a mortandade já dura mais de três anos e cada vez há mais vítimas e pede para que o Presidente da Província possa destinar mais verbas públicas para a cidade. Além de ssa notícia, a mesma edição apresenta a transcrição de um artigo de autoria do juiz de Direito e presidente da Comissão Oficial de Socorros, Antônio Henriques de Miranda,

publicado no periódico cametaense *O Tocantins* e com o título de *Fome, Nudez, Luto e Dor*:

Eis o teu presente estado, desditosa comarca de Cameté! Outrora tão risonha e florescente! Teus numerosos habitantes satisfeitos, alguns com a sua riqueza, muitos com a sua indústria e comércio, a maior parte com a sua pobreza, desconhecida totalmente a miséria, o que são hoje?! O que apresentam nesta quadra lastimosa? Pobres miseráveis semblantes desfigurados, magreza geral coberta de luto esqueletos por todas as casa! Mais de quatro mil de teus pacíficos habitantes tem sido vítimas de uma terrível, duradoura peste! E ainda quatro, cinco, seis e mais, diariamente se sepultam em cada um dos teus muitos cemitérios! Castigo de Deus, que ameaça despovoar-te! (A Regeneração, n. 27, 31/07/1873, p. 3).

Essa notícia é de suma importância, pois mostra que, passados três anos do início da epidemia, mais de quatro mil pessoas já haviam falecido e muitos mais ainda seriam vítimas. O autor prossegue pedindo que as autoridades voltem seus olhares aos cidadãos cametaenses nesse momento de luto e dor. Após quase vinte anos de doença e morte, a edição 49 de *O Jasmim*, anunciou em 28 de dezembro de 1874, que a devastação havia acabado:

Desde que as malditas febres devastam esta formosa filha do Tocantins e seus contornos, que ainda não passamos uma noite de Natal como a do presente ano!

Cantarolas, música, pagodes, flores, foguetes, risos, enfim tambores e mais tambores, tudo anunciou que o estado mórbido que o povo se (palavra ilegível), já se foi à vela, e que finalmente a cólera divina aplacou-se, graças às súplicas do santo padre Dácia! A risonha alegria de mãos dadas com o prazenteiro folguedo invadiram o seio das famílias Cametaenses, há tanto tempo orvalhadas de lágrimas e cobertas com o negro crepe do luto. Parabéns (O Jasmim, n. 49, 28/12/1874, p. 4).

Aliviada pelo fim das febres que mataram milhares de pessoas durante anos, a população conseguiu enfim seguir com a normalidade. Outro fato que beneficiou a cidade e promoveu um avanço tecnológico foi a instalação da linha telegráfica pela companhia *Amazon Telegraph Company*, conforme informou *A Folha do Norte*, consoante notícia de *O Industrial*, em 5 de fevereiro de 1896 (n. 36, p. 1): “A *Amazon Telegraph Company* já tem em Cameté encarregado de seu serviço, à espera de que se continue o respectivo ramal.”. Sendo esse um acontecimento importante, em 1 de abril, no mesmo jornal, foi transcrita uma notícia também de *O Industrial* a respeito de sua inauguração:

Achava-se embandeirada, desde o dia 11 do corrente mês, a praça da matriz, onde está situada a casa escolhida para a estação telegráfica que ligará a cidade à capital e a todo o mundo civilizado.

Ao despontar do dia doze avistaram-se ao longe os navios da companhia.

Às 11 e meia hora chegou a lanchinha *Jacaré*, trazendo gente para começar os trabalhos, dando notícia do *Faraday* e regressando àquele lugar.

O *Faraday* e o *Cochrane* achavam-se nas proximidades da ilha *Cacoal* em consequência de ter esbarrado aquele nos baixos dessa ilha.

Ao saber-se que os navios entrariam com a maré cheia o povo revestiu-se de verdadeiro júbilo, ansioso pela chegada do cabo.

À uma hora da tarde chegou o *Cochrane*, trazendo a comissão encarregada do serviço, trabalhadores e os respectivos aparelhos que foram desembarcados pela ponte e rampa da Travessa das Flores, onde o navio atracou. Iniciaram-se então os trabalhos, sendo então o aparelho da estação assentado às quatro horas da tarde e o cabo depois das cinco. Às três e meia da tarde chegou o *Faraday*, que foi saudado por bastas girândolas de foguetes, partidas de diversos pontos da cidade, sendo em maior quantidade as da praça da Matriz, onde houve salva de morteiros.

Sabendo-se então que o cabo seria levado, para o irem assentando daqui até Belém, o povo, que já esperava-se de lá, ficou mesmo entusiasmado do que se achava, mas sempre esperançoso pela realização de tão importante quanto útil empresa.

Havia-se já preparado a música e tratado de o ferecer à comissão encarregada do serviço um baile na casa do nosso amigo José Monteiro dos Santos, arranjada para isso, promovido pela comissão encarregada dos festejos; mas não vindo o cabo, como era esperado, ficaram adiados os festejos para o dia da inauguração, devendo dar-se somente uma *soirée*, que se realizou na noite passada na mesma casa. No número seguinte daremos notícia da *soirée*.

Concluídos os trabalhos aqui, seguiram no dia seguinte os navios rio abaixo com destino a Soure, deixando o cabo (*Folha do Norte*, 01/04/1896, n. 92, p.1).

A expectativa da possibilidade de comunicação com a capital era grande, o que fica claro na notícia da *Folha do Norte*. No mesmo jornal, no dia 16 de abril, uma pequena nota afirma que “devem-se no próximo domingo começar as comunicações telegráficas com Cametá, conforme nos informaram ontem no escritório da *Amazon Telegraph*.” (*Folha do Norte*, n. 107, 16/04/1896, p. 3). Efetivamente as transmissões foram iniciadas, conforme nota do dia 17:

Já iniciou-se a transmissão de despachos entre Belém e a tradicional cidade do Tocantins.

Ao diretor da *Folha* foram ontem transmitidos congratulações e cumprimentos por esse fato, que fala bem alto em prol dos nossos progressos.

As saudações das autoridades e pessoas daquela cidade, expressas nos telegramas recebidos, retribuimos com os melhores votos pela prosperidade do Tocantins (*Folha do Norte*, 17/04/1896, n. 108, p.1).

Tido como um símbolo do progresso e desenvolvimento para a cidade, o Telégrafo foi o início do avanço que a cidade ansiava, posto que outras iniciativas similares já haviam sido frustradas, como é o caso da linha de bondes, que aparentemente foi interrompida. No dia 19 de junho de 1888, o *Jornal das Novidades* publicou uma nota com o título de *Bondes em Cametá*: “consta-nos que vai levar-se a efeito o assentamento de bonde naquela cidade, cujos trilhos estender-se-ão até os arrabaldes de Parijós, Curimã, Pacajá e Cametá Tapera. Segundo nos informaram há grande número de pessoas que pretendem tomar ações” (*Jornal das Novidades*,

19/06/1888, n.14, p. 3). Infelizmente não foram encontradas mais notícias a esse respeito nos jornais da capital e nem da própria cidade, e a falta de outros vestígios desse empreendimento leva a crer que a linha de bondes não chegou até lá.

A respeito da configuração da cidade encontramos menção em algumas fontes, entre elas, o *Paleógrafo ou Arte de Aprender a Ler a Letra manuscrita para uso das Escolas da Amazônia*, de autoria do Dr. F. P. C. de Freitas, confeccionado em Lisboa no ano de 1871, no qual observa-se pela figura 2 que a cidade de Cameté contava com “2 mil habitantes, mais de 300 casas, algumas de bom gosto, 4 ruas, 10 travessas, 3 Igrejas e 3 praças, e empório de importante comércio com a Capital do Pará”.

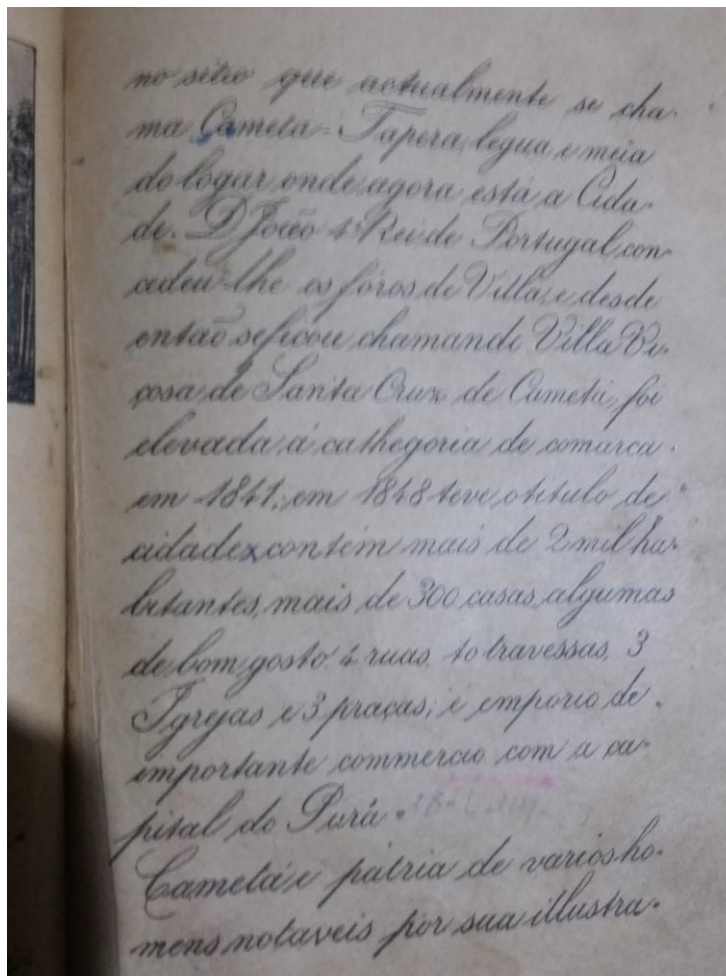
Já em 1896, a *Folha do Norte* (29/04/1896, n. 120, p. 2) publicou um relatório dos trabalhos dos agentes recenseadores na cidade. Nesse ano, haviam cinco ruas, nove travessas, um largo e cinco praças, dezenove sobrados, 305 casas térreas, o que compreendia um total de 1.602 habitantes, entre os quais 735 eram homens e 867 mulheres. Já no que dizia respeito aos subúrbios, o número era de 2.858 pessoas em 519 casas (1.364 homens e 1.494 mulheres). Nos arredores e interiores se configurava assim: no rio Parurú havia 1.685 moradores; 552 no rio Itanduba; no território do Juaba contabilizava-se 957; no rio Mutuacá 1.828; rio Mendaruçú 1.333; em Tamanduá, 1.292 habitantes; nos rios Mupi e Joroca, 2.319; em Limoeiro, 599; Juçara 549; Providência 1.016; em Mahú 1.454 habitantes; 1.128 em Carapajó e em São Benedito, 1.394, perfazendo-se um total de 20.566 habitantes, sendo 10.337 mulheres e 10.229 homens.

Consolidando as referências à cidade, o periódico cametaense *O Industrial* publicou em 23 de abril de 1903, um artigo com o título *A Cidade de Cameté*, o qual traça um panorama sobre a cidade:

Da Aldeia de Parijós a Vacaria, entre o rio Aricurá e os igarapés Curimã e Jacruacú, da margem esquerda do Tocantins ao sudoeste, estende-se com cinco metros acima da preamar, um planalto de terra fertilíssima, de um a três quilômetros de largura, sobre cuja parte mais oriental, desde a foz do rio Aricurá até a Fábrica, pousa a cidade de Cameté, o povoado mais antigo do Pará, depois da Capital do estado.

Em seu patrimônio municipal, que compreende esse planalto, ocupa uma área de sessenta hectares, banhada em uma extensão de um quilômetro, pelas águas tocantinas, sendo esta extensão ocupada em cinco hectômetros por um cais de pedra com cimento, de quatro metros de altura da baixa mar e mais de um metro de largura na base. Um paredão de pedra e cimento, de quarenta e cinco metros de comprimento, seis de altura e mais de um de grossura na base, tendo uma escada ao lado e sobre ele um bom parapeito de materiais do mesmo gênero, sustenta parte da rua 15 de Novembro, entre as casas de Antônio Lobo e Antônio Barra (*O Industrial*, n. 312, 23/04/1903, p. 1).

Figura 2 – Página do paleógrafo a respeito da cidade de Cameté



Fonte: *Paleógrafo ou Arte de Aprender a Ler a Letra manuscrita para uso das Escolas da Amazônia*, F. P. C. de Freitas, 1871

Tal nota segue afirmando que a cidade possui sete ruas e 14 travessas, “as ruas seguindo da margem para o centro, são: 1.º – Cônego Siqueira; 2.º – São João Batista; 3.º 15 de Novembro; 4.º – 13 de Maio; 5.º – Independência; 6.º – Conselheiro João Alfredo; 7.º – A conhecida vulgarmente pelo nome de rua nova” (*O Industrial*, 23/04/1903, p. 1).

Para Cameté, iam diariamente vapores que transportavam passageiros e mercadorias, o que tornava seu porto bastante movimentado. Ademais, sua presença nos jornais era constante e o número de notícias e informações a respeito da cidade permitiu recontar um pouco de sua glória e fausto, além de alguns períodos de dor e sofrimento, a fim de ter uma ideia da relevância e magnitude desse interior paraense para o bem-estar e desenvolvimento da Província do Grão-Pará.

## 1.2 A VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA CAMETAENSE: UMA VISÃO DO PASSADO

No Brasil e no mundo, o século XIX trouxe progresso social e cultural. As cidades sofreram grandes avanços tecnológicos e populacionais e em Cametá não foi diferente. Seu comércio se desenvolvia sobremaneira e a maior parte da população tinha contato com as novas ideias que circulavam na província.

As pesquisas nos periódicos demonstraram que a vida literária e social cametaense era diversa. As notícias documentam os clubes, sociedades artísticas e gabinetes literários que os jovens frequentavam para se atualizar a respeito do teatro, dança e literatura na cidade. Foi por meio dessas organizações que floresceram os ideais políticos e literários dos jovens da cidade que se reuniam para debater e se inteirar das novidades

Dessa forma, as novas ideias eram discutidas nessas sociedades e saíam dos clubes literários, produzindo avanço e melhorias para a cidade como um todo. Durante a pesquisa com fontes primárias encontrou-se um grande número de notas a respeito desses locais de encontro da sociedade, em Cametá e que serão analisadas no tópico seguinte.

### 1.2.1 O Gabinete Literário Cametaense

Importante local de encontro da elite literária cametaense, o Gabinete Literário foi, durante muitos anos, a fonte de saber, conhecimento e entretenimento em Cametá. Em geral, os Gabinetes de Leitura eram, segundo Schapochnik (2005, p. 236): “uma segunda modalidade de biblioteca é aquela constituída pelos gabinetes de leitura ou bibliotecas associativas. Elas eram sociedades de caráter privado, implicando no pagamento de jóia ou na aquisição de ações”. Por conseguinte, pode-se imaginar que o Gabinete que teve lugar na cidade funcionava da mesma forma.

Iniciado em 24 de dezembro de 1871, segundo a edição 312 de 23 de abril de 1903 do jornal *O Industrial*, o Gabinete contava com vários sócios que se reuniam constantemente para tratar de assuntos literários, políticos, para discutir melhorias e avanços para a cidade e para locar livros da biblioteca do clube.

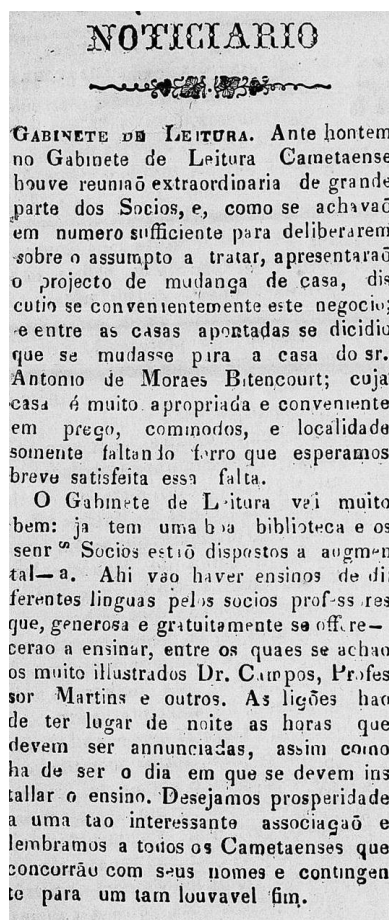
A primeira nota encontrada nos jornais sobre o Gabinete Literário Cametaense ou Gabinete de Leitura Cametaense foi no jornal *O Jasmim*, na secção Noticiário, em 4

de maio de 1873. Tal nota tratava a respeito da mudança de sede e remoção para a casa do sr. Antonio de Moraes Bitencourt (Figura 3):

O Gabinete de Leitura vai muito bem: já tem uma boa biblioteca e os senhores Sócios estão dispostos a aumentá-la. Aí vão haver ensinos de diferentes línguas pelos sócios professores que, generosa e gratuitamente se ofereceram a ensinar, entre os quais se acham os muito ilustrados Dr. Campos, Professora Martins e outros. As lições hão de ter lugar de noite. (*O Jasmim*, n. 15, 04/05/1873, p. 2).

Apesar do início louvável e da vasta biblioteca, com mais de 3 mil volumes, pode-se afirmar, a partir do relatório veiculado no jornal *O Industrial*, em 16 de janeiro de 1902, que o Gabinete sofreu um processo de declínio no final do século XIX e início do século XX.

Figura 3 – Anúncio sobre o Gabinete de Leitura



Fonte: *O JASMIM*, n. 15, 04/05/1873, p. 2

Nessa nota, seu presidente, Eunápio Philocreão afirma:

Na época atual, srs. e de um certo tempo para cá, ninguém ignora, todos nós conhecemos, por que estamos-lo vendo, o indiferentismo culposo e prejudicial que lavra desastrosamente em nosso meio no que respeita as sociedades existentes nesta cidade, esquecidas ou num grão marasmo tal, em tão triste e penoso estado que temos profundo dó que até mete pena

dizê-lo ou referi-lo. (...) A nossa Sociedade, srs. é uma das mais necessárias, uma das mais úteis, uma das mais proveitosas para o nosso meio, cuja, já não digo pobreza, mas falta de cultivo intelectual tem sido e é a causa primordial da decadência e morte de agremiações literárias entre nós. Pesa, sim, dizê-lo, mas é a pura verdade. *Dura veritas sed veritas!* A falta de gosto literário em nosso meio é tão patente, tão notória, que não se furta a observação de quem quer que seja que nos visite (*O Jasmim*, n. 250, 16/01/1902, p.2).

A descaso em relação ao Gabinete, como se nota, é grande, mas, segundo o presidente, no decorrer do relatório, o cultivo das Letras e das Ciências deve ser incentivado, e deve impulsionar os sócios a buscar o melhoramento intelectual, o que deve ser feito por meio da:

Criação de bibliotecas, pela aquisição de livros úteis e proveitosos que podemos ilustrar o nosso espírito, adquirindo aquela soma indispensável de conhecimentos uteis que elevam o cidadão àquele grau de ilustração e de valor moral que todos justamente admiramos e invejamos e que devemos imitar, para que não vivamos vegetando como os brutos, como os irracionais que a natureza criou debruçados e sujeitos ao estômago; para que não vivamos como aqueles que pela sua negação às letras, pela sua inércia, pela sua incúria, dados a gula, a moleza e ao luxo, ignorantes e incultos, vivem ainda em completo obscurantismo sem conhecerem-se a si próprios, nem os seus deveres de cidadão (*O Jasmim*, n. 250, 16/01/1902, p. 2).

Segundo o presidente, os membros deveriam tomar medidas para que a sociedade tornasse a se reerguer, como uma reforma da biblioteca e revisão do estatuto que estava obsoleto. Não se sabe se tais medidas foram tomadas, mas pela nota publicada a respeito do Gabinete pelo jornal *O Industrial*, em 23 de outubro de 1902, acredita-se que pouca coisa foi feita, conforme atesta o trecho:

É deveras lastimoso o estado atual desta agremiação. Formado hoje em dia de elementos antagônicos e heterogêneos, vai i decaindo lenta sim, mas sensível e fatalmente, tendo perdido há muito aquela força moral das sociedades bem organizadas e aquela força de coesão tão necessária à vida e manutenção de empresas tais. Não é de hoje o mal que o persegue, que a o infelicita e que o mata, ele vem de longe. Ha muitos anos que esta sociedade vai com decadência cada vez mais acentuada e crescente. Todos veem esse mal e sabem, conhecem-lhe a causa, mas por um descuido culposo e prejudicial a vida da sociedade por parte de todos os seus membros, não se lhe tem dado a importância e séria atenção e estudo que lhe merece (*O Industrial*, n. 287, 23/10/1902, p.3).

Indignado com o estado lastimável do Gabinete, o autor prossegue informando aos leitores que apesar dos esforços dos diretores e do interesse demonstrado por alguns dos sócios, tem-se também, por outro lado, se descuidado muito em realizar as decisões tomadas em reunião. Os presidentes ausentes, não dão “passo algum no desempenho de suas funções”, os tesoureiros não arrecadam dinheiro suficiente, os livros não voltam às estantes e os membros não se reúnem mais. O autor conclui afirmando: “é uma lastima, é!” (*O Industrial*, n. 287, 23/10/1902, p.3).

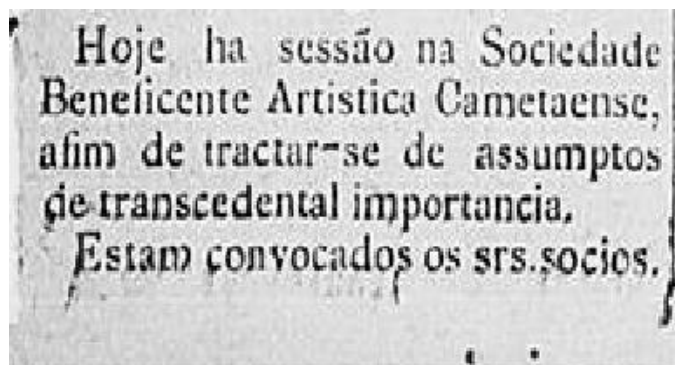


Não se sabe ao certo quando se deu o fim do Gabinete, pois não foram encontrados registros nos jornais que afirmem tal fato, mas acredita-se que não perdurou por muito tempo, pois, após a dura crítica citada acima, não foram mais localizadas notas nos jornais pesquisados a respeito do local e atualmente ele já não existe mais.

### 1.2.2 Sociedade Beneficente Artística Cametaense

A primeira referência encontrada nos jornais de Cametá à Sociedade Beneficente Artística Cametaense foi no jornal *O Comercial*, em 3 de julho de 1900, a nota diz: “Hoje há sessão na Sociedade Beneficente Artística Cametaense, afim de tratar-se de assuntos de transcendental importância. Estão convocados os srs. sócios” (*O Comercial*, n. 22, 03/07/1900, p. 3) Já em nota do dia 4 de fevereiro de 1900, há outra notícia informando sobre a solenidade de posse do novo corpo administrativo no salão nobre do novo prédio adquirido pela sociedade. O presidente eleito foi o Tenente Francisco Tiago de Leão e o evento contou, inclusive, com a visita de representantes da Benemérita Sociedade Mecânica Paraense, do Gabinete Literário Cametaense e da Sociedade Beneficente Artística Paraense, além de jornalistas de *O Comercial*.

Figura 4 – Nota sobre a Sociedade Beneficente Artística Cametaense



Fonte: *O Comercial*, n. 22, 03/07/1900, p. 3

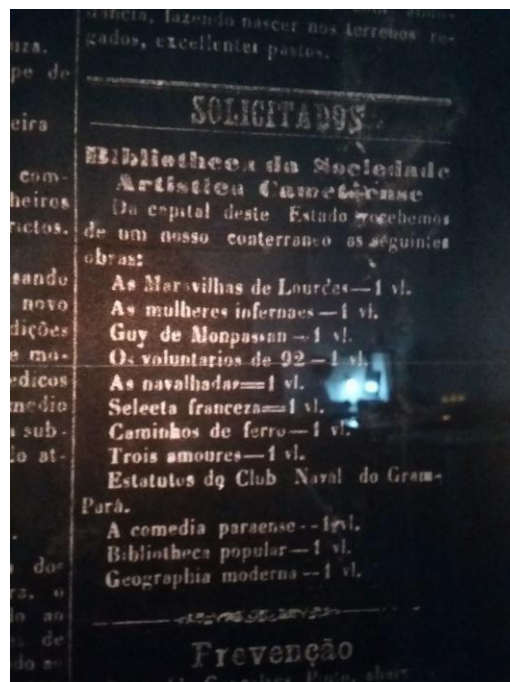
A presença de representantes de outras sociedades nessa solenidade evidencia sua importância para a elite cametaense, apesar de não terem sido encontrados muitos registros nos jornais, ela deve ter sido bastante próspera. Um exemplo disso é a nota que faz uma breve descrição a respeito da cidade de Cametá e suas atrações, publicada no dia 23 de abril de 1903, no jornal *O Industrial*: “A sociedade Beneficente Artística Cametaense, em louvável estado de prosperidade, funciona no

prédio da sua propriedade, à rua 13 de maio” (*O Industrial*, n. 312, 23/04/1903, p. 02).

Além disso, em nota no jornal *A Reação*, de 18 de outubro de 1891, tem-se a informação que a biblioteca da Sociedade recebeu uma doação de livros de “um nosso conterrâneo” da capital: *As maravilhas de Lourdes* (1 volume); *As mulheres infernais* (1 volume); *Guy de Monpassan* (1 volume)<sup>3</sup>; *Os voluntários de 92* (1 volume); *As navalhadas* (1 volume); *Seleta francesa* (1 volume); *Caminhos de ferro* (1 volume); *Trois Amores* (1 volume); *Estatutos do Clube Naval do Grão Pará*; *A comédia paraense* (1 volume); *Biblioteca popular* (1 volume); *Geografia moderna* (1 volume).

Uma vez que “O pensamento e a sua expressão escrita tem no livro uma forma de comunicação privilegiada. O livro é um meio de transmissão de cultura e um profícuo vector para a mudança das mentalidades” (RIBEIRO, 1999, p. 1), saber que essa sociedade possuía uma biblioteca e chegava a receber doações da capital, principalmente em uma época em que o acesso aos livros era bastante comprometido, já que eles eram caros e grande parte da população era analfabeta, demonstra a tentativa de uma maior difusão da leitura na região na época.

Figura 5 – Anúncio sobre a Biblioteca da Sociedade Artística Cametaense



Fonte: *A REAÇÃO*, n. 273, 18/10/1891, p. 2

<sup>3</sup> Há aqui uma modificação na grafia do nome do escritor francês Guy de Maupassant.

Dessa forma, apesar das poucas notícias encontradas a seu respeito, pode-se inferir que o trabalho dessa sociedade junto à juventude da cidade era bastante apreciado e importante por levar cultura e arte ao povo de Cameté.

### 1.2.3 Clube Artístico Cametaense

Fundado em 24 de fevereiro de 1895, o Clube Artístico Cametaense, teve atividades bastante prolíficas durante os anos de sua existência. A primeira menção a esse clube se deu em *O Industrial* no dia 31 de janeiro de 1901:

Trouxeram-nos seus cartões de despedida os srs. Eugène Profillet e Antônio Paiva, que há poucos dias aqui estiveram trabalhando no teatrinho do Clube Artístico, proporcionando agradáveis horas de distração aos apreciadores de seus gênios artísticos.

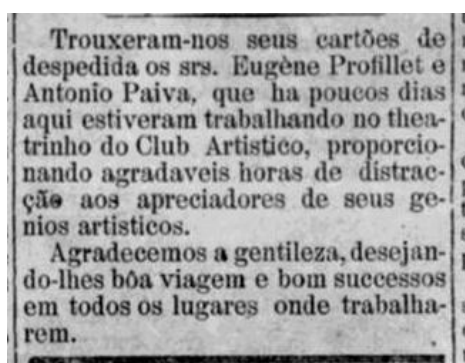
Agradecemos a gentileza, desejando-lhes boa viagem e bom sucessos em todos os lugares onde trabalharem (*O Industrial*, 31/01/1901, n. 199, p. 3).

Os gêneros representados variavam do monólogo à comédia e, geralmente, eram muito aplaudidas pelo público presente, como se observa na nota do jornal *O Industrial*:

Com regular concorrência tem se realizado os espetáculos anunciados pela companhia dramática da empresa do sr. A. Cruz e direção do ator Domingos Canedo, que está trabalhando no teatrinho do Club e Artístico. Na terça-feira houve espetáculo em benefício do ator Canedo e do empresário sr. Antônio Cruz. Na quarta-feira benefício dos atores Álvaro Ribeiro e Henrique Maia. Boa concorrência tiveram, sendo os artistas aplaudidos. Hoje haverá espetáculo em benefício da igreja Matriz. Ouvimos que a companhia seguirá para Belém no *Rio Tocantins* (*O Industrial*, n. 280, 04/08/1902, p 3).

Cameté desfrutava de várias manifestações sociais e artísticas, e o teatro era grande responsável por isto. Nas notícias encontradas, verifica-se um grande número de peças apresentadas no teatro dessa sociedade com atores e companhias da própria cidade e de fora. Apresentaram-se na cidade, além dos autores citados na nota, por exemplo: A. Ribeiro e H. Maia; o grupo dramático dirigido pelo ator Domingos Canedo; as companhias de A. Cruz e a Companhia Dramática Cosmopolita, entre outros.

Figura 6 – Anúncio sobre o Clube Artístico Cametaense



Fonte: O INDUSTRIAL, n. 199, 31/01/1901, p. 3

Entre as peças encenadas no clube, destacam-se *A filha do marinheiro*; *Os dois nenéns*; *Trocas e baldrocas*; *As duas mães*, do dramaturgo francês D'Eanery; *Os milagres de São Benedito*, esta realizada em benefício da reconstrução da capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos; *O advogado de honra*; *A adúltera*; *Os dois surdos*; *O diabo atrás da porta*, entre outras e tais exemplos podem ser averiguados, por exemplo, na nota do jornal *O Industrial* de 28 de agosto de 1902, que saiu na coluna intitulada *Teatro*:

Conforme foi anunciado, estreou na noite de 24 do corrente no teatrinho do Clube Artístico, o grupo dramático dirigido pelo ator Domingos Canedo.

Drama e comédia

Foram bem desempenhados; tendo os artistas se compenetrado dos papéis que representaram, agradaram geralmente.

A concorrência foi regular.

– Na terça-feira houve novo espetáculo com o drama *A filha do marinheiro* e a comédia *Os dois nenéns*.

Hoje haverá espetáculo com as comédias – *Trocas e baldrocas* em 3 atos e *Pinto Leitão & Comp.* Em um (*O Industrial*, n. 279, 28/08/1902, p. 3).

Não se sabe por quanto tempo o Clube Artístico durou, mas encontra-se referência a ele na notícia de 23 de abril de 1903 do jornal *O Industrial*: “O Clube Artístico Literário Cametaense, instalado em 24 de dezembro de 1871, já prosperou e goza estado nulamente lisonjeiro” (*O Industrial*, n. 312, 23/04/1903, p. 02) e a última notícia encontrada a respeito dele foi no mesmo jornal e publicada em 17 de setembro de 1903, de autoria de Lima Penante:

Em benefício dos estimados atores Antônio Soares e Álvaro Borges, esta companhia dramática, realizou dois espetáculos em as noites de 7 e 10 de setembro respectivamente. No primeiro espetáculo subiram à cena as espirituosas comedias: *Nhô Manduco*, *Os dois surdos*, *Tim-Tim Junior* e *O diabo atrás da porta*, que tanto agradaram o público cametaense. No benefício do ator Borges representou-se o emocionante drama em três atos: *A filha do marinheiro*. Ambos foram felizes porque tiveram uma boa casa, e a nossa plateia não regateou aplausos, aos dignos artistas que tomaram parte em ambos espetáculos. No início do espetáculo de 7 de Setembro, a orquestra que sempre tem andado mal, tocando em maior parte músicas recolhidas, executou qualquer coisa que lhe chamaram a atenção da independência, completamente desconhecido pelo nosso povo. Doutra vez para não errarem devem executar o vibrante hino de nossa pátria. Aconselhamos mais brandura nas notas dadas pelo instrumentos de metal, que numa inferneira carnavalesca, tiram a harmonia da peça em execução, dando uma triste ideia do nosso adiantamento na arte da qual Carlos Gomes foi rei. Ocupando-nos de novo dos artistas temos a dizer que todos os

membros da Companhia Cosmopolita, desempenharam na altura os papéis que lhe foram confiados. No final do último ato da *Filha do Marinheiro* no benefício de Álvaro Borges, a orquestra tocou o hino nacional que foi ouvido de pé e com o máximo respeito. No sábado passado, a companhia Cosmopolita, com os *Milagres de S. Benedito*, realizou um espetáculo em benefício da reconstrução da Capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos. O teatrinho do Clube Artístico foi pequeno para conter o grande número de espectadores, que disputavam uma cadeira. A plateia que estava ornamentada modestamente, realçava com a boa iluminação. Com este espetáculo a Companhia Dramática cosmopolita confiada a direção do impecável Máximo Gil, veio firmar mais o conceito que já goza em nosso meio. Na segunda-feira, 14, realizou-se o espetáculo em benefício da igreja de N.S. do Socorro de Parijós. Teve boa casa. Subiu a cena o emocionante drama *Adúltera*, e terminou o espetáculo com a interessante comédia *Travessuras de Cupido*. É realmente para lamentar a maneira inconveniente com que se portam por ocasião de certos pedaços do drama, muitas pessoas que silvam. Ora rindo-se e algumas vezes galhofando. A orquestra felizmente melhorou um pouco. Aos artistas foram oferecidos por muitas senhoritas, mimosos ramalhetes de flores naturais. A companhia por estes dias, retirar-se-á para Belém. Em a noite de segunda-feira, depois do espetáculo, fez a sua despedida o sr. Máximo Gil em nome da companhia, agradecendo o bom acolhimento que teve nesta hospitaleira cidade (*O Industrial*, n. 331, 17/09/1903, p.3).

As apresentações dramáticas, acompanhadas de orquestras alegravam e traziam entretenimento aos cametaenses. Na citação são mencionadas a ocorrência de várias peças, de gêneros diversos e que foram bem-sucedidas, tais como: *A Filha do Marinheiro*, *Tim Tim Junior* e *Nhô Manduco*. Apesar disso, Lima Penante chega a criticar a atuação dos músicos, que inicialmente não tocaram bem, e do público, que fazia galhofas durante o espetáculo.

Importante ressaltar a presença de uma figura do cabedal de José de Lima Penante na cidade de Cametá, visto que chegou a publicar a nota citada. Nascido em Belém, no ano de 1840, Penante foi, segundo Salles (2000):

um astro que muito brilhou e rebrilhou não só aqui como em outras plagas. No meu livro *Música e músicos do Pará* digo talvez com algum exagero – mas não me desdigo – que foi ele o criador do teatro regional paraense. Foi o nosso primeiro grande “amador” – que se iniciou no teatrinho das famílias Baena e Meninéa – e, seguramente, o nosso primeiro grande “profissional”. Pois conseguiu, em sua época, essa coisa extraordinária: viver profissionalmente do teatro. (SALLES, 2000, p. 7).

Considerado um grande ator, Penante “trabalhou com artistas famosos de seu tempo. Organizou seu próprio elenco. Foi o primeiro ator profissional a fazer a praça de Manaus, em 1869.” (SALLES, 2000, p. 8). A prova de sua popularidade e importância pode ser averiguada pelo fato dele ter dado nome a um dos principais teatros da Paraíba, o teatro Lima Penante, situado em João Pessoa, pois “foi quem instalou o teatro na Paraíba (numa parede do Teatro Santa Rosa, João Pessoa, está a

placa homenageativa)” (SALLES, 2000, p. 8). Apesar de ser pouco conhecido atualmente, Lima Penante é digno de nota, pois “seus rastros são bastante luminosos para que nos esqueçamos dele” (SALLES, 2000, p. 8).

Figura 7 – Nota sobre o Teatro do Clube Artístico Cametaense



Tendo em vista os clubes e sociedades que se estabeleceram em Cameté para discutir e socializar as produções literárias e artísticas, pode-se concluir que era grande o interesse dos cidadãos em divulgar e apreciar a arte e a Literatura, alavancando assim a cultura em terras cametaenses.

## 2 A IMPRENSA DE CAMETÁ: UM BREVE PANORAMA

Durante o século XIX foi efervescente o movimento da imprensa no Brasil, com significativa circulação de periódicos nas principais cidades do país. Além do Rio de Janeiro, capital da Corte naquele momento, na província do Grão-Pará, o movimento cultural foi intenso e as manifestações em jornais e revistas foram presentes em todo território.

Segundo Costa (2008, p.10), “o nascimento da imprensa no Pará se deu, concomitantemente, à chegada de ideias liberais advindas da Europa por meio de estudantes paraenses que de lá retornaram com a bagagem cheia de ideais revolucionários”, entre esses jovens estava Felipe Patroni (1794-1866), que acabou por fundar o primeiro jornal do estado, *O Paraense*, em 1822. Além dessa folha, de curta duração, várias outras surgiram e a imprensa ficou difundida igualmente na cidade de Cametá.

Atualmente, tem-se notícia de, pelo menos, quarenta jornais que circularam entre os leitores daquela região, segundo a *Revista do Instituto Histórico de Geográfico Brasileiro* (1908), no tomo consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil. A maioria desses jornais não foram preservados e não estão disponíveis para a consulta: *O Conservador* (1859-1873) – Folha religiosa, política, comercial e noticiosa, produzido na tipografia de Cacella e Filho; *O Curupira* (1860) – Publicação quinzenal; *O Liberal* (1861-1863) – Órgão do Partido Liberal, impresso na Tipografia do Liberal; *O Tocantins* (1869-1885) – Produzido na Tipografia do Tocantins; *O Progresso* (1876-1882); *O Cysne* (1877); *O Cametaense* (1881); *O Buquê* (1883); *O Resedá* (1884) – Periódico crítico e literário, quinzenal; *A Aurora* (1887); *A Imprensa* (1888) – número único; *O Vampiro* (1888) – Periódico crítico e literário, quinzenal; *O Futuro* (1890); *O Nacional* (1891) – Tipografia do Nacional, apenas 3 números; *Cidade de Cametá* (1894-1897) – Órgão do Partido Republicano Cametaense, Tipografia da Cidade de Cametá, *A Centelha* (1895) – Tipografia do Comercial; *O Colibri* (1895-1896); *A Phalena* (1896); *Cametá* (1897-1908) – Órgão do Partido Republicano, Tipografia do Cametá; *O Cacete* (1901-1902) Tipografia do Cametá; *A Voz do Pároco* (1902-1904) – Tipografia do Industrial; *O Radical* (1902-1904) – Tipografia de *O Industrial*; *O Mignon* (1904-1905) – Órgão independente, literário, humorístico e noticioso, Tipografia de *O Industrial*; *Folha Nova* (1905) – Tipografia de *O Industrial*; *O Domingo* (1905) – Periódico literário, humorístico e noticiosos, Tipografia do *Radical*; *Cor Jesu* (1906) – Tipografia de *O Industrial*; *O Povo* (1905-1906) – Tipografia de *O Industrial*; *Cenáculo* (1906) – Folha literária e noticiosa, Tipografia do *Cametá*; *Verdade e Fé* (1906-

1907) – Órgão do Grêmio Espírita Beneficente Romualdo Coelho, Tipografia de *O Industrial*; *A Sovelha* (1908) – Órgão Literário, Tipografia do *Cametá* .

Uma lista idêntica foi publicada no livro de Manoel Barata, *Formação Histórica do Pará*, de 1973. Apesar da maioria desses jornais não ter sido preservados e não podermos mais ter acesso a eles, durante nossa pesquisa, encontramos menções a alguns deles. É o caso do hebdomadário *O Futuro*. Em 30 de março de 1890 foi publicada uma nota em *A voz do Caixeiro*, dando conta do início da publicação cametaense:

É este o título de um hebdomadário que acaba de sair à luz da publicidade em Cametá.

Vem repleto de poesias e bons artigos, provando assim, que a literatura no interior do nosso estado, vai também nos degraus do progredir.

Agradecendo a gentileza da visita que se dignou fazer-nos, enviamos-lhes daqui os nossos cumprimentos, fazendo votos para que o novo coleguinha prospere e viva muito (*A Voz do Caixeiro*, n. 8, 30/03/1890, p. 3).

Apesar dos votos de prosperidade, aparentemente, o jornal não durou muito tempo, já que nos registros encontrados aparece que ele circulou apenas no ano de seu lançamento. Além desse, encontramos notícias também sobre *O Cametá*, *O Tocantins* e *O Conservador*. A respeito do primeiro, foi publicado na coluna *Imprensa* em 5 de março de 1898 em *O Pará*:

Pela mala do último pacote do Tocantins, recebemos o 1º número do *Cametá*, órgão do partido Republicano e que começou a publicar-se na cidade do mesmo nome, sob a chefia do nosso digno, o advogado sr. José Heitor de Mendonça, tendo como redator-gerente o sr. Agapito Lopes Paes.

Folha bem feita, seu programa é o mesmo do partido de que é órgão, votando-se em especial aos interesses da terra cametaense. Neste sentido traz um editorial, cuidadosamente elaborado. Daqui enviamo-nos ao novo e valente colega os nossos mais sinceros cumprimentos, fazendo votos leais e francos pela sua prosperidade, que tanto importa ao engrandecimento do partido, sob cuja bandeira gloriosa combatemos (*O Pará*, 05/03/1898, n. 81, p.1).

A imprensa cametaense tinha destaque nas páginas da província e se desenvolvia cada vez mais na cidade. Sobre os periódicos *O Tocantins* e *O Conservador*, há uma nota, em *O Jasmim*:

Saíram esta semana os dois jornais – *O Tocantins* e *O Conservador* –. Achamos nos seus artigos algumas inconveniências, mas como é negócio entre compadres, eles lá se avenham. O que queríamos era ver que se cuidasse no bem público, mas esse fica de parte assim como o interesse pelos nossos conterrâneos acometidos pela moléstia que grassa; pois tem aparecido queixumes e reclamações contra a distribuição que fazem das esmolas que o Governo manda. Não nos ocuparemos deste negócio por esse afeto a outras penas a outros pensares.

O que sabemos é que os tais artigos nesses dois jornais tem feito azedar bastante a alguém. Se for para bem; isto é, para fazer esbarrar alguns desmandos da parte das Autoridades ficaremos contentes; pois conhecemos quanto é perigoso o abuso da Autoridade quando vai de encontra às expressões da Leis (*O Jasmim*, 04/05/1873, n. 15, p. 2).



Como observamos, há uma espécie de rixa entre *O Jasmim* e *O Tocantins e O Conservador*, uma vez que o primeiro faz uma crítica sobre a falta de notícias a respeito das pessoas atingidas pelo cólera nos dois jornais. Na semana posterior, o mesmo jornal falou novamente sobre eles: sobre *O Conservador* somos informados que saíram novos artigos que revelam coisas e fazem sérias reflexões nas partes tocantes à autoridades. Já sobre *O Tocantins* é alegado que ele “vem tão feio e forte contra Doutores quiçás e Adredes tratando-os de imorais e devassos que não podemos saber a quem dirige o Tocantins nem o que ele quis dizer, tal desordem achamos na sintaxe de tais artigos!” (*O Jasmim*, n. 16, 11/05/1873, p.2).

O artigo prossegue, e a conclusão do autor é de que os ataques feitos devem ser dirigidos aos diretores de colégios, que são tão devassos a ponto de seus alunos desertarem de suas instituições, e também aos indignos juízes de órfãos. Apesar das críticas, o periódico aventou notícia sobre o *Tocantins* na semana posterior:

Sendo nosso jornal limitadíssimo, como é; e tendo de dar publicidade a um artigo que nos remeteram, somente diremos alguma coisa sobre o Tocantins e – Conservador – por serem jornais da nossa terra, deixando para o seguinte número o tratarmos dos de fora. O Tocantins saiu ontem com o seu número 110 inculcando-se – Órgão Nacional – e já com o nome do impressor para não dar grande trabalho a qualquer que se julgue injuriado ou caluniado que o pretenda fazer responsável; isto é um Cavalheirismo que não tínhamos visto em 109 números precedentes. Não sabemos a que atribuir esta nova denominação do – Tocantins –, mas lendo seu artigo de fundo, conhecemos quão inconvenientes as ideias desse novo órgão nacional. Ideias que não podem deixar de ser detestadas pela Nação; sem cor política mesmo; pois que dirigindo-se ao Periódico Conservador, com uma gana inaudita, lhe chama – Órgão dos Estrangeiros– e faz a esse respeito e neste sentido as mais *abomináveis* declamações; dissertações tão inconvenientes que nunca se virão sair dos Órgãos Liberais e mesmo Republicanos e só próprios do Tocantins e seu ascendente, o Jornal Tribuna (*O Jasmim*, 18/05/1873, n. 17, p.1).

Pela série de publicações inferimos que *O Jasmim* oferecia oposição aos ideais promovidos pelo *Tocantins* em suas páginas e não se conteve de criticar o seu conterrâneo novamente. No que diz respeito aos outros jornais que circularam na cidade não encontramos outros registros que permitissem analisá-los. Apenas sete periódicos estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital e no Centur: *O Teo Teo* (1848), *O Incentivo* (1851), *O Jasmim* (1873), *A Reação* (1886), *O Comercial* (1891), *O Artista* (1891) e *O Industrial* (1901) e que serão analisados nesse capítulo.

Esse número de jornais publicados em Cametá demonstra a importância da cidade no contexto regional e, até mesmo, nacional, uma vez que a divulgação de periódicos é um grande indicativo para fazer circular a cultura local e instruir e entreter seus cidadãos.

## 2.1 O TEO TEO

Figura 8 – Frontispício do jornal *O Teo Teo*

Fonte: O TEO TEO, n. 32, 04/07/1848, p.1

Impresso na gráfica de Santarém e Filho, localizada à rua do Espírito Santo, número 16, a primeira edição do jornal, afirmando ser um órgão crítico e humorístico, *O Teo Teo* disponível para consulta, data de 4 de julho de 1848, e corresponde à edição de número 33 do jornal com apenas 7 exemplares digitalizados. Contando com apenas duas colunas, o jornal possui a epígrafe: “Não tenhas minha musa medo deles. Vai batendo de rijo fogo neles.” de autoria de J. A. Macedo.

No que diz respeito ao seu conteúdo, o periódico publicou uma grande variedade de notas com teor político, como um que enfatizava as medidas necessárias para um aprimoramento da província do Pará:

Dissemos, que a 2.<sup>a</sup> circumstancia do melhoramento da Província do Pará, é sem dúvida a organização de leis bem fundadas, e muito convenientes e apropriadas à

criar, animar, argumentar e ajudar mesmo à lavoura, à indústria, e ao comércio, que são as fontes principais da riqueza de um país. Oh! que matéria tão vasta, e ao mesmo tempo tão delicada, como dificultosa, para em tão pequeno quadro compilar-se um resumo das ideias principais, que devem apontar - quais as leis indispensáveis, que deverão compor o todo dessa 2ª circunstância. Serão portanto as leis aquelas regras, mandamentos ou preceitos, que devem ser religiosamente executadas, cumpridas e observadas tanto pelos governantes, como pelos governados, para reger harmonizando a conduta geral dos indivíduos nos mútuos esforços de cada um, para o único fim de gozar-se os saborosos e sazonados frutos da frondosa árvore das sociedades civilizadas, a 1ª lei que se nos opõe aos olhos do entendimento, é na verdade a lei da criação (*O Teo Teo*, n. 32, 04/07/1848, p.1).

Essa foi uma tentativa do jornal de fazer jus a sua epígrafe, a de alertar, criticar e se posicionar contra as práticas que o periódico considera contrárias ao bem-estar da província e seus cidadãos. Entre as medidas sugeridas para o crescimento da região estão a de organizar leis que tragam benefícios às classes trabalhadoras, à lavoura, à indústria e ao comércio, como também beneficiem os proprietários de terras, entre outras.

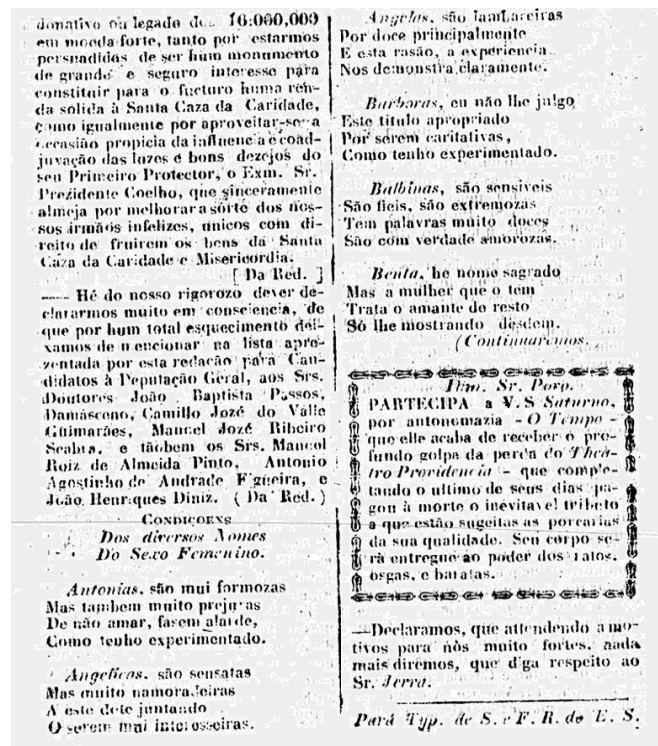
Além do conteúdo proposto pela folha, há também espaços reservados para avisos e propagandas, informes, correspondências, noticiário, entre outros. Não encontramos, nas edições disponíveis, nenhum exemplo de prosa de ficção no jornal *O Teo Teo* e apenas um poema foi publicado em suas páginas, no dia 27 de julho de 1848, intitulado “Dos diversos nomes do sexo feminino” (1-24), sem autoria reconhecida:

*Antonias*, são mui formosas  
 Mas também muito perjuras  
 De não amar, fazem alarde,  
 Como tenho experimentado.  
*Angélicas*, são sensatas  
 Mas muito namoradeiras  
 A este dote juntando  
 O serem mui interesseiras.  
*Angelas* são lambareiras  
 Por doce principalmente  
 Por esta razão, a experiência  
 Nos demonstra claramente.  
*Barbaras*, eu lhe julgo  
 Este título apropriado  
 Por serem caritativas,  
 Como tenho experimentado.  
*Balbinas*, são sensíveis  
 São fieis, são extremosas  
 Tem palavras muito doces  
 São com verdade amorosas.

*Benta*, é nome sagrado  
 Mas a mulher que o tem  
 Trata o amante de resto  
 Só lhe mostrando desdém.<sup>4</sup>

Percebemos aqui que o poema faz uma espécie de análise da personalidade feminina em função de seus nomes, mas faz uma generalização da mulher ao atribuir certas características que percebeu em determinadas mulheres a todas as outras com aquele nome. O autor promete continuar a obra em outra publicação, mas não a encontramos. Esse era um tipo de poema comum na lírica do período, uma vez que eles fazem essa relação da mulher na intenção de ao mesmo tempo despertar o interesse mas também despertar o gracejo, já que apresenta certa comicidade.

Figura 9 – Dos diversos nomes do sexo feminino

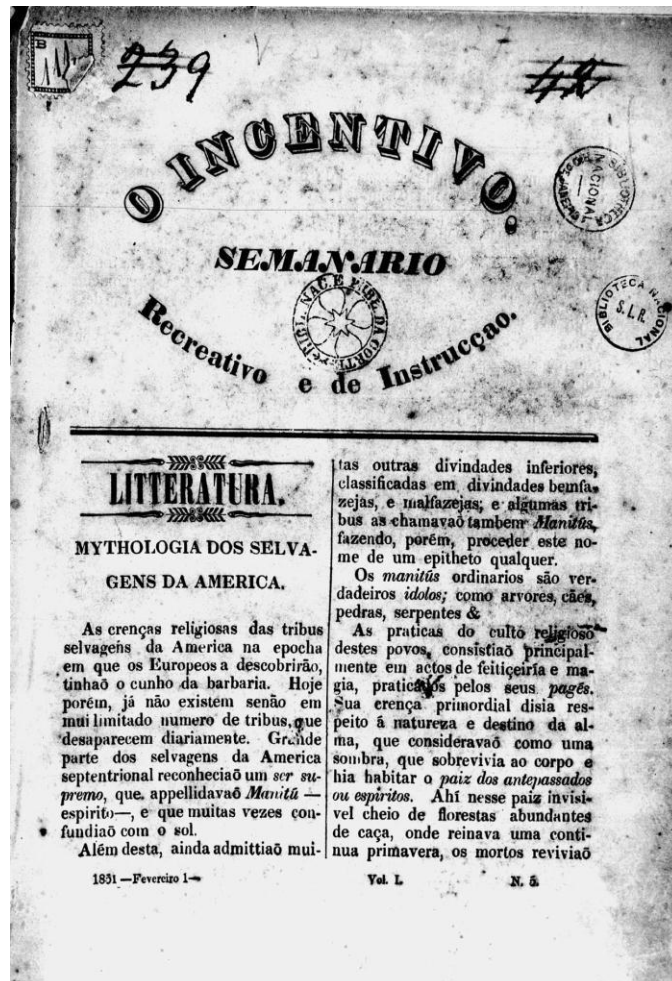


Fonte: O TEO TEO, n. 33, 27/07/1848, p. 3

Apesar das poucas edições encontradas para consulta e não tendo publicado nenhuma prosa de ficção, o jornal *O Teo Teo* é, ainda assim, um importante marco informativo sobre a cidade de Cameté e sua região, além de fornecer um panorama histórico do período em que foi publicado.

<sup>4</sup> Mantivemos a pontuação original do poema.

## 2.2 O INCENTIVO

Figura 10 – Frontispício do jornal *O Incentivo*

Fonte: *O Incentivo*, n. 5, 01/02/1851, p. 1

*O Incentivo*, semanário recreativo e de instrução, possui apenas quatro números disponíveis para consulta, com início no dia 1 de fevereiro de 1851. Com duas colunas e oito páginas em cada edição, o jornal cumpre com seu subtítulo de fornecer a instrução a respeito de assuntos diversos, tais como: as propriedades físicas dos materiais, os índios americanos, além de promover uma crítica à falta de opções de lazer na capital da província. O semanário oferece também entretenimento, com enigmas e charadas, além da leitura de seus poemas, e um exemplo de prosa de ficção.

É interessante notar na figura 10 a presença na coluna Literatura, em que um artigo intitulado “Mitologia dos Selvagens da América” é apresentado. Muito diferente do que se esperaria encontrar em uma seção com esse título, nele tem-se uma explanação a respeito das crenças dos índios americanos:

As crenças religiosas das tribos selvagens da América na época em que os Europeus a descobriram, tinham o cunho da barbaria. Hoje porém, já não existem senão em mui limitado número de tribos, que desaparecem diariamente, Grande parte dos selvagens da América setentrional reconheciam um ser *supremo*, que apelidavam de *Manitú* – espírito –, e que muitas vezes confundiam com o sol (*O Incentivo*, n. 5, 01/02/1851).

Sua presença em tal coluna faz-se interessante por demonstrar, em uma fonte primária, que o conceito a respeito do que era considerado Literatura tem sido modificado com o passar dos tempos, havendo alterações semânticas relevantes. Para definir a consolidação do uso do termo Literatura, Abreu (2003) afirma que são

Tão tênues eram as fronteiras entre as áreas que a definição de literatura proposta pela *Enciclopédia*, em meados dos anos setecentos, era: “LITERATURA (ciência, Belas-Letras, Antiq.) termo geral que designa a erudição, o conhecimento das Belas Letras e das matérias que com ela têm relação. Veja o verbete LETRAS, em que, fazendo seu elogio, se demonstra sua íntima união com as Ciências propriamente ditas (ABREU, 2003, p.31).

O artigo a respeito dos índios americanos pode ser caracterizado, conforme a citação, no termo Literatura empregado na época, dado seu caráter de erudição. Tal publicação destinada à instrução dos leitores do jornal vem corroborar a tese de Barbosa (2007) de que:

A rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar. Nesta concepção, o termo englobava a eloquência, a poesia, a história, a crítica e também as ciências. Isso talvez justifique o fato de que na coluna *Literatura* de muitos jornais, principalmente até a década de 70, raramente encontrar-se um poema ou algum gênero que hoje tomamos como tal. (BARBOSA, 2007, p.30).

Confirmando a assertiva acima sobre as poucas publicações com o caráter literário que se tem hoje e nos jornais cametaenses foi possível encontrar apenas uma publicação em prosa de ficção antes da década de 70 do século XIX na coluna “Literatura”. Tal obra foi veiculada no mês de fevereiro de 1851, no número 8 do jornal *O Incentivo*, com o título de *Helena, ou a mais feliz mulher do mundo*.

Tal fato faz aventar a ideia de que se começava então a ser utilizada uma concepção mais de acordo com os padrões atuais para a palavra Literatura e remete também à hipótese de que na cidade de Cameté, as publicações com conteúdo literário já eram realidade. Outro fator importante é o de que a narrativa, possivelmente traduzida do francês, atesta a influência estrangeira, mormente da França.

Apesar de não constar sua autoria, pode-se deduzir sua origem francesa, pois *Helena* inicia-se com uma grande descrição de um evento que ocorre no ano de 1829, no bosque de Bolonha na França (Figura 10):

Em um belo, sereno e risonho dia da primavera do ano de 1829, grande era o concurso ao bosque de Bolonha, onde parecia estar reunido, para um *rendez-vous*, toda Paris, (a Paris elegante). A propósito, meu Deus! O nosso pobre bosque hoje todo arruinado, destruído e arrasado!... Como é triste seu atual estado. Mas na época de que tratamos o nosso bosque conservava ainda lindas e frondosas árvores, belos tabuleiros de relva: Seriam três horas pouco mais ou menos; a grande avenida *Long Champs*; tomada de povo e carruagens, apresentava o mais pitoresco e mais magnífico golpe de vista que se pode imaginar. Em suas aleias, cujas árvores formavam uma abóbada verdejante, via-se uma multidão imensa, passeando em compridas e tortuosas fileiras, via-se alegre e jovial, casquilha, cheirosa e tão bem trajada como estive na véspera aos Italianos, como estaria nessa mesma noite na ópera sempre desejosa de ver e de ser vista (*O Incentivo*, n. 8, 22/02/1851, p. 57/58).

Na sequência, a personagem principal é apresentada. Bela e encantadora, a jovem despertava admiração nas pessoas presentes, entre eles políticos, príncipes e celebridades da época:

Sua encantadora fisionomia, suas afáveis maneiras, bem justificavam as observações de que era objeto, e o grande empenho de seus numerosos admiradores. Concedia a todos indistintamente e com inimitável graça a esmola mui desejada de um olhar, de uma palavra... Cada qual tinha parte no favor enganoso de um sorriso, de um acolhimento benévolo... e mesmo alguns podiam embalar-se na doce esperança de haverem sido contemplados mais particularmente. Os cumprimentos graciosos familiarmente trocados entre a bela dama e as Senhoras das carruagens nobres, atestavam suficientemente sua alta posição e hierarquia (*O Incentivo*, n. 8, 22/02/1851, p. 57).

Nesse dia, há uma reunião social no Hotel da Condessa de *Riviers*, ponto central onde a nobreza francesa ia para descansar ou se inteirar das novidades da sociedade. Interessante notar aqui uma análise dos interesses das figuras importantes da época:

Os políticos ocupavam-se alguns momentos com a notícia que lhes foi dada confidencialmente pelo Palacianos, da mudança premeditada do ministério Mertignac; porém neste salão a quem importava a queda do ministério burguês?.... As impressões, e cenas episódicas do passeio eram de certo de muito interesse! Era de bastante interesse a análise das celebridades de todo o gênero, das sumidades elegantes, cujo aparecimento ou encontro havia causado intenso prazer “felizes ociosos” felizes ociosos, para quem os bailes, os painéis e a ópera são as únicas ocupações importantes da vida!... (*O Incentivo*, n. 8, 22/02/1851, p. 57).

Além do interesse nas coisas que aconteceram durante o passeio ao bosque, os convidados se interessavam também pela moda predominante na época, o feitio dos vestidos e toucados. Acredita-se que pode ter havido, aqui, uma tentativa por parte do autor de fazer uma crítica à alta burguesia da época, que se mostrava bastante fútil. A narrativa encerra-se nesse ponto e promete continuar em uma próxima publicação, mas como são poucas as edições disponíveis do periódico, não foi encontrada sua continuação. Apesar de ter localizado apenas essa publicação no periódico *O Incentivo*, ela é importante, pois foi a prosa de ficção mais antiga preservada nos jornais da cidade.

Figura 11 – Folhetim *Helena ou A mais feliz mulher do mundo*

O INCENTIVO. 57

---

HELENA.

OU A MAIS FELIZ MULHER DO MUNDO.

(Tradução.)

Em um bello, sereno e risonho dia da primavera do anno de 1829, grande era o concenso ao bosque de Bolonha, onde parecia estar reunido, para um rendez-vous, todo Paris, (o Paris elegante). A proposito, meu Deus! o nosso pobre bosque hoje todo arruinado, destruido e arrasado!. Como é triste seu actual estado! . . . . .

Mas na epocha de que tratamos o nosso bosque conservava ainda lindas e frondosas arvores, bellos taboleiros de relva: Serião tres horas pouco mais ou menos a grande avenida Long champs; tomada de povo e carruagens, apresentava o mais pittoresco e mais magnifico golpe de vista que se pôde imaginar. Em suas aléas, cujas arvores formavao huma abobada verdejante, via-se uma multidão humeosa, passeando em compridas e tortuosas fileiras, via-se alegre, jovial, caspilha, cheia e tão bem trajada como esteve na vespera aos Italianos, como estaria nessa mesma noite na opera sempre desejosa de ver e de ser vista . . . . .

So bre a calçada em uma confusão impossivel de descrever-se, cruzava-se neste e naquelle sentido muitas cavalgaduras, e immensas carruagens.

Fazia-se notavel, entre as mais elegantes destas, um lindo coupé pintado de azul ferrete, forrado de setim branco, puehado por dois ardegos cavalios

bales, com as clinas trançadas e entremeadas de fitas azues, e governados a Dumont. Dois pagens, perfite e aciadamente vestidos, montados em ricos cavallos, acompanhavao o coupé.

Esta pequena e brillante equipagem, de admiravel elegancia, seria bastante para entreter a vista, mesmo quando o grande ajuntamento feito aos lados do coupé, não tivesse attrahido a attenção para a interessante dama que sosinha o occupava. Sua encantadora fisionomia, suas affáveis maneiras, bem justificavão as observações de que era objecto, e o grande empenho de seus numerosos admiradores.

Concedia a todos indistinctamente e com inimitavel graça a esmolla mui desejada de um olhar, de uma palavra . . . . . Cada qual tinha parte no favor enganoso de um sorriso, de um acollimento benevolo . . . e mesmo alguns podião embalar-se na doce esperanza de haverem sido contemplados mais particularmente.

Os cumprimentos graciosos familiarmente trocados entre a bella dama e as Senhoras das carruagens nobres, attestavão sufficientemente sua alta posição e generosidade.

Lisongeiro echo acompanhava-a por toda a parte. Os olhares dos homens, seguindo-a, e perdendo de vista, exprimio um admiração apixonada . . . . . As mulheres, contemplando-a attentamente, deixavão ler em seus olhos o que seus labios não podião exprimir: *feliz! feliz mulher!* . . . . .

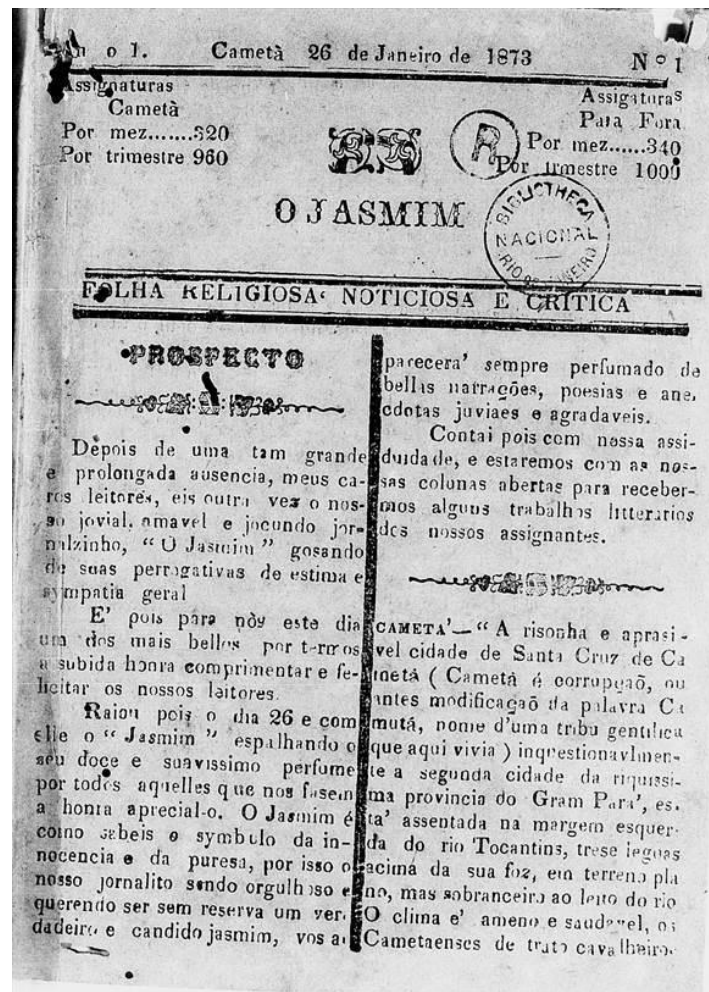
Neste mesmo dia havia, como era costume, reunião no Hotel da Condessa de Rivers, cujo salão das tres ás seis horas, era o ponto central, onde vinha

Fevereiro 22—1851— Vol. I. N. S.

Fonte: O INCENTIVO, n. 8, 22/02/1851, p. 57



## 2.3 O JASMIM

Figura 12 – Frontispício do jornal *O Jasmim*

Fonte: *O Jasmim*, n. 1, 26/01/1873, p. 1.

No setor de Microfilmagem da Biblioteca Arthur Viana e na Hemeroteca Digital Nacional, há 116 edições disponibilizadas referentes aos anos de 1873, 1874, 1875 e 1876 de *O Jasmim*. Ele foi um importante jornal publicado semanalmente na cidade de Cametã, de propriedade de Manoel L. P. Leitão Cacella, que era também seu único redator, conforme informação que consta no 13º número do jornal, datado de 30 de março de 1873.

O jornal, que é anunciado como uma folha religiosa, noticiosa e crítica, teve seu primeiro número veiculado em 26 de janeiro de 1873, apesar de ter dado a entender na seção "Prospecto" que essa edição é a retomada da publicação do "nosso jovial, amável e jocundo jornalzinho", após uma "grande e prolongada ausência". No que se refere ao local onde o jornal era produzido, há referência a duas tipografias: a Tipografia do Conservador e a Tipografia de Cacella e Filhos, localizadas no Largo das Mercês.

Com um formato simples, mas elegante, e assinaturas a 320 réis por mês, o jornal se propõe, logo em sua primeira página, a ser para os leitores como o jasmim, flor símbolo de pureza e inocência, o que é, claramente, uma alusão ao seu caráter de folha religiosa e promete publicar “belas narrações, poemas e anedotas joviais e agradáveis”.

O jornal promete também manter-se sempre firme no propósito de não se calar frente aos seus antagonistas, atender aos gostos e interesses de todas as classes, além de censurar os abusos e escândalos de alguns moços que “namoram de forma escandalosa, até mesmo nas igrejas, prometendo publicar seus nomes e tentar inculcar os bons valores em leitores que ainda possuem costumes “que se assemelham a Índios bravos, de vícios que ainda é preciso cortar, por assim dizer a machado” (*O Jasmim*, n. 4, 16/02/1873, p. 2).

Além de publicações que exaltam a cidade, como visto no primeiro capítulo, encontramos no periódico, publicações de todos os tipos, desde solicitações para que os assinantes paguem os débitos atrasados, poemas, charadas e anedotas.

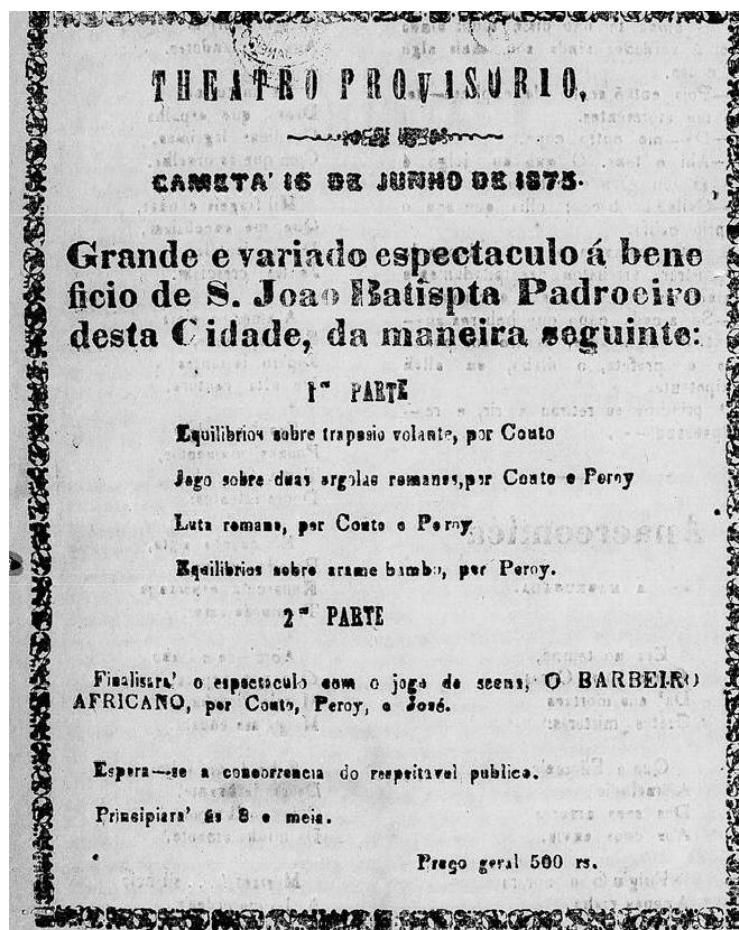
Entre os poemas que *O Jasmim* trouxe à luz havia alguns a respeito da própria cidade, como é o caso do poema *Cametá*, dedicado a seus habitantes, que saiu nas edições dos dias 09, 16 e 23 de novembro de 1873, p. 1-20:

Cidade brasileira fértil – bela,  
 Abençoado torrão – eu te saúdo –  
 Teu clima, teu local, e natureza,  
 Se ligam para mostrar que és boa em tudo  
 Esse aspecto elegante, a linda – vista–  
 De longe ao vivo mostras retratando  
 A garça sacudindo as néveas plumas  
 Num rio deleitoso mergulhando;  
 E um pouco mais de perto te assemelhas;  
 À odalisca oriental com seu turbante;  
 Num térreo parapeito debruçada  
 A mirar-se num espelho cintilante.  
 E logo ao natural depois se mostras,  
 Em argiloso alicerce edificado,  
 Com centenas de casas, largas ruas.  
 Sempre de verde relva e cal pintadas.  
 A contínua e monótona verdura  
 Das margens desse rio que te esmera,  
 Indica de teu solo tão fecundo  
 A risonha e perpétua primavera.

Como percebemos, o poema faz uma exaltação à beleza natural da cidade, principalmente às margens do rio Tocantins. Poemas e notas desse tipo foram publicações comuns nas páginas desse periódico e ele se dedicava também a informar os cametaenses sobre a vida social e cultural da região. Na edição de 16 de junho de 1875, entre outras coisas, foi impresso um cartaz anunciando uma sessão do Teatro Provisório em benefício de São João Batista, padroeiro da cidade.

Na figura 12, se pode observar as atrações do dia: equilíbrios sobre o trapézio volante apresentado por Couto; jogo sobre duas argolas romanas, luta romana e equilíbrio sobre o arame bambo por Couto e Porny e, para finalizar, o jogo de cena *O Barbeiro*, com os mesmos artistas. O início do espetáculo seria às 20h30 ao preço de 500 réis.

Figura 13 – Anúncio sobre o Teatro Provisório



Fonte: *O Jasmim*, n. 115, 16/07/1875, p. 4.

No que se refere à prosa de ficção, foram encontrados 11 exemplos no jornal, sendo que seis delas apareceram em mais de um capítulo, convém notar também que desse total, apenas duas tem sua autoria afirmada no jornal, o que é um número bastante reduzido: *Paulo* (Contos com visos de história), publicado nos dias 6 e 13 de abril de 1873, de autoria de C. Pietro e *Casamento por Conveniência*, de A. G. Ferreira, que saiu em 22 e 29 de agosto, além de *A Monja*, que não foi assinada no jornal, mas foi escrito por Soror Amélia.

Outra informação importante é o título da narrativa *A mangueira da louca*, veiculada em oito partes em outubro de 1874. Inicialmente supõe-se que ela poderia fazer alusão a uma temática regional, visto que a cidade de Belém é conhecida como a Cidade das Mangueiras, mas ao lermos a prosa constata-se que ela se passa no estado do Rio de Janeiro, mais

precisamente no município de Maricá. A respeito dessa prosa de ficção, o periódico veiculou a seguinte nota em 4 de outubro de 1874, artifício de publicidade que não foi usado em nenhum outro periódico da cidade:

Damos ciência aos Dignos assinantes e Exma<sup>as</sup> Leitoras, de que teremos dois romances a fazer publicar neste Periódico; quais – *A Mangueira da Louca* – e – *O Louco do Colégio*, ou o Parelha de Brutinhos – O primeiro em oito pequenas partes historiando a maneira amável com que se davam duas meninas desde a infância até o casamento de uma delas, Leonor e Laura eram os nomes dessas jovens a primeira rica herdeira de uma colossal fortuna e a segunda menos rica de bens de fortuna, mas mais rica em beleza e outros dotes naturais.

Laura foi preferida a Leonor em casamento com um mancebo digno, e a orgulhosa Leonor endoideceu no dia do casamento de sua amiga. Pela leitura do lindo romance verão as amáveis leitoras o orgulho confundido de Leonor e o motivo porque tem o título de Mangueira da Louca. A Mangueira acha-se seguindo a estrada de Niterói a Maricá, a pequena distância dessa vila olhando-se à direita ao lado de uma casa com paredes carcomidas e enegrecidas.

O segundo acha-se dividido em onze partes cujo principal personagem é um moço louro, cabelos quase rapados, com aparências constantemente de inquieto, correndo pelas ruas com um título nas mãos sobre um livro volumoso dizendo que é doutor e advogado; intrigando a todos os do Foro, obrigando a todos a entregar-lhes causa sem honorário algum, intrigando a todo mundo; fazendo coisas próprias de palhaços, querendo casar com um Eclesiástico, que viu de batina, supondo ser o claro objeto de seus sonhos! Depois aparece em vivo desespero, por não poder só representar publicamente em Juízo, todas as partes pró e contra, chama para seu sócio um manhoso e jesuíta companheiro; fazem uma sociedade extorquidora dos bens alheios e principiam o passo, seguem a marcha – correm a galope, e esbarram a toda a brida, ficando um qual macaco espavorido com o estampido de um tiro de espingarda; o outro corre, procura um amigo dos que contava ter, não acha quem seria mais para ele e só dele, corre, voa e não achando outro lugar onde entrar vai dar consigo no hospital dos doidos, os quais lhe fazendo mil carantonhas, e aplicando-lhes, uns, chibatadas, outros, pontapés, outros azorragadas, e a tudo correspondendo, cai estendido! E, quando acorda, vê-se entre quatro varões de ferro algemado dando uivos estridentes e depois acabando por relinchar, fenece de dois coices que atira aos fortes varões (*O Jasmim*, n. 87, 04/10/1874, p. 1-2).

O autor finaliza a notícia informando que o primeiro romance já está no prelo, mas o segundo só poderá ser publicado quando o jornal for aumentado, fato que acreditamos não ter acontecido, pois tal obra não foi encontrado durante nossa pesquisa. A tática de anunciar os romances que seriam publicados era comum no século XIX e aqui se vê um resumo bastante extenso dos dois romances que seriam veiculados nos números seguintes, com o intuito de levar mais leitores a se interessarem em comprar o jornal.

Assim sendo, acreditamos que o jornal analisado foi uma importante publicação na cidade de Cameté, dos quais muitos exemplares restam preservados e mostram uma noção da vida cultural, social e literária da cidade em questão.

## 2.4 A REACÇÃO

Figura 14 – Frontispício do jornal *A Reacção*

Fonte: *A Reacção*, n. 153, 17/11/1889, p. 1

Com 96 edições dos anos 1889 e 1891 disponíveis na biblioteca do Centur e 52 de 1889 na Hemeroteca Digital, o jornal *A Reacção* foi um importante jornal publicado na cidade de Cametá, com escritório e redação localizados à rua Formosa, com preço da assinatura mensal a 1\$000. O periódico teve seu início em 1886, findando apenas em 1894 e teve três subtítulos durante sua história: Órgão do Partido Liberal, Periódico Democrata e Órgão do Partido Constitucional. Em suas páginas foram publicados anúncios diversos, grande número de poemas, artigos informativos sobre assuntos variados, alguns com forte caráter político.

Suas primeiras páginas disponíveis para consulta estão mutiladas, mas na primeira edição, 6 de janeiro de 1888, encontramos um balanço do ano que findou:

Terminou finalmente o ano de 1888, sem nos deixar a menor saudade, e foi lançar-se no arquivo do passado, donde carrancudo se acha debicando as vítimas das suas proezas. A sua rotação pode merecer algum elogio em alguma parte do mundo,

menos na história brasileira onde será julgado o ano de 1888, como um dos mais ingratos do século XIX. Aos paraenses sobretudo, ela foi completamente negra e por isso será sempre maldita por eles, que tiveram de lutar com as maiores perseguições. O estado sanitário da província agravou-se em excesso e durante os mal fadados 12 meses que compuseram esse ano, milhares de comprovincianos nossos foram atirados ao abismo, tendo por origem de sua derrota, a varíola, que grassou com muita intensidade, além de outras moléstias que também sacrificaram muitas pessoas, como o beri-beri, que aí fez seu quartel-general (*A Reação*, n. 108, 06/01/1889, p.1).

Segundo o autor, o ano que acabou foi ruim para o Brasil como um todo, mas principalmente para o estado do Pará, onde doenças como o beri-beri e a varíola fizeram várias vítimas fatais. Vê-se nas páginas de *A Reação*, uma forte tentativa de transmitir os valores da cultura letrada a seus leitores, encontra-se nele uma grande variedade de poemas de diversos autores, além de um grande número de prosa de ficção, entre elas: *Idalina*, de Aprigio Ottoni; *O pecado*, de Catulle Mendés; *O Pão de Ouro*, de E. Laboulaye; *Uma embaixada*, de Arthur Azevedo; *A Saúde e a Doença*, de Ramiro Blanco, entre outros, nas secções intituladas *Variedade* e *Folhetim*.

Além desses mencionados notamos também a presença nesse jornal de duas lendas, publicados em 1 de dezembro de 1889 e 29 de dezembro de 1889 na secção *Variedade – Pérolas do Passado: O Curupira e O Filho do Curupira*.

Figura 15 – Coluna com a lenda *O Curupira*



Fonte: *A Reação*, n. 155, 01/12/1889, p. 3

A temática das lendas amazônicas em jornal cametaense é relevante, pois aproxima o público leitor de seu contexto regional e, conseqüentemente, valoriza a cor local. Ao analisarmos o título da secção, *Pérolas do Passado*, compreendemos que as lendas e saberes próprios da região são considerados dignos de nota, pois passadas de geração em geração,

ainda são fonte de interesse por parte do público da época. A narrativa *O Curupira* inicia com uma descrição do cenário interiorano:

O sol mal pode romper a muralha de verdura da mata virgem, que borda as margens das últimas cabeceiras, a nascente de um dos afluentes, desse rio ouro; o Anajás, de onde tantos milhares de contos tem saído em borracha, e onde ficaram centenas de vida e a felicidade de inúmeras famílias, que ali deixam a saúde e a honra! Cercada de arvores gigantes de lindas floridas, a beira do rio em seco, está uma cabana, coberta de folhas de *cantan* e cujos quartos são feitos da mesma folha. Um cão ladra na varanda da frente, assoalhada de paxiúba e um galo canta no terreiro (*A Reação*, n. 155, 01/12/1889, p. 3).

Observamos também a presença das árvores gigantes e floridas, típicas da região amazônica, e a cabana coberta de folhagens e feita com a paxiúba, árvore que nasce nas regiões alagadas. Além disso, há aqui traços do período da exploração da borracha no interior da Amazônia, que vai culminar com a fase áurea da expansão paraense, com a *belle époque*, iniciada a partir da década de 1870.

Não é possível saber em qual município a lenda se passa, mas sabemos que é na beira do rio Anajás, que passa na cidade de Limoeiro do Ajurú, pequena cidade localizada a, aproximadamente, 40 quilômetros de Cametá. O autor faz uma crítica à sociedade extrativista da borracha, pois o autor desconhecido afirma que milhares de contos de réis saíram de lá, além de muitas vidas e honras perdidas.

A figura do curupira é típica do folclore brasileiro e seria um ser que habita as matas brasileiras. De baixa estatura, possui cabelos cor de fogo e os pés voltados para trás, seria um índio forte e protetor das árvores e animais da floresta. Na região da Amazônia essa é uma lenda recorrente, que precede outro mito bastante popular, a do boto, o ser que habita as águas da região, também engravidando mulheres virgens. A presença do sobrenatural no conto em questão aparece no quarto parágrafo: “o canto do galo e latir do cão prolonga-se pela mata por muito tempo; direis produzido por pulmões sobrenaturais” (*A Reação*, n.155, 01/12/1889, p. 3).

Prosseguindo, o conto narra a conversa da jovem com sua avó. A moça está infeliz, pois não pode concretizar o casamento com seu noivo Eugenio, ao perguntar o motivo da demora do casamento da neta, esta conta uma aventura que teve: após se perder na mata, a moça recebe auxílio de um homem que a ajuda a passar a noite:

Pois bem! Nesse dia, quando eu já tinha desesperado e perdido até a fé e que, quanto mais caminhava, mais me fugia o termo do caminho, encontrando sempre o mesmo lugar, as mesmas árvores, surgiu de repente junto de mim um jovem formoso e cheio de bondade. - Bela menina, me disse ele, está perdida? - Sim, murmurei eu tremendo por julgá-lo um anjo disfarçado. Tantas vezes invocara a proteção do céu! (*A Reação*, n. 155, 01/12/1889, p. 3)

Esse belo moço tenta tranquilizá-la:

Tranquelize-se, disse ele: é o Curupira que a assombrou. Descanse, estou eu aqui. Sobre mim não tem ele poder algum. O gênio das trevas que aqui habita a mata não ousará tocá-la; mas a sua casa está longe, muito longe e perto daqui não há habitação de homens. (*A Reação*, n.155, 01/12/1889, p. 3)

Aqui é a primeira vez que o curupira é mencionado, na afirmativa do homem de que o curupira não tem poderes sobre ele, o que é interessante, pois ele não explica o motivo, assim podemos imaginar que ele é, o verdadeiro curupira. A moça então dorme e volta para casa no outro dia, ao retornar ela percebe que está grávida.

Para surpresa da neta, a avó, sagazmente, revela que o moço que a ajudou seria o curupira e o filho que carrega no ventre seria filho dessa lendária criatura: “O curupira! exclamou a velha; trazes em ti o filho do curupira!! Foi ele, filha, que depois de ter-te feito perder o tino, transformou-se em moço bonito para perder-te! Oh! que desgraça!” (*A Reação*, n.155, 01/12/1889, p. 3), ou seja, quando se julga que o filho que a jovem carrega é fruto de uma entidade mítica, a questão da desonra familiar que poderia haver em uma situação dessa, deixa de existir.

Interessante notar que o fato da moça ter sido seduzida pelo curupira não é algo visto como irreal, a avó acredita plenamente na neta, ou seja, a crença na lenda seria algo bastante internalizado, uma característica da região onde Cametá está localizada. O desfecho traz uma surpresa: Eugenio ouviu toda a conversa e aceita criar o filho do curupira. Alguns dias depois, eles embarcam em rumo à cidade de Breves, onde se casam. O fim instiga o leitor a uma possível continuação, ao afirmar que “o filho do Curupira é hoje um rapaz de 20 anos. Talvez ainda o venhamos a conhecer” (*A Reação*, n.155, 01/12/1889, p. 4).

De fato, no dia 29 do mesmo mês, foi publicada *O Filho do Curupira*, imaginamos que ela seria a continuação da anterior, uma vez que essa se passa na cidade de Belém e narra a história de uma família que acolhe um moço prestes a desmaiar na rua, eles chamam um médico e passam a cuidar do doente. A narrativa promete prosseguir em futuras edições, mas não foi encontrada a continuação nas edições seguintes disponíveis.

Demonstrando sua longevidade no dia 13 de dezembro de 1891, *A Reação* celebrou seu quinto aniversário com uma nota publicada:

Completo ontem este periódico 5 anos de existência.  
Durante este curto porém afanoso estágio na arena jornalística, tem procurado dentro de suas fracas forças manter o programa com que em 1886 apresentou-se a apreciação pública. E tem cumprido.  
A sua existência conta-se por uma série não interrompida de lutas contra os erros e prepotências, e no terreno do Direito em que sempre colocou-se, ainda não mediu a estatura do adversário que o tem enfrentado.  
Se por acaso já alguma vez foi vencido, ainda nunca foi convencido.



Devotado desde o seu primeiro número a defesa do fraco contra o forte, do oprimido contra o opressor, tem incorrido, ainda, que involuntariamente, nas iras daqueles que se dizem potentados, mas tem se dado por bem pago de seus sacrifícios porque nunca capitulou ante a prepotência.

Entrando no 6º ano de existência promete manter inalterável o seu programa como até hoje tem feito. E os embates da corrupção jamais poderão diluir o seu alicerce.

Guarda avançada, como tem sido, do direito do povo independente, continuará a sê-lo.

A luta alimenta lhe a existência.

Congratulamo-nos, pois, por mais um aniversário do nosso periódico, com os nossos bons amigos que veem nele um defensor de seus direitos (*A Reação*, n. 261, 13/12/1891, p. 1).

O balanço desses anos de publicação, é, segundo essa nota bastante notável, tendo conseguido cumprir com o posicionamento iniciado em 1886, atuando bravamente em defesa das pessoas que eventualmente são relegadas e oprimidas. Além do mais, acreditamos também que esse jornal foi importante para essa pesquisa, devido ao fato de ter publicado vários exemplos de prosa de ficção, incluindo a lenda *O Curupira*, fato que não era comum, já que dava-se preferência na época em publicar narrativas com temáticas cidadinas e não regionais.

2.5 O COMERCIAL

Figura 16 – Frontispício do jornal O Comercial



Fonte: O Comercial, n. 3, 18/01/1891, p. 1

O periódico cametaense intitulado *O Comercial*, apresenta-se como um jornal político, literário, noticioso e comercial e tem como subtítulo “Órgão do Partido Republicano do Tocantins”, fundado em 1882 pelos professores Raimundo Joaquim Martins, Francisco Ferreira Martins e Manoel Fernandes Valente, e está disponível para consulta na Biblioteca Arthur Viana edições apenas dos anos de 1891, 1897 e 1900. O referido periódico possuiu dois subtítulos durante sua existência: “Órgão do Partido Republicano do Tocantins” e, mais tarde, “Órgão do Partido Republicano Federal no Tocantins”.

Assim sendo, não se pode deixar de notar esse viés político do referido jornal, e que se faz presente também em suas publicações. Logo no primeiro número disponível, o jornal veicula um comentário a respeito da constituição do estado e afirma que:

Ninguém poder-nos-á contestar que a organização legal do nosso governo deve ser o mais breve possível, é necessário que as nossas liberdades se definam, e que o povo encontre no governo a garantia de seus direitos. A ditadura é um governo de transição, e se bem que sejamos felizes porque a atual não tenha exorbitado dos seus deveres, contudo urge a consolidação do governo no mais próximo tempo (*O Comercial*, n. 3, 18/01/1891, p.1).

Além dessa temática notadamente política, o periódico veiculava ainda notícias de caráter moral, como a publicada na mesma página da citação anterior, em que chamava a atenção do Delegado da Segurança Pública para os banhos nus no litoral cametaense, e solicita que o referido delegado seja enérgico em não permitir que tais “imoralidades” aconteçam às vistas de todos. Encontramos, ainda, durante a pesquisa, a publicação de poemas, preços de artigos do comércio, como o azeite de andiroba, borracha fina e sabão, assim como grande número de anúncios de todos os tipos.

Nas páginas do periódico foram publicados apenas dois exemplos de prosa de ficção: a primeira intitulada *Lenita*, de autoria de Fraga de Castro, foi publicada nos dias 15 e 21 de janeiro de 1900 e a segunda, *Primeiro Amor*, de Ivan Tourgueneff<sup>5</sup>, já no quarto capítulo, em 24 de maio de 1900.

Um fato curioso no jornal é a presença do que se chamaria de suplemento, de nome *O Novo Século*, com subtítulo de “periódico crítico e recreativo”. Com publicação grátis, teve início em 1 de janeiro de 1900 e em sua primeira edição, essa parte do jornal inclui uma irreverente introdução:

*Assombroso fenômeno* o que todos vimos de assistir hoje, na Imprensa tocantina: o mais velho jornal do interior do Pará dá à luz...da publicidade, já se vê, um jornal pequenininho, mimoso, engraçadinho, chiczinho... Natural, porém ainda virgem cá na terrinha de nossos amores - (e é por isso mesmo que é um *assombroso fenômeno* o que vimos de assistir, hoje), - este fato há de, forçosamente, vibrar a mais funda surpresa no espirito público, tornando-se, após, o assunto agradável da conversação entre graciosas representantes do sexo amável, que aqui encontrará um jornalzinho *comme il faut* e que há de encher-lhes as medidas... enquanto o outro, o barbado, será trocado a valer, nestas colunitas, com graça e sem ofensa (*O Comercial*, n. 1, 01/01/1900, p.2).

Nesse trecho há alguns fatos importantes, o primeiro deles vem a ser a informação apontada aqui de que *O Comercial* seria o mais antigo jornal do interior do Pará, o que por si só já seria notável. Notamos também a novidade que seria a publicação de *O Novo Século*, fato esse que é considerado um fenômeno assombroso pelo próprio editor.

Em seu segundo número, o editor informa que a publicação do dia 1 de janeiro foi recebida com grande sucesso e regozijo nos honrados lares cametaenses. Há, entretanto, uma

---

<sup>5</sup> Acreditamos que houve, aqui, uma tentativa de tornar o nome do escritor russo (Ivan Turguêniev) mais próximo ao público brasileiro.

interrupção após o segundo número, em 15 de janeiro, mas em 27 de maio, a publicação é retomada, com uma nota explicativa:

De chapéu na mão, O Novo Século saúda os leitores e leitoras do Pará (*O Comercial*) e abraça-os cordialmente (até mesmo a leitora, se v. exc. permitisse...) Voltamos hoje ao nosso posto, após sensível ausência, durante a qual tivemos ímpetos de nos atirar ao mar e morrer... com o nariz de fora, creiam bons amigos nossos, pois é a pura verdade. (*O Comercial*, n. 17, 27/05/1900, p. 2).

Não se sabe o motivo da interrupção da publicação de *O Novo Século*, mas como alguns conteúdos publicados nessa secção tem um carácter humorístico, é possível que o autor tenha exagerado ao afirmar que teve ímpeto de cometer suicídio. Encontramos ainda nessa publicação uma referência ao Gabinete Literário Cametaense:

Ontem, à noite, no Gabinete, o Cruz, todo cheio de si, tufado e crespo, perguntou ao seu colega Campos, qual o melhor meio de escrever sem pena e tinta. Duvido que o saibas e dou-te um queijo se o disseres. – Ora, é deixar de escrever. – Mentira! Mentira! É escrever com lápis! (*O Comercial*, n. 17, 27/05/1900, p. 2).

Além dessa menção ao Gabinete, achamos importante mencionar também a publicação de uma nota intitulada *Nosso Arquivo*, em que o autor afirma ter recebido o livro *Educação das Crianças*:

Fomos gentilmente distinguidos com a remessa de um exemplar desta importante obra da lavra do sr. professor Felix Pedro Manoel Pantoja, na qual se acham enfexados (sic), em 44 páginas, os XII artigos sobre a educação da infância, insertos na imprensa. Vamos ler com acurado cuidado a obra do sr. Felix Pantoja e mais de lazer diremos algo sobre ela, cuja utilidade, entanto encarecemos. Somos reconhecidos à fineza do ilustre preceptor (*O Comercial*, n. 17, 07/05/1900, p.2).

Como vimos no tópico a respeito da Sociedade Beneficente Artística Cametaense, o fato de o jornal ter sido presenteado com um exemplar de livro, provavelmente pelo próprio autor, era algo bastante notório. A última edição disponível de *O Novo Século*, data de 24 de junho de 1900 e não há explicação sobre sua interrupção nas outras quatro edições de *O Comercial*.

Todas as informações obtidas aqui corroboram para a ideia de que *O Comercial*, e com ele *O Novo Século*, foi uma publicação de extrema importância para a sociedade cametaense, pois mostra com riqueza de detalhes como era a vida do povo da cidade, sua cultura, sua política e seu gosto literário.

2.6 O INDUSTRIAL

Figura 17 – Frontispício do jornal O Industrial



Fonte: O INDUSTRIAL, n. 235, 03/10/1901, p.1

Contando com 150 edições para consulta na Hemeroteca Digital e na biblioteca do Centur, *O Industrial* foi um jornal de grande circulação na cidade de Cameté. A primeira edição disponível data de 2 de janeiro de 1901, mas esse já é o sétimo ano do jornal, que tinha como fundador e proprietário Joaquim T.P. Malcher e estava localizado na rua Quinze de Novembro. O jornal era publicado sob a epígrafe “Iure suo qui utitur, nemini iniuriam facit”, que poderia ser traduzida por “Quem usa de seu direito não comete injustiça contra ninguém.”

Nessa edição, em sua segunda página temos um anúncio informando que o jornal advoga os interesses gerais e, especialmente, municipais, e com imparcialidade recebe e publica qualquer notícia, desde que não contenha termos impróprios. O anúncio informa também os valores das assinaturas: 12\$000 por ano, 6\$000, a assinatura semestral, e 500, o número avulso, e informa ainda que os pagamentos devem ser feitos adiantados e os manuscritos não serão restituídos a seus clientes.

Nesse primeiro número preservado na primeira página, foi publicada uma notícia sobre a virada do século XIX para o século XX, momento de grande importância para a humanidade. A notícia intitulada “O século que passou”, inicia assim:

Trasanteontem o coveiro do universo lançou a última pá de terra sobre o cadáver desse grande morto que, em cronologia cristã, teve o nome de – Século dezenove – e era apelidado O século das luzes. Esse ilustre micróbio viveu na (palavra ilegível) fazendo escuro, gozando de grandezas, fazendo misérias e de miserável que foi produziu grandezas. Foi tão ilustre esse finado que a Igreja Católica fez-lhe as exéquias ainda em vida, honra fúnebre de que não tem gozado todos os outros seus dezoito irmãos já falecidos. [...] O século XIX não foi incontestavelmente o inventor do progresso, em suas múltiplas ramificações, de que nos achamos possuidores; mas sempre foi aperfeiçoador, sendo em muitos casos inventor e aperfeiçoador (*O Industrial*, n. 195,03/01/1901, p.1).

Ele segue listando, de forma bastante crítica, as conquistas do século findado, tais como a eletricidade, a máquina a vapor, o fim da Inquisição, que legou para a humanidade a imagem não mais de um Deus cruel, mas agora de um Deus bondoso e gentil, segundo suas próprias palavras, entre outras coisas. Ainda nessa mesma edição há a publicação do segundo capítulo da prosa de ficção intitulada *A Marquesa Amélia – O Relatório*, de autoria de George Oscar.

Na publicação seguinte, do dia 10 de janeiro de 1901, há, novamente, uma notícia “Triste sinal dos tempos”, a respeito do Gabinete Literário Cametaense. A nota informa que no domingo anterior houve a posse dos novos diretores do Gabinete, mas que é com profundo pesar que o redator afirma que a solenidade foi de uma “frieza de morte”, sem a presença das autoridades judiciais da Comarca e dos representantes da imprensa local, conforme citação a seguir:

É estranho esse fato a que não se pode emprestar justificativa alguma; e tanto mais estranho é quanto é certo que, nesta cidade, não há exemplo de tamanho despreço às letras, pois tratava-se de uma festa inteiramente literária... Ressentimentos para com a Diretoria passada ou prevenções para com a nova? Politicagem? Não o sabemos; quer-nos parecer, no entanto, que não foram ressentimentos, nem prevenções, nem a politicagem o que impediu a concorrência àquele ato não só das autoridades como dos representantes da imprensa desta cidade (*O Industrial*, n. 196,10/01/1901, p. 1).

Percebemos a indignação do autor em relação à falta de público em um evento literário de grande importância, o que demonstraria um despreço às Letras. A nota segue afirmando que os motivos não devem ser uma rejeição em relação à diretoria passada, nem à atual e muito menos “politicagem”, mas que segundo opiniões alheias, talvez a razão seja a falta de “um baile comemorativo, em que a exibição dos trajes de gala pudesse realizar-se

amplamente”, tal afirmação seria para o autor um “Fatal sintoma da degenerescência do nosso caráter de povo culto. Triste miséria dos tempos”. A conclusão do artigo se deu assim:

Nestes tempos de mercantilismo, em que o dinheiro, infelizmente, pode mais que tudo, avassala as consciências boas de que se torna o único ideal; em que não se indaga mais pelos méritos de qualquer pessoa, mas a quanto monta a sua fortuna; bem sabemos que nestes tempos de desgraçado mercantilismo quase nenhum apreço se dá às letras, especialmente aqui, onde são contados os poucos rapazes estudiosos, – o que contrasta de maneira vergonhosa com passadas eras, em que Cametá dava cartas no mundo literário, produzindo vultos da estatura de ENÉIAS MARTINS, INÁCIO MOURA, JUVENAL TAVARES e outros, sem falar nos ROMUALDOS, PRUDÊNCIOS E SIQUEIRA MENDES (grifo do autor) (*O Industrial*, n. 196,10/01/1901, p. 1).

Verificamos, então, que a opinião do autor é de que a falta de público se deu pelo descaso da sociedade cametaense em relação às Letras, fato que não acontecia no passado, quando circulava na cidade, grandes nomes do mundo literário.

É notável pela notícia citada anteriormente e também em todo jornal, a importância dada à Literatura, isso fica claro ao analisar suas páginas, em que além da publicação de poemas, o periódico publicou vinte e quatro exemplos de prosa de ficção de autores brasileiros e internacionais, como: *Bruto!*, de Julia Lopes de Almeida; *O Mentiroso*, de Coelho Neto; *A Senhora do Galvão*, de Machado de Assis; *Conto de uma vozinha a seus netinhos*, de Georges Picard; *Esmola de Amor*, de André Theuriet, entre outros.

Além desses, fez-se necessário mencionar também a publicação integral, de *A Escrava Isaura*, com início em 18 de setembro de 1902, no número 282 do jornal e finalizado em 02 de outubro de 1903, no número 333, totalizando 52 edições. Essa foi a única vez nos jornais da cidade pesquisados, em que um romance foi veiculado durante tanto tempo, mais de um ano, o que permite afirmar que deve ter havido um grande interesse por parte do público, posto que na época era comum a interrupção, sem maiores explicações, de folhetins que não agradavam aos leitores.

Escrito por Bernardo Guimarães, o romance, lançado em 1875, tornou-se muito popular graças a sua temática abolicionista, visto que à época de sua publicação a escravidão era questionada por muitos intelectuais. Tal romance narra a história de Isaura, uma escrava de pele branca, criada como filha pela família à qual pertencia. Sua ama havia prometido que ela seria libertada na ocasião de sua morte, mas Leôncio, seu filho, obcecado pela moça, ignora o desejo de sua matriarca. Após fugir com seu pai, para livrar-se das investidas de Leôncio, Isaura conhece Álvaro e os dois se apaixonam. Ao ser descoberta, ela volta à propriedade de Leôncio. Em uma atitude desesperada, a moça aceita se casar com Belchior, o jardineiro da casa, apenas para escapar de seu senhor. Pouco antes do matrimônio, Álvaro

chega, anunciando que havia comprado todas as dívidas de Leôncio, que estava completamente falido, dessa forma toda a propriedade passava agora a ser sua, inclusive os escravos. Humilhado, o vilão se mata e os outros podem, enfim, viver felizes.

Tal obra tornou-se um marco a favor da abolição da escravatura, que acabou por acontecer apenas em 1888. A publicação em Cametá ocorreu em 1902, ou seja, 14 anos depois do fim da escravidão. Podemos aventar a hipótese de que tal apelo à temática do escravo heroicizado, no caso uma mulher branca, presente no romance *A Escrava Isaura* seja devido ao fato da cidade possuir uma elite social que reinava na região. Como exemplos citamos D. Romualdo Coelho, padre que condecorou D. Pedro II, D. Romualdo de Seixas, seu sobrinho, Ângelo Custódio Correa, presidente da Província do Grão-Pará, Padre Prudêncio, Padre Antonio Franco, entre outros. Se havia pessoas que possuíam poder aquisitivo muito alto, conseqüentemente, podemos afirmar que houve também, durante a escravidão, uma grande população de escravos. No ano de 1883, o *Almanaque Paraense de administração, comércio, indústria e estatística* publicou um recenseamento da população escrava até o ano de 1882 (ver Figura 17). Na época havia em Cametá um total de 2061 escravos, sendo 1068 homens e 992 mulheres. O número de escravos só era maior em Belém, capital da Província, que possuía 7662 homens e mulheres escravizados.

Um número tão grande gerava revolta nas pessoas que defendiam a abolição na cidade. Em 24 de junho de 1883 o poema “Brado Abolicionista” enviado pelo “inteligente cultor das musas”, o cametaense Paulo Pereira, foi publicado no jornal *O Abolicionista Paraense*, segue um trecho (1-18):

Desabem de uma vez os preconceitos!  
 Por terra o despotismo, o vil direito  
 Da negra escravidão!  
 Que o sol da liberdade já se mostra  
 Altivo, fulgurante, iluminando  
 Os plainos da amplidão!  
 Por terra os traficantes, embusteiros  
 Que ao homem vendem outro, se curvando  
 Ao peso do dinheiro.  
 Para longe esses inúteis maltrapilhos! Façamo-  
 los fugir espavoridos  
 Do solo brasileiro!  
 Unamo-nos! Caminhemos destemidos  
 A bem da sã justiça e do direito,  
 Em prol da humanidade,



Ao vento desfraldando, ao som de hinos,  
 O belo pavilhão da grande causa  
 Da santa liberdade!

Apesar de esforços como esse, que buscavam o fim de uma prática atroz, como citamos anteriormente, a escravidão demorou muito a ser proclamada no Brasil. Em uma tentativa de escapar do jugo de seus senhores, os negros de Cameté e região formaram quilombos, alguns existentes até hoje como, por exemplo, o de Tabatinga Média.

Concomitantemente com *A Escrava Isaura* foram publicadas outras sete narrativas, entre elas: *A Leprosa* de Coelho Neto; *A Muda e Infeliz Mãe!* de Arthur Azevedo; *Amor de Odalisca* de J. L. Araújo, entre outras.

Outro dado importante encontrado nesse periódico foram algumas notas a respeito da venda de livros de instrução na papelaria de *O Industrial*. No dia 8 de outubro de 1903 saiu uma lista na qual constavam os seguintes livros, com seus respectivos preços: *Compêndios de Gramática*, de João Ribeiro (2ª e 3º ano, 1\$ e 2\$000); *1º Livro*, de Hilário Ribeiro (Cartilha nacional, \$500); *Pequena Geografia*, de J. M. de Lacerda (1\$000); *Autores Contemporâneos*, por João Ribeiro (2\$000); *Epítome da história do Brasil*, por M. Pinto (1\$000); *Seleção literária*, por F. Barreto e V. Sousa (2\$000); *Educação cívica – América*, de Coelho Neto (2\$000); *Geometria prática*, por Olavo Freire (2\$000); *Elementos de Geometria*, por Sabino da Luz (1\$000); *Rudimentos da chorografia do Brasil*, por Moreira Pinto (1\$500); *Tabuadas*, cartas de A B C (\$200); *Aritmética primaria*, por Trajano (\$500); *Gramática elementar da língua portuguesa*, por Felipe Condurú (\$500); *Idem*, de Abílio César Borges; *Províncias do Brasil em 1889*, por M. Pinto; *Brasileiros ilustres*, por Pinheiro Chagas; *A Lira Sertaneja* (Poesias).

Entre o número considerável de obras disponíveis para a venda há a presença da obra *Educação cívica – América*, de autoria de Coelho Neto, considerado o príncipe dos prosadores brasileiros e fundador da cadeira número 2 da Academia Brasileira de Letras, que teve três narrativas publicados no mesmo jornal nos anos de 1902 e 1903, sendo eles: *O Mentiroso* e *Confidência*, além de a já mencionada, *A Leprosa*, o que consolida o apreço de Coelho Neto pelo público cametaense.

Após analisarmos os números disponíveis de *O Industrial* cremos que a publicação desse significativo número de prosa de ficção, até mesmo mais de um por número do jornal, além das notas que já foram comentadas aqui, mostra a importância destinada à leitura de ficção nas páginas desse periódico.

Assim, concluímos que o jornal analisado foi importante para a sociedade cametaense, visto que, criticava de forma contundente seus costumes, além de ter publicado um grande número de prosa de ficção, objeto-chave desta Dissertação.

## 2.7. O ARTISTA

Figura 18 – Frontispício do jornal *O Artista*

Fonte: *O Artista*, n. 5, 02/08/1891, p. 1

Segundo a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, o periódico semanal intitulado *O Artista* principiou sua produção em 7 de julho de 1891, mas devido à má conservação do livro não se sabe o mês exato em que foi publicado seu último número, no mesmo ano. Tal periódico, fundado pelo capitão Marciano Soares, Raymundo Cordeiro, Francisco Thiago de Leão e Cassiano Ribeiro Cardoso, entre outros, possui apenas os números 5, de 2 de agosto de 1891 e 13, de 28 de setembro do mesmo ano, presentes na biblioteca Arthur Viana e na Hemeroteca Digital. Apesar da pouca quantidade de edições encontradas, tal jornal mostra-se importante por ser, dentre os sete encontrados, o único pertencente à classe operária.

*O Artista*, foi editado por Izidoro C. da Assunção, com escritório e redação localizadas à rua 15 de novembro. Em seu primeiro número disponível, o periódico publicou um apontamento sobre a cidade de Cametá:

Cametá, uma das mais importantes do estado do Grão-Pará, não só pela fecundidade do seu solo, pela sua fecundidade comercial e outros ramos da indústria pela sua fácil comunicação com a capital, para onde convergem todos os gêneros de sua produção e pela sua antiguidade, como porque tem sido ela o berço brilhante de homens eminentes e o local onde se têm operado fatos heroicamente admiráveis dos quais, em suas páginas de ouro, trata a história e que muito a distinguem e honram, devia atualmente ser uma soberba e populosa cidade, uma verdadeira princesa do majestoso Rio Tocantins, contendo em si um comércio ativo e de maior desenvolvimento, os recursos de que necessitamos para o seu real engrandecimento e importância, se não fosse estar ela, como que, jogada ao abandono, ao olvido, por tantos representantes que tem enviado ao grêmio daqueles homens que, tomando assento perante a Nação ou Estado, vão discutir os meios, os recursos de que urge o nosso País (*O Artista*, n. 5, 2/08/1891, p.1).

O autor destaca a importância da cidade de Cametá, tanto no contexto regional, quanto em todo país, fato que é creditado a seus ilustres filhos, que representam Cametá na política, devendo, assim, trazer benefícios para a cidade, que segundo o jornal, estaria um pouco esquecida. O autor segue conclamando seus colegas artistas a não desistirem da arena jornalística, pois é "por meio da palavra que é laço mais geral da sociedade, que faz a união fraterna dos homens, que abate os soberbos, eleva os abatidos, instrui os ignorantes, protege os desvalidos, teremos luz suficiente para dissipar a escuridão da imaginação daqueles pais da pátria, que guiam a mão do Estado" (*O Artista*, n. 5, 2/08/1891, p.1).

Convém também chamar atenção para o aviso publicado na mesma edição "Não aceita-se para publicar-se neste jornal artigos escritos em linguagem virulenta ou ofensiva e políticos, embora venham devidamente responsabilizados" (*O Artista*, nº 5 02/08/1891, p. 1). Nesse trecho percebemos certo caráter de moralidade em relação às publicações e a não aceitação de artigos com temática política, mesmo que seus autores sejam responsabilizados.

A criação desse jornal foi notícia em *A Reação* no dia 12 de julho de 1891, como podemos observar na nota com o título de *O Artista*, que exalta a nova publicação e os dons artísticos:

Fomos honrados com a visita do 1º número deste periódico nesta cidade. O seu principal fim é advogar o interesse da classe; sendo seus fundadores os srs. Capitão Marciano Soares, funileiro; Francisco Thiago de Leão e Cassiano Ribeiro Cardoso, marceneiros; Estefânio Francisco da Silva, Augusto Cordeiro e Sezino Miranda, alfaiate; Roque Costa, ourives. Nós consideramos as artes como necessárias a vida dos povos, tão iguais como o ar que respiramos, não podemos deixar de felicitar esses ilustres cavalheiros pela nobre empresa que voluntariamente tomaram sobre seus ombros, e o encorajamos para que não esmoreçam na senda que se propuseram trilhar; e resumimos-lhe as nossas felicitações as seguinte palavra – Avante. Lembrai-vos que não haveriam palácios suntuosos se não houvesse *O Artista*; e as mobílias que adornam as suas salas, saíram das mãos calosas do *Artista*. Aos artistas devemos os grandes empreendimentos que vemos no século; a transmissão dos nossos pensamentos pelos tipos, pelo vapor, pelo fonógrafo, pelo telefone e pela eletricidade, tudo devemos aos artistas; a recordação dos nossos entes mais caros, de vemos a fotografia, obra artística.

As artes em nosso século tem feito mais progresso do que a ciência, e esta reverente curva-se ao seu vasto domínio, porque sem as artes a ciência nada seria.

Nós que escrevemos estas toscas linhas, o que seríamos se não existisse a pena tirada da mão d*O Artista*?

Seríamos simples párias.

Elevamos as artes a altura elevada porque o seu poder é grande, é nobre, majestoso e humanitário.

Esse poder não reconhece superior, e é por isso que *O Artista* é um homem independente – Avante! (*A Reação*, n. 257, 12/07/1891, p. 2).

Somado ao cenário político ao qual o jornal se dedicava, foram veiculados nas páginas de *O Artista* notícias, poemas, anúncios e uma única prosa intitulada “A fitinha azul”, de Luiz Barreiros. Tal narrativa se passa no penúltimo domingo do mês de Julho, supostamente no bairro da Aldeia, situado em Cametá, uma vez que o narrador afirma que sua amada “Beliza viria passar esse dia n’Aldeia.” (*O Artista*, n. 05, 02/08/1891, p. 4), o que possibilita assim uma aproximação do escrito com o público, ao colocar como cenário a própria cidade.

Analisando as informações obtidas na pesquisa de *O Artista*, reconhecemos nele um importante periódico, que ressalta a importância de Cametá no contexto regional e nacional, além de um rastro da cultura letrada da cidade, ao ter publicado diversos poemas e uma prosa de ficção.

### 3 AS BELAS-LETRAS NOS JORNAIS DE CAMETÁ: UMA ANÁLISE DA PROSA DE FICÇÃO

Após a Independência do Brasil, uma grande fonte de interesse foi a presença dos folhetins nos jornais. Esse gênero literário foi uma importante ferramenta de atualização cultural em nosso país, segundo Meyer (1996) em *Folhetim, uma história*: “Deste caótico passeio em busca do folhetinzão europeu no Brasil fica a certeza de ter ele deixado marcas indeléveis, e não só nos construtores do romance nacional.” (MEYER, 1996, p. 313). O folhetim era inicialmente o espaço destinado a diversos assuntos e à crítica literária no rodapé dos jornais. Segundo Meyer (1996), em sua origem, ele era:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõe charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos – o esboço do *Caderno B*, em suma. E numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestre e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas. (MEYER, 1996, p. 57-58).

Assim, os editores e escritores contavam com uma grande liberdade para inserirem novos gêneros no espaço *Folhetim*. Ao falar sobre o surgimento deste gênero, Meyer (1996) afirma que:

Com os dois novos jornais (*La Presse*, do pioneiro Girardin, e *Le Siècle*, que o pirateou de saída) vai se ampliar o campo semântico da famigerada palavra lançando a sementeira de um *boom* lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. (MEYER, 1996, p. 58-59).

Com a criação dos jornais citados acima e com a inserção do folhetim tem-se um sucesso literário que vai abrir as portas para que cada vez mais a prosa de ficção pudesse fazer parte da vida diária. Esse gênero narrativo teve sua estreia com a publicação da obra *Lazarillo de Tormes*, pelo jornal *La Presse*, em 5 de agosto de 1836 e acabou sendo um sucesso e uma grande fonte de lucro para os donos dos jornais.

O público da época tinha o interesse em comprar e ler a prosa publicada nos jornais, consoante afirma Barbosa (2007, p. 22): “Neste sentido, a prosa de ficção surgiu, assim, como uma demanda do público leitor de periódico, cujo controle era impossível de restringir ou estabelecer *a priori*, uma vez que ia se conformando a partir das expectativas da época”. Percebemos, assim, que a presença da prosa de ficção nos jornais surgiu devido ao grande interesse do público por esse tipo de gênero literário.

Essas publicações passaram a fazer sucesso e os grandes autores franceses eram cada vez mais requisitados a publicarem suas obras no formato de romance-folhetim. O público dos folhetins era vasto e advindo de todas as classes sociais. As pessoas se identificavam com os personagens e com as histórias narradas e, segundo Bakhtin (1998, p. 421): “pode-se participar dessas aventuras e se auto identificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida particular”. Assim sendo, os leitores acompanhavam os folhetins com grande interesse, o que permitiu grande desenvolvimento desse gênero nos periódicos.

A presença dos folhetins nos jornais brasileiros também teve grande importância, alavancando assim as vendas de jornais, Meyer (1996), a respeito do surgimento do gênero nas terras brasileiras, diz que:

Uma nota de rodapé do *Jornal do Comércio* de 31 de outubro de 1838 chama a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo da “linda novela”, *O Capitão Paulo*, novela de Alexandre Dumas, traduzida por J. C. Muzzi. A publicação se estende de 31 de outubro a 27 de novembro. Está aberto o rodapé ao *feuilleton-roman*, que começa a jorrar descontinuamente a partir de 1839, que é também o ano em que o jornal acolhe as chamadas primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira, com os textos de Pereira da Silva, J.J. da Rocha, Paula Brito e outros. A invasão maciça do folhetim traduzido do francês, que vai estender-se por anos a fio, nem por isso elimina o calouro romance nacional: ambos vão coexistindo em regime de alternância. (MEYER, 1996, p. 32).

Foi a partir da publicação de *O Capitão Paulo*, em 1838, que o folhetim passou a fazer parte da vida diária da população brasileira, publicando diversos autores. Esse tipo de prosa fez sucesso desde sua inauguração, atraindo a atenção de diversas camadas da sociedade. A respeito desse sucesso, é Meyer (1996) quem ilustra novamente:

(...) O folhetim, portanto, instala-se no jornal e espalha-se em volumes baratos pelas bibliotecas, onde, já o dissemos, é espantosa sua ocorrência. Muito embora o estudo de tiragem e público da imprensa brasileira ainda esteja por ser feito, o simples exame das modificações havidas no jornal leva a crer que, como na França, sua prosperidade esteve ligada diretamente ao sucesso e, portanto, à publicação do folhetim. E tal sucesso mostra igualmente, guardadas as proporções, a existência no Brasil de um público consumidor de novelas já suficiente para constituir em elemento favorável de venda de jornal (MEYER, 1996, p.59).

Tanto sucesso devia-se ao fato de o acesso ao jornal ser facilitado e barato e o interesse por parte dos leitores fazia com que mais obras fossem publicadas, criando-se assim “uma cumplicidade com o leitor, por meio do uso da fórmula do “continua amanhã...” (SALES, 2014, p. 44). O folhetim tornou-se, nessa época, o principal sustentáculo das vendas de periódicos, pois os autores utilizavam de técnicas para manter o suspense até o último minuto.

Assim sendo, se não houvesse a possibilidade de publicação no referido suporte, muitos autores hoje não seriam conhecidos e divulgados. Nobre (2009), na dissertação intitulada *Leituras a Vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista*, enfatiza essa ideia:

Dessa forma, se editores, livreiros, instituições políticas, imprensa ou mesmo esferas sociais não estivessem envolvidas, apenas o brilhantismo do autor e a beleza de seu texto não encantariam os corações e olhos dos leitores dos mais diversos setores sociais. A invenção de Gutenberg foi, nesse sentido, o suporte para a difusão de ideias, de informações e de modas nos muitos espaços do mundo onde se estabeleceu como um suporte mercadológico. (NOBRE, 2009, p.14).

Ao seu unirem, esses setores facilitaram a divulgação e alcance das obras por meio dos folhetins, assim como aumentou muito o número e a diversidade de autores e nacionalidades que circulavam por aqui. Na Província do Grão-Pará, esse fenômeno não foi diferente, o que pode ser exemplificado pelo grande número de jornais que eram publicados em Belém e no interior. Em Cametá, tão distante da capital, isso fica bastante explícito ao se observar o interesse do público leitor, basta ver o escopo de publicações locais, além do expressivo número de crônicas, contos e folhetins veiculados. Dessa forma, para se ter uma ideia da importância da cidade para o contexto regional, foi necessário ir à fonte primária dos periódicos, buscar as origens e a história da cidade.

Apesar da distância geográfica entre Cametá e a capital da Província, Belém, a forte presença da imprensa e o grande número de publicações na cidade permite afirmar que o interior paraense, em particular, a região mencionada, valorizava a cultura letrada e não se mantinha à margem do que estava acontecendo no restante do país em matéria literária. As informações mencionadas e analisadas nos capítulos anteriores permitem corroborar a fala de Barbosa (2007) de que:

Outro importante aspecto da circulação da cultura letrada que os jornais revelam com bastante propriedade diz respeito à integração entre as províncias e a circulação de livros e periódicos. Esta e as outras pesquisas em jornais têm desmentido a concepção corrente, segunda a qual as províncias viviam culturalmente isoladas e, no máximo, mantinham contato com a Corte, ou a capital da República. Ao contrário, os jornais e periódicos revelam que havia um movimento intenso entre as províncias, o que incluía a troca de jornais, o recebimento de livros, a crítica literária, tudo isso apresentado em notas que, por si só, já constituem fonte de documentos e de pesquisas para uma história da leitura no Brasil que não se limita às fontes bibliográficas tradicionais (BARBOSA, 2007, p. 83-84).

Foi essa integração entre a Província do Grão-Pará e o interior que possibilitou que a imprensa chegasse a Cametá. Nos jornais cametaenses encontrávamos diversas publicações de autores brasileiros e estrangeiros, perfazendo um total de cinquenta e cinco exemplos de prosa de ficção, catalogados na tabela no Apêndice A. Entre os nomes estão autores brasileiros e



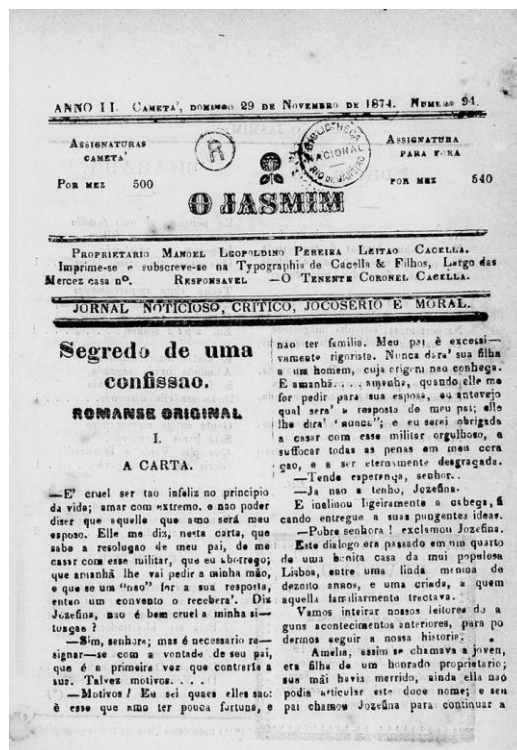
estrangeiros consagrados pela crítica, como Julia Lopes de Almeida, Machado de Assis, Arthur Azevedo e Bernardo Guimarães, André Theuriot, Ivan Turgueniev, entre outros.

Tendo em vista o que foi categorizado durante a pesquisa, ao observar os exemplos de prosa de ficção publicadas nos jornais de cametaenses, estabelecemos três categorias: obras com perspectivas femininas, com temática ou ambientação portuguesas e com autoria veiculada a escritores franceses.

Assim, foram selecionados seis exemplos que serão analisados neste capítulo, em ordem cronológica de publicação: *O Segredo de Confissão* e *O Poder de um Retrato*, de autorias desconhecidas; *A Monja* de Soror Amélia; *Pão de Ouro* de Édouard de Laboulaye; *Bruto!* de Julia Lopes de Almeida e *Esmola de Amor*, de André Theuriot.

### 3.1 SEGREDO DE UMA CONFISSÃO, ROMANCE ANÔNIMO

Figura 19 – Folhetim *Segredo de uma confissão*



Fonte: *O Jasmim*, n. 94, 29/11/1874, p. 1

Publicada em sete capítulos no jornal *O Jasmim*, iniciando em 29 de novembro de 1874, o romance intitulado *Segredo de uma confissão – Romance Original* – não teve sua autoria divulgada no jornal.

O primeiro capítulo, intitulado *A carta*, apresenta a jovem Amélia, que está infeliz ao ler uma carta de seu amado, pois ele afirma que sabe que o pai da jovem está decidido a dá-la

em casamento a um militar, mas, apesar disso, irá no dia seguinte pedir a mão dela em casamento. Se a resposta for negativa, ele entraria para um convento.

A criada, Josefina, tenta acalmar a moça dizendo que ela deve resignar-se à vontade de seu pai e que ele deve ter seus motivos para negar o pedido, mas ela tem certeza de que o verdadeiro motivo do pai:

É esse que amo ter pouca fortuna, e não ter família. Meu pai é excessivamente (palavra ilegível). Nunca dará sua filha a um homem, cuja origem não conheça. E amanhã... amanhã, quando ele me for pedir para sua esposa, eu antevejo qual será a resposta de meu pai; ele lhe dirá “nunca”; e eu serei obrigada a casar com esse militar orgulhoso, e sufocar todas as penas em meu coração, e a ser eternamente desgraçada (*O Jasmim*, n. 94, 29/11/1874, p. 1).

Esse diálogo, segundo o narrador, se passou em um quarto de uma bela casa de Lisboa, capital de Portugal, e a linda jovem contava então com dezoito anos. Já no final do capítulo, o leitor é informado que Amélia ficou órfã de mãe muito cedo, em uma idade que “ainda ela não podia articular esse doce nome” e seu pai chamou Josefina para cuidar dela.

O segundo capítulo, *Recusa e despedida*, retoma no dia posterior ao da carta, e mostra Roberto, pai de Amélia, recebendo a visita de Eduardo, o amado da moça. Ao ser perguntado a respeito de sua visita, o jovem responde: “Senhor, disse Eduardo, há um ano que amo vossa filha; ela corresponde-me ao amor que lhe consagro; e eu não posso desejar mais que uni-la ao meu destino; por tanto vinha lhe pedir a sua mão” (*O Jasmim*, n. 95, 06/11/1874, p. 1). A resposta do pai, como já esperava Amélia, foi de que Roberto gostaria de saber mais a respeito da família de Eduardo, sua posição social, para poder decidir o destino de sua filha.

O moço afirma que é caixeiro da casa de Jeronimo Alves Guimarães, uma das mais abastadas da capital, e que tem condições de sustentar sua amada, mas infelizmente, não possui uma família. A inserção de tal informação na narrativa nos remete ao fato de muitos jovens portugueses da época precisarem trabalhar para juntarem dinheiro para poderem se casar, assim a profissão de caixeiro era comum e bastante rentável em Portugal.

Como previsto, o pai se recusa terminantemente a conceder a mão de sua filha em matrimônio ao jovem, afirmando: “Infeliz!... Julgo-o bela pessoa, e até virtuoso; mas... um enjeitado... nunca será esposo de minha filha” (*O Jasmim*, n. 96, 06/11/1874, p. 1). Há aqui a referência a outro fato da história de Portugal, a “roda dos enjeitados” foi um mecanismo introduzido no país a partir de 1498 com o surgimento das irmandades da Misericórdia, e servia para que as pessoas abandonassem os recém-nascidos que não podiam ou não queria criar. Para as crianças que eram abandonadas, o apelido de “enjeitado” era um peso que carregariam durante toda a vida. Além do mais vemos que há por parte de Roberto uma

preservação do nome da família, já que o fato de Eduardo poder sustentar Amélia vale menos do que o fato dele não saber quem foram seus pais.

Ao ter a mão de Amélia recusada, Eduardo fica indignado: “É o não ter família que faz com que o senhor recuse dar-me a sua Amélia? Deve porem lembrar-se que as ações fazem os homens; e que apesar de não ter parentes sou honrado.” (*O Jasmim*, n. 95, 06/11/1874, p. 1). Apesar muito triste devido à recusa, ele decide que não irá se vingar e nem tentará contra sua própria vida, mas irá entrar para um convento. Ao sair, o moço encontra a amada, e a despedida se dá assim:

– Adeus, Amélia; teu pai recusa dar-me a tua mão. Eu vou sepultar-me no interior de um claustro; e mesmo debaixo das vestes sacerdotais eu nunca deixarei de te amar; a tua imagem querida existirá em meu coração enquanto me animarem os vitais alentos. Adeus, e adeus para sempre (*O Jasmim*, n. 95, 06/11/1874, p. 1).

Amélia, não sendo capaz de articular uma palavra de despedida, entra em devaneio e infelicidade, ao ver suas esperanças de se casar com Eduardo serem destruídas. O capítulo seguinte, intitulado *Convento*, começa afirmando que a casa de Roberto ficou sossegada após o episódio que findou o capítulo anterior e Amélia encontra-se profundamente desolada. Eduardo havia cumprido sua promessa e estava no convento de Santo Antônio dos Capuchos. A Ordem dos Capuchos foi fundada em Portugal em 1517, sendo uma reforma saída dos Franciscanos Observantes. Já o convento em questão foi fundado em 1570 e reedificado após o terremoto de 1755, que devastou o país. Um fato interessante é que foi essa mesma ordem que aportou na cidade de Cametá, para catequizar os indígenas.

Ao procurar o provincial do convento, o moço expõe os argumentos para ser aceito na ordem:

Disse-lhe que era órfão; e (palavra ilegível) de meios para poder subsistir; que não tendo parentes em grau qualquer, e achava senhor das suas ações; e por isso escolhia a clausura; que tinha uma prenda, pela qual devia ser admitido imediatamente, e supriria o seu dote, sabia música, e tocar o piano e órgão (*O Jasmim*, n. 95, 06/11/1874, p. 1).

Dessa forma, Eduardo foi aceito, apesar de o religioso ter desconfiado de que havia algum motivo especial para uma pessoa tão jovem querer se internar no convento. Os dias se passam e o moço cada vez faz mais amizade com o Frei Gil. Ele conta ao frei todo seu infortúnio, que o aconselha a resignar-se a sua condição atual. As palavras são benéficas e ajudam Eduardo a se sentir melhor. Os dois se separam, cada um se dirigindo a seu próprio claustro e o capítulo se finda.

O capítulo seguinte, *O Segredo*, inicia-se da seguinte forma: “Era alta noite: Eduardo na sua cela lia com avidez os sublimes e consoladores pensamentos dos autores daqueles

livros santos, que, assim como o maná do deserto mitigou os famintos de Moisés, refrigerava sua alma cheia de amor e ciúme (*O Jasmim*, n. 97, 28/12/1874, p.1).

Procurando alívio para seus sentimentos, Eduardo busca a leitura das Sagradas Escrituras, ao se dirigir a um armário depara-se com vários cadernos, entre eles, um intitulado *Algumas de minhas confissões mais notáveis*.

Inicialmente, ele se sente repugnado por ter acesso aos segredos de tantas pessoas, mas ao chegar ao meio do caderno, “o rosto de Eduardo brilhou de contentamento; largou o manuscrito, e caiu de joelhos diante da imagem de Jesus Cristo crucificado que existia na cela”. (*O Jasmim*, n. 97, 28/12/1874, p.1), a parte onde ele havia aberto mostrava o resumo de várias confissões e dizia:

Viviam nesta capital dois esposos; e havia oito meses que possuíam um doce fruto de seu amor: chama-se Eduardo Teixeira. Sua mãe, Joaquina Ramos, recolhendo-se um dia para sua casa não achou o seu querido filho: ele havia sido roubado por uma mulher a quem seu marido havia prometido unir-se, procurando vingar desta sorte o seu amor desprezado; teve ocasião, de acordo com uma criada, e o conduziu à Misericórdia, alguns anos depois ela confessou seu crime, e Joaquina foi procurar o menino àquela casa; este porém havia saído dali, levando consigo a medalha e retrato que o acompanhava, a fim de que com aqueles sinais, poder, por acaso, um dia achar a sua família (*O Jasmim*, n. 97, 28/12/1874, p. 2).

Tal confissão permite a Eduardo recuperar a história de sua família. Sua mãe, em seu leito de morte, confiou ao padre que possuía grande fortuna, que devia ser entregue a seu filho, quando ele aparecesse. O sinal de reconhecimento seria a medalha que a criança havia levado consigo ao ser sequestrada.

Um dado importante que aparece nesse capítulo é a informação da data em que Eduardo foi roubado: 10 de dezembro de 1814, a mesma data que Eduardo afirma ter dado entrada na Casa de Misericórdia. Além disso, ele possuía na época também a medalha sobre o peito. Essa reviravolta do destino, típica do romantismo brasileiro, permite a Eduardo tentar reverter sua situação perante o pai de Amélia. Agora ele se sente feliz, pois, em suas palavras:

Tenho fortuna, tenho família, e Amélia será minha; mas esse homem?!... Oh! Eu rompere todos os obstáculos: para longe estes hábitos que já não quero: agora só exijo a felicidade. Não era a fortuna que eu ambicionada, era família; agora tenho-a. e poderei dizer a Roberto, cheio de orgulho: – “Não é um enjeitado que pretende a mão de vossa filha, é um homem que pode ser seu esposo. É uma vítima sacrificada à perversidade de uma víbora, cujo veneno vomitou sobre a minha existência inocente; porem hoje... hoje tenho família – O Céu fará o resto (*O Jasmim*, n. 97 28/121874, p. 2).

Enlevado, Eduardo procura Frei Gil para contar suas descobertas. Após ouvir a narrativa, o religioso afirma que na verdade, era irmão do pai do moço, mas que não sabia de sua existência, pois à época de seu nascimento estava de relações cortadas com a família.

No início do seguinte capítulo, *A morte de um bravo*, Eduardo dirige-se à casa de Roberto para pedir novamente a mão de sua filha em casamento. O pai afirma que havia se arrependido de não ter permitido o enlace, pois sabia das qualidades do jovem, mas já havia dado permissão a um outro homem, Rafael, para se casar com a moça.

Antes de saber o que se passava com os sentimentos de Eduardo frente a uma nova decepção, Rafael chega à casa em uma maca, pois uma bala havia atingido o militar. Há aqui um dado importante para a narrativa, que é a afirmação de Roberto que ocorria uma “crise melindrosa na capital”. Tal fato permite situar o enredo no tempo cronológico da história, Eduardo foi sequestrado aos oito meses de idade em 1814 e o tempo atual da narrativa se passa em 24 de julho de 1833, dessa forma, a narrativa se passa durante o período da Guerra Civil Portuguesa, que durou de 1828 a 1834.

Tal movimento, também conhecido como Guerra Liberal, Guerra Miguelista ou Guerra dos Dois Irmãos, foi travada entre liberais constitucionalistas e absolutistas sobre a sucessão real. Os lados lutavam pelo respeito às regras de sucessão ao trono português face à decisão tomada pelas Cortes de 1828, que afirmavam ser de D. Miguel I o direito ao trono. Antes de falecer, Rafael conta seu papel nesse movimento histórico real:

– Pertença ao batalhão de caçadores n. 2, e com ele assisti a todas as ações que tiveram lugar na cidade do Porto até a saída da divisão que hoje ocupa Lisboa: os nossos bravos obraram ali prodígios de valor e coragem, eles encaravam a morte placidamente; a doce palavra *liberdade* era a sua divisa, o seu pendão, era o talismã celeste que os animava nos perigos, que os elevava ao trono do Altíssimo, quando no campo de batalha deixavam a existência que o mesmo Deus lhes havia concedido. Ah! Meu amigo, não avalias o sentimento que inebria o coração do soldado, quando combate em prol de uma sagrada causa! – Esse sentimento, meu Roberto, é a glória! Os alentos me faltam: eu resumirei o resto, embora a vida me abandone, contando as façanhas dos meus valentes camaradas. Saímos do Porto com mil trezentos e cinquenta homens, comandados pelo marechal duque da Terceira, desembarcamos no Algarve, e seguimos para Alentejo sobre as forças do Visconde de Molelos, e mudando de caminho viemos ontem atacar Teles Jordão, que com quatro mil homens, nos esperava no sítio da Piedade. Ele foi batido e derrotado, e em Cacilhas exalou o último suspiro. Foi ali que fui ferido; e só me custa não ver o completo triunfo do partido por que tenho pugnado (*O Jasmim*, n. 98, 06/01/1875, p. 3-4).

Apesar de saber que vai morrer, Rafael encontra-se feliz por ter lutado bravamente por seus ideais de militar. Em seu leito de morte, permite a Roberto ceder a mão de sua filha a outro homem que poderá fazê-la feliz. Inteiramente alheia a todos os acontecimentos que se deram em sua casa, Amélia está em seu quarto rogando a Deus que mande um consolo para suas lágrimas.

O derradeiro episódio, *Patriotismo e Felicidade*, mostra a decisão de Eduardo, em um gesto que demonstra um forte caráter e amor à pátria, de se alistar nas fileiras dos caçadores,

onde Rafael havia deixado uma lacuna. Vestindo seu uniforme de militar, o moço vai à casa de Amélia, que ao vê-lo nesses trajes, se desespera, pois acredita que o destino havia a unido novamente a Eduardo, somente para separá-los em seguida. Ele justifica seus motivos de partir assim:

Eu vos adorava, senhora, e a negativa de vosso pai me fez perder a esperança de vos possuir. Por um dos milagres da Providência me foste restituída. Por um caso igualmente misterioso, a nossa pátria recobra a liberdade: é necessário conservar esta a todo custo: sem ela como poderei gozar em paz a querida esposa? Estáveis destinada a consorte de um bravo, vós não sereis de um fraco. O Céu, que vos entrega em meus braços por um de seus insondáveis arcanos, me livrará dos perigos, e vos dará a necessária resignação para suportar a momentânea ausência que farei. Sim, Amélia, em breve seremos unidos para nunca mais nos separarmos. Em breve deixará de existir essa luta fratricida; e a paz, voando em torno de nós, trará em suas benéficas asas o sossego, e a união apetecida; então sim... então seremos completamente felizes (*O Jasmim*, n. 99, 10/01/1875, p. 1-2).

A atitude de Eduardo, como vemos acima, demonstra uma valorização do nacional, característica do Romantismo Português. O pai da moça, que era um liberal, aprovou a decisão heroica de Eduardo, que o encarregou também de cuidar de seus negócios enquanto estivesse na guerra.

Durante a guerra Eduardo foi honrado por seus superiores e, em pouco tempo, é promovido a oficial inferior, havendo se destacou na ação do dia 10 de outubro de 1833. No ano seguinte, na batalha de Almoester, foi ferido, mas se reestabeleceu prontamente. Finalmente, no dia 11 de julho de 1834, Amélia pôde se reencontrar com seu amado e um mês depois estavam casados e felizes.

Com a extinção dos conventos em Portugal, Frei Gil passa a morar com seus sobrinhos. Roberto está feliz ao ver sua filha bem casada e Josefina não é mais criada da casa, se aposentou. A última frase do romance é destinada novamente aos leitores: “Possam os nossos estimáveis leitores ser tão felizes, como nós julgamos esta venturosa família” (*O Jasmim*, n. 99, 10/01/1875, p. 3)

Grande parte das narrativas publicadas durante o século XIX se enquadravam dentro de uma fórmula e contava com características semelhantes entre si. São elas: os namoros difíceis de começar, as paixões que não podem se concretizar, conflitos morais entre o dever e a paixão, a presença de personagens secundários que agem tanto para separar o casal, quanto outros que ajudam na concretização desse amor, reviravoltas do destino, entre outras.

Após a análise do romance *Segredo de uma Confissão*, acredita-se poder confirmar algumas dessas características: um casal apaixonado que se vê impossibilitado de consumir seu amor; a moça encontra-se em um dilema moral, ao estar apaixonada por um homem que

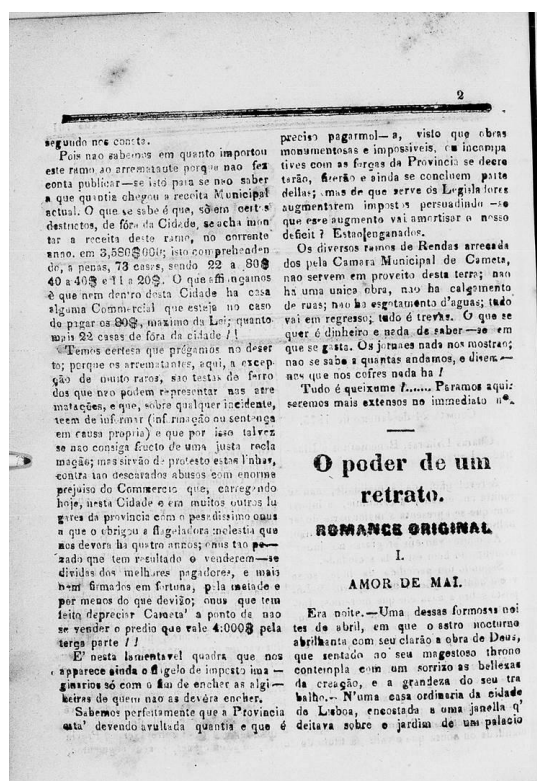
seu pai desaprova, há uma separação temporária, mas por uma reviravolta do destino a situação se altera e eles podem finalmente ficar juntos.

Além disso, observamos que essa narrativa é muito semelhante a *Eurico, o Presbítero*, o romance histórico escrito por Alexandre Herculano em 1844, que é, ao lado de Almeida Garrett, considerado o pai do Romantismo em Portugal. Nos dois romances temos a figura do jovem que não pode se casar com sua amada devido a sua origem humilde. Por esse motivo, tanto Eurico, quanto Eduardo resolvem entrar para a vida monástica. Além disso, ambos mostram-se guerreiros valorosos, Eurico lutando sob o codinome de Cavaleiro Negro na batalha contra os mouros, e Eduardo vai à luta durante a Guerra Miguelista. A diferença está no desfecho, pois Eduardo após várias reviravoltas, consegue concretizar seu amor, já Eurico já havia feito os votos e se tornado o Presbítero de Carteia. Em decorrência desse amor impossível, sua amada, Hermengarda, enlouquece e o moço parte para um novo combate suicida contra os mouros.

### 3.2 O PODER DE UM RETRATO, ROMANCE ANÔNIMO

Tendo também como cenário a cidade de Lisboa encontramos outro romance publicado no mesmo jornal, no ano de 1875, em cinco capítulos, intitulado *O Poder de um Retrato* – Romance Original.

Figura 20 – Folhetim *Poder de um Retrato*



Fonte: *O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3

O primeiro capítulo, *Amor de Mãe*, começa mostrando uma casa comum da cidade de Lisboa. Encostada à janela que tinha vista para um palácio está uma jovem de pouco mais de dezoito anos, “formosa como uma virgem de Rafael, alva como o mais fino mármore” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3). Interessante notar aqui a descrição da jovem, bela e com a tez clara, chegando a ser comparada com uma pintura. Ao observar uma das pinturas de Rafael, célebre artista do Renascimento italiano, podemos vislumbrar como eram os padrões de beleza da época, em que a mulher era muitas vezes idealizada e inatingível.

Figura 21 – A Virgem com o Menino, São Jerônimo e São Francisco



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_pinturas\\_de\\_Rafael#/media/File:Raphael\\_-\\_Von\\_der\\_Ropp\\_Madonna.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pinturas_de_Rafael#/media/File:Raphael_-_Von_der_Ropp_Madonna.jpg)

A personagem do romance, chamada Leonor, contemplava um rapaz, Álvaro, um estudante de Medicina, que parecia insensível a seu carinho. Seu rosto “era nobre e simpático, mas parecia que um profundo combate se desenvolvia em seu peito, e dava ao seu caráter um aspecto melancólico.” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Entre eles havia um berço, com uma criança de treze meses, filho do casal. Álvaro nesse momento afirma que deseja levar o filho embora:

– Leonor, vós para mim sois a mesma bela ... encantadora: consagro-vos o mesmo amor; mas hoje venho pedir-vos um sacrifício; eu o exijo por força, ou por vontade.



Eu quero levar meu filho!... Não julgueis que pretendo tratar contra a sua existência...não: ela me é bastante cara; quero tê-lo em minha companhia e nada mais. (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Em seu desespero, Leonor tenta argumentar com Álvaro, afirmando que ele chegou em sua vida, a fez apaixonar-se e entregar sua honra a ele, resultando disso o filho de ambos, mas o homem não esmorece em seu propósito, termina o relacionamento, entrega uma bolsa de dinheiro, promete mandar um pagamento todos os anos e leva o bebê embora.

O segundo capítulo se passa dezoito anos depois, nas salas do palácio do Conde de Rosendal, nobre fidalgo francês, onde está tendo lugar uma reunião com figuras da nobreza de Portugal, dentre eles, Vasco da Gama e Gil Vicente.

Personagem imortal da Literatura, Gil Vicente, nascido no ano de 1465, é considerado o pai do teatro português, foi o responsável por modificar esse gênero no país. A ele são creditadas 44 peças, entre as mais famosas estão: o *Auto da Visitação*, encenado perante a rainha D. Maria; o *Auto da Barca do Inferno*, o *Auto da Barca do Purgatório* e o *Auto da Barca da Glória*.

Já Vasco da Gama foi um importante navegador português do período das Grandes Navegações, nascido em 1469. Foi ele que comandou a frota que chegou às Índias, possibilitando que a Coroa e a burguesia portuguesa obtivessem lucros expressivos, quebrando o monopólio de cidades como Gênova e Veneza.

Confirmamos que são, de fato, as figuras históricas pelo diálogo que se passa entre os cavalheiros presentes:

- Então, Gil Vicente, quando teremos na corte alguma representação dos teus autos?
- Não sei, por ora, quando poderei satisfazer esse desejo do nosso rei D. Manoel.
- E vós, D. Vasco da Gama, não ides descobrir novas terras, e ganhar mais uma coroa para vossa cabeça, e um brasão para nosso Portugal?
- Não, D. Rodrigo, há já dois anos que saí de Lisboa, e apenas oito dias que cheguei à minha pátria. É necessário descansar um pouco. Essa empresa, que o finado rei d. João II legou a meu pai, deu-me ao meu filho; empreguei todos os recursos para bem a desempenhar; a favor de Deus; e a ciência dos homens levaram ao cabo os meus projetos; lutei com todas as adversidades: via morrer os meus marinheiros, as tempestades próximas a fazer-nos engolir pelas ondas, os raios prestes a fazer-nos vítimas, os mouros sempre armando-me ciladas e traições, e... mas não desanimei; acabei a tarefa de que me tinha encarregado, e entrei em Lisboa, trazendo apenas cinquenta e cinco homens de cento e quarenta e oito com que dela havia saído. (*O Jasmim*, n. 103, 16/02/1875, p. 3).

Como vemos, há aqui uma preocupação em fornecer uma contextualização histórica de dois personagens significativos da história de Portugal, assim como o período áureo das navegações ultramarinas. Sendo um país pioneiro nas navegações, foi a partir do século XV que os portugueses obtiveram grande sucesso nos empreendimentos marítimos que buscavam

recursos minerais, vegetais e outras riquezas. Entre os resultados provenientes de tais incursões está o descobrimento do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

Maria de Rosendal, também presente nessa reunião, era a filha do dono da casa, bela moça, bem-vestida, considerada uma deusa da formosura pelo narrador, era admirada de perto por Pedro, a quem retribuía um sorriso, indicativo de que havia um romance entre eles. O que é confirmado pela fala de Pedro, na continuação do capítulo na edição seguinte do jornal:

Deixar-vos eu, Maria? Eu, que tanto vos amo? Que desejaria estar sempre junto a vós?... na minha viagem era o vosso retrato que me animava nos perigos; invocava vosso nome, e parecia que as vagas se curvavam respeitadas. – Que mistério não tinha esse nome, pronunciado ante o Céu e a imensidão dos mares – ante Deus, e o elemento que furioso se debatia contra a frágil embarcação. – Mas como era possível morrer, se tinha um anjo que velava por mim, e pedia ao Soberano do mundo proteção para o seu terno amante! (*O Jasmim*, n. 104 25/02/1875, p. 1)

A resposta de Maria exprime um dado importante: a data que seu amado partiu em viagem com Vasco da Gama, 7 de junho de 1497, o que o inclui na histórica expedição que descobriu as Índias:

Tinha a data da vossa partida bem gravada na memória: foi a 7 de junho de 1497 o dia em que me disseste o último adeus: passaram-se dois anos, e nem uma notícia vossa, quando a 10 de julho deste ano entrou em Cascais a nau de Nicolau Coelho; mas aquela em que haveis partido não vinha: que me importava se achassem novas terras, se eu perdia aquele que amava? – Avaliei as angústias de meu coração, e os tormentos que padeci até ao dia 29 do mês passado, que vi entrar uma nau: um pressentimento lisonjeiro me avisou que éreis vós: orei à Virgem, e lhe dei graças de mo haver restaurado a minha ventura, o meu querido Pedro (*O Jasmim*, n. 104, 25/02/1875, p. 1-2).

A alegria pela volta de Pedro era intensificada pelo fato das duas famílias aprovarem a relação, e o casamento já estava sendo tratado por seus pais. A edição seguinte exhibe a sequência do romance, com o capítulo *A mãe e o filho*. Um mês havia se passado desde a festa, e na casa do conde Álvaro, pai de Pedro, os preparativos para o casamento de Maria e Pedro estavam sendo feitos. Durante um passeio pelo sítio da Alfama em direção a seu palácio, o jovem avista um casebre que indicava pobreza e miséria, onde se encontra uma senhora muito humilde. Como vemos, há aqui um indício de que a narrativa seria de autoria portuguesa, pois o autor parece ser alguém que tinha conhecimento muito extenso e aprofundado sobre os cenários portugueses, uma vez que cita um dos bairros mais famosos de Lisboa, capital portuguesa.

Ao parar para conversar com a mulher, Pedro pede para que ela conte a origem de sua desgraça, que narra:

– São passados vinte anos. Eu era jovem nessa idade em que o amor é o único pensamento, houve um homem por quem senti uma violenta paixão. [...] Dessa união tivemos um filho; era os meus encantos, era junto a ele que passava parte de

meus dias, a contemplá-lo quando dormia o seu sono de inocente. [...] Uma noite, noite fatal, o meu amante me disse que pretendia seu filho, roguei-lhe, pedi-lhe de joelhos que mo deixasse, que não mo roubasse minha única consolação; mas ele foi surdo a meus rogos, e levou meu filho para sempre! (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 1-2).

O jovem pede então para que a senhora fale o nome do homem que levou seu filho embora, ela respondeu que seu nome era Álvaro. A senhora possuía também um retrato do homem, e ao mostrá-lo a Pedro, esse reconhece seu pai. Emocionado, o moço promete levar sua mãe daquele lugar em breve e vai para seu palácio.

A última parte, *A Reparação*, mostra o confronto de Pedro com seu pai, em busca de respostas após a conversa com sua mãe. Ele começa por contar toda a história que ouviu mais cedo. No coração de Álvaro voltavam todas as memórias da época em que era jovem e havia amado aquela mulher. Ele então pede para ver Leonor, e afirma que o que havia motivado a separação tinha sido a grandeza de seu nome, as convenções sociais. O conde pede o perdão de Leonor, que o aceita, uma vez que ainda o amava.

No dia seguinte, Pedro e Maria estão prontos para o seu casamento, quando Álvaro e Leonor aparecem elegantemente vestidos para o seu próprio enlace. O último parágrafo da obra é uma fala do conde:

– Senhores: tenho a honra que anunciar-vos dois casamentos: o de Pedro com a linda Maria de Rosendal; e o meu com a mãe de meu filho; com a jovem a quem muito amei, a quem seduzi, e a quem infamemente abandonei. Sei que ainda me adora, e devo, se bem que tarde, reparar a minha falta. Sei que desejais conhecer a vítima dos caprichos de minha juventude; porém não vo-la apresentarei como tal, mas sim como aquela a quem ofereço o meu nome, e a minha mão; como a esposa que vai ser minha. A que vedes a meu lado é a condessa D. Leonor (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 3).

O romance termina com essa tentativa de reparação do passado por parte do Conde Álvaro, ao fazer da mulher, a quem uma vez abandonou e a quem tomou o filho, sua esposa e condessa. Após a análise dessa narrativa, percebemos que ela é essencialmente romântica, uma vez que, assim como *Segredo de uma Confissão*, retrata as peripécias que os casais, no caso Amélia e Eduardo e Álvaro e Leonor passam para poder realizarem seus enlaces amorosos.

Ademais, há nas duas obras a questão do casamento por conveniência, que dita os valores morais, pois Amélia é, inicialmente, impossibilitada de se casar com o homem que ama, pois ele não possui um nome de família e Álvaro se recusa a prosseguir sua relação com Leonor, pois ele é um fidalgo e ela uma moça humilde, reiterando o quanto era importante para a sociedade portuguesa a valorização do nome familiar. Além disso, encontramos nelas figuras femininas, Amélia e Leonor, que devem se sujeitar às vontades masculinas que

ditavam os rumos de suas vidas, questão que era bastante comum na sociedade patriarcal em que as narrativas estavam inseridas.

### 3.3 A *MONJA* DE SOROR AMÉLIA

No século XIX, a escrita feita por mulheres, para mulheres ou com personagens femininas estava em seu auge e foram fundamentais para a propagação do romance enquanto gênero literário. Encontra-se eco nas palavras de Vasconcelos (2007, p. 124), de que “trazendo-as para primeiro plano e pondo-as no centro da cena, o novo gênero literário, assim como grande parte da produção intelectual do período, demonstrou interesse sem precedentes pela figura da mulher, por sua natureza e posição.”

Mesmo experimentando essa valorização da mulher, seu papel na sociedade da época era bastante restrito. Elas tinham que se submeter aos desejos do pai e do marido, serem castas, femininas, submissas e fazerem de seus lares retiros de paz e serenidade. Às mulheres era relegada a tarefa de cuidar da casa e dos filhos, o que fazia com que usassem seu tempo ocioso com a leitura de romances, que também serviam para inculcar nelas os ideais que a sociedade pregava como valorosos:

Naturalmente, os romances também participaram deste movimento cultural. A maior parte deles, na Inglaterra do século XVIII, foi escrita para instruir pelo exemplo, promover a virtude e punir o vício por meio de uma história divertida. O senso de propósito moral e o zelo didático dos romancistas exprimiam uma moralidade burguesa que clamava por expressão. Para eles, o romance funcionava como um instrumento pedagógico que visava reformar os homens, os costumes e as maneiras. O romance teve, dessa forma, papel central na construção do gênero (*gender*), articulando e propagando a ideologia da domesticidade, que confinava as mulheres à esfera privada, ao passo que ratificava a noção do homem como um ser público. Mais ainda, o novo gênero (*genre*) contribuiu para naturalizar esse novo conceito de feminilidade, como se houvesse uma essência feminina – biologicamente inferior, socialmente subordinada e portadora de qualidades naturais que a tornavam mais afeita ao mundo da casa (VASCONCELOS, 2007, p. 132).

Apesar desse controle masculino, perpetuado em partes pelos romances, como visto acima, as vozes de algumas escritoras começaram a surgir, também como uma tentativa de levar as mulheres a questionarem seu papel na sociedade e a repensarem sua subordinação aos homens, por meio da criação de personagens questionadoras, inteligentes e fortes, no que Vasconcelos (2007) reforça:

Apesar dos constrangimentos sociais, algumas dessas romancistas assumiram a responsabilidade de defender a mulher e seu direito à leitura séria, a interesses mais amplos e ocupações intelectuais como parte também da esfera feminina. Desafiando convenções predominantes, suas vozes se levantaram para protestar contra a subordinação feminina, contra os horizontes estreitos e a falta de oportunidades. Como escritoras profissionais, o que por si só já era um desafio aos tradicionais papéis destinados à mulher, era natural que essas romancistas se postassem contra as restrições que limitavam a vida das mulheres (VASCONCELOS, 2007, p. 138).

Conscientes de seu papel na transformação de valores adquiridos e impostos às mulheres, as romancistas usaram de suas penas para iniciar um movimento que visava trazer um pouco mais de liberdade e autonomia à vida das mulheres, foi levando isso em consideração que se resolveu analisar as duas narrativas escritas por mulheres encontradas nos jornais cametaenses, pois acreditamos que elas possuem um pouco desse caráter de inconformismo com os padrões estabelecidos de feminilidade.

A primeira narrativa que demonstra as agruras da condição feminina perante a sociedade patriarcal que apareceu nos jornais de Cameté foi *A Monja*, que apesar de não ter sua autoria reconhecida no jornal *O Jasmim*, foi escrito por Soror<sup>6</sup> Amélia, segundo a publicação do *Jornal das Famílias*, periódico fluminense, em fevereiro de 1865.

Figura 22 – Publicação de *A Monja*

ANNO III CAMETÁ. TERÇA FEIRA 22 DE SETEMBRO DE 1875. NÚMERO 124

ASSIGNATURAS CAMETÁ POR MEZ 500

ASSIGNATURA PARA FORA POR MEZ 540

**O JASMIM**

PROPRIETARIO MANOEL LEOPOLDINO PEREIRA LEITAO CAPELLA.  
 Impri-se e subscreve-se na Typographia de Caella & Filhos, Largo das  
 Mercês casa nº. RESPONSÁVEL — O TENENTE CORONEL CAPELLA.

JORNAL NOTICIOSO, CRITICO, JOCOSERIO E MORAL.

**A PEDIDO**

**ERRATA DO ARTIGO—UMA LAGRIMA DE SAUDADE SOBRE O TUMULO DO MEU NUNCA ASSAS CHORADO PAL—**

Eiros	Emmenda
essetindas.	assetmdas.
insensível	sensível.
freme	freme.
revandicar.	revendicar.
melhor	melhor.

**Variedades**

A MONJA.

Sua magez diz-me o espelho que

sou bella, e bella me chamão as minhas  
 companheiras de infortunio.  
 Sua magez e bella!.. e na primavera  
 da vida, e no vigo da belleaa,  
 e ao desbrochar do coraçãõ, cinge-me  
 o corpo o brel de monja, e condemnãõ—me  
 a passar a existencia entre as paredes  
 solitãas do claustro!...  
 E o coraçãõ me bate com força...  
 e sisto em meio da penitencia e dos  
 cicillos, em meio de murmurar das preces  
 e do resnar do orgãõ, essa soledade  
 indefinivel, essa sede de vida, essa  
 aspiraçãõ ao gozo que não me põe dar  
 o claustro!...  
 E quanta vez, quando as negras fú-  
 loras das mentanhas entoão canticos  
 harmoniosos, que, de cavella com in-  
 censo, se elevãõ ao cãõ; quanta vez  
 assistindo aos mais augustis mysterios  
 da religião e prostradas nas frias la-  
 gas do sanctuario, não se auzenta o meu  
 espirito e não percorre os espacos desse  
 mundo desconhecido, que entrevêjo ape-  
 nas e de onde tão deshumanamente me  
 arreñtãõ!... Como são felizes os que  
 podem aspirar o perfume das flores, ao  
 ar livre das campinas, sem que li'o

Publicada na coluna *Variedades* na primeira página do dia 22 de setembro de 1875, na edição 124 do jornal, essa narrativa é apenas um fragmento do original. Com um tom melancólico, a narradora, falando em primeira pessoa, afirma ser bela e jovem e encontrar-se enclausurada em um convento, a mando de sua família:

Sou moça: diz-me o espelho que sou bela, e bela me chamam as minhas companheiras de infortúnio.

Sou moça e bela!!! E na primavera da vida, e no viço da beleza, e ao desabrochar do coração, cinge-me o corpo o burel de monja e condenam-me a passar a existência entre as paredes solitárias do claustro! (*O Jasmim*, n. 124, 22/09/1875, p. 1).

Inconformada por ter sido trancafiada contra sua vontade no claustro, a narradora se sente muito solitária, em meio às orações e penitências que é obrigada a fazer e aos cilícios que tem de usar, no auge de seu vigor físico, o único consolo que a religiosa tem é durante os momentos em que sua mente entra em estado de devaneio:

E quanta vez, quando as negras fileiras das montanhas entoam cânticos harmoniosos, que de envolta com incenso, se elevam ao céu; quanta vez assistindo aos mais augustos mistérios da religião e prostradas nas frias lajes do santuário, não se ausenta o meu espírito e não percorre os espaços desse mundo desconhecido, que entrevejo apenas e de onde tão desumanamente me arrancaram!... (*O Jasmim*, n.124, 22/00/1875, p.1).

Não estando satisfeita com sua situação, a jovem inveja a vida de pessoas que são livres, como, por exemplo, os camponeses que não são obrigados a ficarem dentro das paredes dos claustros, como ela: “Como invejo a vida do camponês que passa o dia ao sol ardente do estio e volta à noite à choupana em que pela manhã deixará a meiga companheira de sua vida” (*O Jasmim*, n. 124, 22/00/1875, p.1).

Para ela, qualquer condição seria melhor do que a de monja, palavra essa que é repetida dez vezes, a maioria delas seguida de um ponto de exclamação, ao longo da pequena narrativa, no que poderia ser uma tentativa de aceitação de sua realidade atual.

A moça era ainda criança quando foi entregue aos cuidados das freiras, em uma cena que é descrita assim:

Eu era bem criança, a doudejar nos campos, a aquecer-me aos raios de sol, e a colher as flores perfumadas que pendiam das pétalas... Era ainda bem criança e descuidosa gozava a vida, como a rosa do prado ao orvalho da manhã.

E um dia disseram-me: Deves ser monja... e trouxeram-me para aqui; os gonzos geraram pesados... a porta fechou-se... despiram-me as roupas alvas de criança... vestiram-me as roupas negras de monja... proferiram não sei que palavras... murmuraram não sei que rezas...fizeram-me cair ao chão as louras tranças de meus cabelos. O órgão ressoou melancólico pelas abóbadas do templo alumiado... o

---

<sup>6</sup> Segundo o Dicionário Online de Português Soror, ou Sórora, é o tratamento dado às freiras, sendo o correspondente a frei.

pontífice pediu para mim a benção do céu... senti o apertar convulsivo de minha mãe que soluçava... e depois disseram-me:  
És monja! (*O Jasmim*, n. 124, 22/00/1875, p.2).

A descrição desse momento é tocante e leva o leitor a imaginar a angústia que a narradora passou ao ter sua infância interrompida para tornar-se monja. Indignada com a falta de controle sobre sua própria existência, ela faz um questionamento importante: “Monja! E quem lhe deu o direito de me sepultarem na vida! E quem lhes deu o direito de me arrancarem ao mundo, de me sufocarem o grito do coração?! (*O Jasmim*, n.124, 22/00/1875, p.2).

A resposta para essas inquietações é de que seu coração não foi sufocado e todos os sentimentos ainda habitam seu peito apesar da solidão e das lágrimas que ela enfrenta entre as paredes do convento. Apesar disso, aparentemente para ela a única solução seria se conformar com sua vida, como visto no fim da narrativa:

Mas sou monja!... E o coração que se cale e as lágrimas que sequem, e o lábios que resmunguem preces!... Mas quem me tirará o desalento e o desespero, quem me serenará a tempestade da alma, quem restituirá a calma e a tranquilidade?  
Como sois felizes, vós que viveis ao ar livre, ao sol de Deus, em meio das flores perfumadas do prado, sem que as altas muralhas do claustro vos embarquem os passos! (*O Jasmim*, n. 124, 22/00/1875, p.2).

O relato termina dessa forma, e só podemos imaginar qual foi o destino dessa jovem, que representa tantas outras mulheres que eram relegadas por suas famílias a irem contra suas vontades para conventos, onde a maioria acabava por viver infeliz e solitária. Essa era uma característica da sociedade da época, em que o pai, quando a moça era solteira, ou o marido, quando casada, podia decidir o futuro das mulheres de sua família como melhor lhe conviesse. Os principais motivos que faziam com que as famílias enviassem suas filhas para os conventos eram o grande *status* social que representava ter um religioso na família e a questão econômica que envolvia o dote que os pais da moça deveria destinar a seu futuro marido, se ela entrasse para o convento esse pagamento não seria necessário.

### 3.4 O PÃO DE OURO DE ÉDOUARD DE LABOULAYE

Além da publicação de autores brasileiros e portugueses, anônimos ou já consagrados, foram publicados também três exemplos de prosa de ficção com temática ou autoria francesas. São eles: *Helena ou A mais feliz mulher do mundo* de autoria anônima, *O Pão de Ouro* assinado por E. Laboulaye, publicado em primeiro de novembro de 1891 do jornal *A Reação e Esmola de Amor*, de André Theuriet, veiculado no jornal *O Industrial* em 10 de julho 1902. Devido ao fato de não se ter acesso completo à prosa intitulada *Helena*, uma vez

que o jornal promete uma continuação que não foi encontrada, analisaremos apenas os outros dois exemplos de prosa de ficção.

O primeiro autor francês a ser publicado em Cametá foi Édouard René de Laboulaye Lefèvre. Jurista, poeta, escritor e maçom, nasceu em Paris em 18 de janeiro de 1811 e faleceu em 25 de maio de 1883. Foi escolhido professor de Direito no *Collège de France* em 1849 e escrevia durante seu tempo livre. Um fato interessante a seu respeito é que foi ele quem sugeriu ofertar a Estátua da Liberdade como um presente aos Estados Unidos.

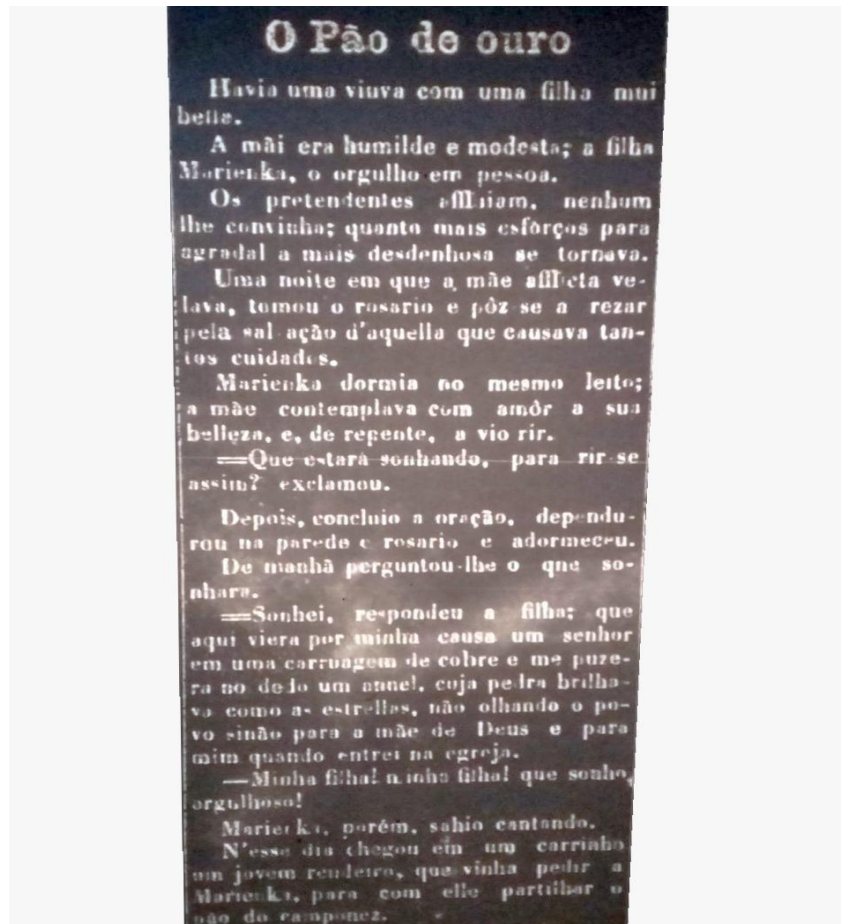
Figura 23 – O escritor Édouard de Laboulaye



Fonte: <https://lettre-cdf.revues.org/docannexe/image/783/img-1.jpg>

*O Pão de Ouro* foi publicado em 1 de novembro de 1891 no jornal *A Reação*, e tem como protagonista a bela jovem Marienka, orgulhosa e vaidosa, a moça acreditava que merece se casar apenas com quem puder lhe proporcionar uma vida de riquezas. Sua mãe, uma viúva humilde e modesta, ficava aflita ao perceber que sua filha desprezava todos os pretendentes que apareciam: “Os pretendentes, nenhum lhe convinham; quanto mais esforços para agradá-la mais desdenhosa se tornava.” (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3).



Figura 24 – Prosa de ficção *O Pão de Ouro*

Fonte: *A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3

Durante a noite, após fazer suas orações, a mãe percebe que sua filha está rindo de um sonho. Pela manhã, ao ser questionada a esse respeito, a moça afirma que:

– Sonhei, respondeu a filha; que aqui viera por minha causa um senhor em uma carruagem de cobre e me puzera no dedo um anel, cuja pedra brilhava como as estrelas, não olhando o povo senão para a mãe de Deus e para mim quando entrei na igreja (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3).

No mesmo dia chegou em um carrinho um jovem rendeiro, que vinha pedir para Marienka partilhar com ele o “pão do camponês”. O rapaz agradou à mãe, mas a filha o rejeitou, dizendo “Que quando tivesse vindo em uma carruagem de cobre e lhe oferecesse um anel cuja pedra brilhasse como estrelas ainda assim não o desposaria” (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3).

O jovem vai embora, maldizendo o orgulho da moça. Ao se deitar a mãe percebe novamente sua filha a rir de um sonho. Ao ser questionada novamente, a filha afirma que dessa vez havia sonhado com um homem que chegava em uma carruagem de prata e lhe trazia

um diadema de ouro. Nesse dia chega à casa um jovem fidalgo que convidava Marienka a partilhar o “pão dos gentis homens”, como de costume, a moça o expulsa.

A mãe já aflita e rezando fervorosamente passa a noite em claro após ouvir uma vibrante gargalhada da filha, que no dia seguinte esclarece que “um nobre viera pedi-la em casamento, em um carro de ouro trazendo-lhe um vestido de rendas d’este metal, vendo-a somente o povo quando entrou no templo”. (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3).

No mesmo dia chegaram três carros, um de cobre, um de prata e um de ouro, todos cobertos de ouro e pérolas. Do carro de ouro desceu um belo gentil-homem que pede à viúva a mão de sua filha. Ao ver todos seus sonhos satisfeitos, a moça correu para vestir-se e “bela como o sol, partiu para a igreja com o noivo, sem mesmo pedir a benção materna” (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3).

Sem se despedir, Marienka parte com seu esposo, “voaram os cavalos, a galopes, até um rochedo no qual havia uma grande caverna e mergulharam-se na noite. A terra tremeu, o rochedo estalou e abateu-se” (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 3). Lá, a moça pôde enfim conhecer seu marido, que era tão rico que ela “aceitou de bom grado sua nova sorte”. Ao avistar os domínios de seu esposo, o rei das minas, ela fica encantada e sente fome, devido à grande viagem. Os anões, servos de seu marido, se põem a preparar uma mesa, onde tudo era de ouro, cristal e pedrarias. Observamos aqui a presença de alguns elementos sobrenaturais, o que não é tão comum na época em que o *O Pão de Ouro* foi publicado. Assim, esse elemento poderia ser um prenúncio do Realismo, visto que “na arte da literatura, o realismo é a expressão genérica que abriga três espécies: o realismo fantástico, o realismo real-naturalista e o realismo novo ou neo-realismo. Um deles, a saber, o realismo fantástico, expressa também, além do mundo real concreto, o mundo imaginado, irreal, fantástico” (ORIHUELA, 2006, p.2).

Todos degustavam a comida, exceto Marienka, que pediu ao marido um pedaço de pão. Ele manda servir o pão de cobre, mas ela não o pode comer, em seguida, o pão de prata, que também não pode ser comido, por fim, o pão de ouro, que tem o mesmo destino. O marido mostra sua verdadeira face: possui um coração de metal, como seus domínios. Assim, Marienka:

jaz em seu castelo, morta de fome, buscando em vão uma raiz para suavizar o mal que a devora.

Deus atendeu-a para puni-la.

Três dias por ano, quando a terra se entreabre a chuva fecunda que lhe envia o senhor, Marienka desce ao mundo.

Coberta de andrajos, pálida, ela mendiga de porta em porta, muito feliz quando se lhe atira alguma migalha, ou recebe de um miserável o que lhe falta em seu palácio

de ouro, – a esmola de um pouco de pão e de um pouco de piedade (*A Reação*, n. 255, 01/11/1891, p. 4).

O triste fim da jovem, que buscava apenas riquezas materiais, ao se transformar em mendiga devido a um castigo divino, fornece um cunho moralizante à narrativa, posto que aborda a figura da moça que está em fase casadoira, mas vislumbra um casamento de conveniência. Na época o comum era os pais arranjarem os casamentos, nesse caso é a moça que tem a decisão a respeito de seus pretendentes, contudo, vale notar que essa é uma narrativa de 1891, escrita sobre perspectiva realista, não vemos nela elementos românticos que observamos nas outras prosas de ficção anteriores. Aqui quem é colocado em xeque é a mulher e a família tradicional, pois não há um homem responsável pela família, e sim, uma mulher petulante e mesquinha, cujo caráter duvidoso faz com que seja penalizada.

### 3.5 *BRUTO!* DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

A prosa intitulada *Bruto!* de Julia Lopes de Almeida, teve destaque na edição do dia 23 de janeiro de 1902 do jornal *O Industrial*. Interessante notar que a referida crônica foi publicada no *Livro das Donas e Donzelas* somente em 1906, o que permite afirmar que havia uma celeridade na publicação da prosa de ficção na cidade de Cameté.

Nascida Julia Valentina Lopes de Almeida, em 1862, no Rio de Janeiro, a contista, romancista, cronista e teatróloga iniciou cedo seu trabalho na imprensa, aos dezenove anos na *Gazeta de Campinas*. Em uma época em que a presença feminina na vida intelectual não era comum, Julia obteve sucesso e foi muito lida e apreciada em seu tempo. Um exemplo disso é o fato descoberto pela pesquisadora Michele Asmar Fanini, e publicado em seu livro *A (in)visibilidade de um legado – Seleta de textos dramáticos inéditos de Júlia Lopes de Almeida* (2017), de que seu nome constava em uma lista elaborada por Lúcio de Mendonça, entre outros 40 escritores, como os fundadores da Academia Brasileira de Letras. Apesar disso, decidiu-se que apenas homens poderiam ocupar as cadeiras da instituição e Filinto de Almeida, marido de Julia, acabou por ficar em seu lugar.

Figura 25 – A escritora Julia Lopes de Almeida



Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/literatura-infantil/julia-lobes-de-almeida>

A crônica, como se refere a autora, é dividida em duas partes, a primeira onde narra a história de um rei e sua amada e a segunda, mais filosófica, em que é problematizada a questão da brutalidade contra a mulher. A narrativa inicia-se com um interessante comentário do narrador que se dirige aos leitores:

Daqui a umas largas dezenas de anos quem for amigo de ler crônicas deste século XX, que desponta com aspirações de paz universal e bondade aperfeiçoadoras do coração humano, poderá dizer que nestes dias houve um rei, que por amor de sua dama quebrou as mais rijas lanças (*O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2).

Direcionar sua fala aos leitores era um recurso bastante utilizado nos folhetins, desde o século XVIII, e funciona como um artifício para aproximar o narrador de seu público. Apesar do início romântico, ao dizer que o rei fez de tudo para conquistar o coração de sua amada, a frase seguinte fornece um vislumbre do caráter tirano do monarca: “Para conquistá-la, expulsou ele o seu real pai e senhor, deportando-o para fora do reino, onde o mísero morreu sem amigos no desamparo da ingratidão.” (*O Industrial*, 23/01/1902, n. 251, p. 2). Tal atitude inicialmente poderia ser entendida como uma prova de amor do homem para com sua amada, mas reflete um traço de seu caráter violento, o que nos remete ao título da narrativa, ao denominá-la *Bruto!* Julia Lopes de Almeida efetua uma crítica em relação a atitudes déspotas e violentas do homem em relação à mulher.

Figura 26 – Crônica Bruto!



Fonte: *O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2

Exilar o pai não evitou que o casal passasse por outros obstáculos, como é típico dos romances da época, há uma disparidade social entre eles, que fica clara no trecho:

Para colher dos lábios dela a cheirosa flor do beijo, houve o rei de arcar com a negra chusma de preconceitos da época. A pobre não era de sangue real, e por isso, mal estimada pelo súditos da enfeitada majestade, todos se opunham a que o rei se unisse àquela mulher que nem era moça como Julieta, nem era portadora de um título de princesa, como Cordélia *O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2).

Notamos a rejeição por parte dos súditos, que acreditavam que seu rei estava enfeitado pela mulher. Além de não possuir títulos de nobreza, há outro fator que desagradava o povo: ela não era mais jovem. Julieta Lopes de Almeida durante toda a crônica utiliza citações de vários autores, como Stendhal e Jules Michelet, e no trecho acima, ela cita duas peças de William Shakespeare.

A primeira menção é à Julieta, protagonista da peça que se tornou um clássico da literatura mundial, *Romeu e Julieta*, escrita entre 1591 e 1595. A jovem garota, aos treze anos, se apaixona loucamente pelo herdeiro da família que, há gerações, é rival da sua. Ela e seu amado, Romeu, se casam em segredo, mas o pai da jovem, sem saber do ocorrido, resolve

casá-la com outro moço. Julieta decide então armar um plano com a ajuda de um frei: ao beber uma poção preparada pelo religioso, todos pensarão que ela está morta. Infelizmente, Romeu descobre que sua amada morreu antes que o frei possa avisá-lo da armação. Desesperado, ele toma um frasco de veneno na sepultura onde está sua amada. Quando a jovem desperta, percebe tudo que aconteceu e tira sua vida com um punhal.

A alusão a essa tragédia se faz significativa na crônica analisada não apenas pela temática do amor proibido, mas também por denunciar a hipocrisia dos súditos e as convenções sociais que poderiam impedir que um casal que se amava pudesse desfrutar de uma vida feliz juntos.

Já Cordélia, é a princesa da tragédia intitulada *Rei Lear*, obra escrita entre 1603 e 1606. A jovem é uma das três filhas do rei da Bretanha, que decide dividir seu reino entre as moças. Para calcular a parte de cada uma, ele pede que elas declarem todo seu amor e gratidão por ele. Apesar das duas irmãs terem feito discursos bajuladores, Cordélia é honesta e deixa claro que não há palavras que possam descrever seu amor filial. Tendo suas expectativas contrariadas, o rei a deserda e expulsa do reino. A tragédia para o soberano é perceber que suas outras duas filhas o tratam como um estorvo e o expulsam do reino que agora é delas. A única que o amava verdadeiramente era a que ele destratou, que havia se comprometido a não se casar para cuidar dele na velhice.

A figura do Rei Lear, encontra um paralelo na crônica de Julia Lopes de Almeida, na figura do pai do rei, que ao ver em seu genitor um empecilho para seu casamento com a mulher que deseja, acaba por condená-lo à morte no degredo.

Esse diálogo entre as três histórias citadas é um exemplo claro de intertextualidade, que é um dos fenômenos mais comuns na literatura. Um autor muitas vezes vai se relacionar com as obras e escritores que o antecederam e vai deixar suas marcas em outros, em um ciclo constante, seja intencionalmente ou não. Esse fato é descrito por Antonio Candido no livro *Literatura e Sociedade*, ao afirmar que a “literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida que estes a vivem”. (CANDIDO, 1973, p. 74). Em consonância com Antonio Candido, Sandra Nitrini (2010) afirma que:

O texto literário se insere no conjunto dos textos: é uma escritura-réplica de um outro (outros textos). Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história e a sociedade se escreve no texto. A ciência paragnática deve levar em conta uma ambivalência: a linguagem poética é um diálogo de dois discursos. Um texto estranho entra na rede da escritura que o absorve, segundo leis específicas, ainda a serem descobertas. Assim, no paragrama de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor (NITRINI, 2010, p. 162).

Ao observarmos a narrativa à luz das afirmativas de Candido e Nitrini observamos a presença dessa rede de tessituras que unem as obras dos autores através dos tempos. Julia Lopes de Almeida, ao citar as personagens de Shakespeare, mostra que há uma polifonia de vozes em seus escritos, o que implicitamente induz seus leitores a conhecerem essas obras e, assim, entrarem em contato com essas figuras literárias.

No que diz respeito à personagem dessa obra, ela está tão fascinada pela expectativa do prestigioso casamento com um soberano, que “caminhava para ele como a fina agulha de aço para um grande pedaço de imã.” (*O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2). Nesse parágrafo, a autora faz um julgamento a respeito das mulheres ao afirmar que elas “não se emendam, o tanto mais amam quanto menos devem amar. Com o perigo, aumentava o encanto da paixão.” (*O INDUSTRIAL*, 23/01/1902, n. 251, p. 2).

Tal posicionamento pode ser um resquício do caráter moralizante que a maioria dos romances do século XIX possuía. Na época de seu surgimento, esse gênero tinha, conforme afirma Vasconcelos (2007, p. 149), “o desejo de educar o leitor, de influir na sua formação, de oferecer-lhe instrução de maneira agradável e mesmo imperceptível” o que “mostra claramente a construção de um elo entre o escritor e seu público” (VASCONCELOS, 2007, p. 149). Esse caráter moralista é enfatizado por Lopes de Almeida, na continuação da crônica, ao citar a seguinte frase de Stendhal:

Não amar, quando se recebeu do céu uma alma feita para o amor e privar-se, a si e a outrem, de uma grande felicidade. Seria como uma laranjeira que não florescesse com medo de pecar, como dizia Stendhal, um escritor de então... É verdade que em páginas adiante ele acrescentava em outras conclusões: a firmeza de uma mulher que resiste ao seu amor, é a coisa mais admirável que pode existir na terra, todas as outras provas possíveis de coragem são bagatelas ao pé desta tão forte e tão penosa (*O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2).

O uso de tal fala poderia levar o leitor a pensar que Lopes de Almeida julga válido a mulher, mesmo amando, ceder às imposições sociais e renunciar ao amor, o que é comprovado na sequência da crônica: “Raciocinando a dama que esses heroísmos são bons para os livros, e que, sendo a missão da mulher obedecer à natureza, mais lhe quadrava a alegoria da laranjeira, assim fez, como devia, a vontade de seu rei: casou com ele” (*O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2). O casamento provocou a ira do povo que já não gostava dela e os boatos eram de que o rei exilado havia morrido de paixão e ressentido com seu filho. Começou-se assim a ser tecido um enredo mentiroso de que a nova rainha havia mentido sobre sua religião e de que ela “simularia um parto, vindo uma criança estranha ocupar no berço principesco o lugar que só deveria competir ao filho do soberano... Intriga foi essa que

se espalhou por toda a nação, transbordou para países alheios e terras de além mar.” (*O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2)

Tais intrigas chegam aos ouvidos do rei que, cada vez mais, passa a acreditar que a rainha só se casara com ele por vaidade e ambição. Quanto mais ela se debulhava em lágrimas de humilhação, mais ele se afastava dela. Os meses passam, até que “um dia, em pleno palácio, a macia e régia mão de um rei da culta Europa, caiu com bruteza sobre a pálida face de uma rainha.” (*O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2) e é esse ato que remete ao título da crônica: Bruto!

Ao invés de se indignarem com tal gesto, o povo, que já não simpatizava com ela, se alegra com a violência do monarca contra sua esposa e começam a espalhar a notícia e a rir dela que, humilhada, tenta se matar, mas é impedida pelos criados do palácio. Sua alma então se esmorece e o rei passa a ouvir nas ruas as línguas maliciosas que contavam a história de uma rainha que só se casara pela vaidade e desejo de reinar. A primeira parte é encerrada com esse trecho:

Entendiam no século XX que o amor devia viver encarcerado, e ainda com muitos selos nas portas e nas janelas gradeadas que lhe atestassem a legalidade. De modo que, quando cansado da reclusão, ele quisesse fugir teria de debater-se e deixar na cadeia o sangue de seu corpo e as penas de suas asas *O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2).

Termina assim, de forma melancólica, uma história que havia começado com amor e paixão. A segunda parte trata de rememorar e discutir fatos históricos sobre outros reis que utilizaram de violência contra suas esposas. Mostrando uma cultura vasta, Lopes de Almeida utiliza exemplos de lugares, como a Sérvia, quando afirma:

Dirá mais coisas a lenda do rei da Sérvia, como dirão outras suas contemporâneas, quer sejam de plebeus, de fidalgos, ou de jovem a formosa rainha loura. Esta terá baladas, e uma grinalda de ritmadas rimas lhe emoldurará a doçura do perfil *O Industrial*, n. 251, 23/01/1902, p. 2).

Certa de que casos como o desses reis não serão esquecidos, a autora questiona o que os futuros historiadores pensarão a respeito dos atos de seus contemporâneos e imagina que eles julgarão os tempos passados por atos de crueldade como o visto na história.

Sendo uma mulher de seu tempo, a voz de Julia Lopes de Almeida ecoa nessa crônica para defender a mulher dos maus-tratos dos homens, que não conseguindo entendê-las de forma adequada, acabam por estabelecerem comportamentos cruéis e brutais, o que estabelece uma aproximação com *A Monja*, uma vez que podemos encontrar nas duas a temática do autoritarismo masculino.

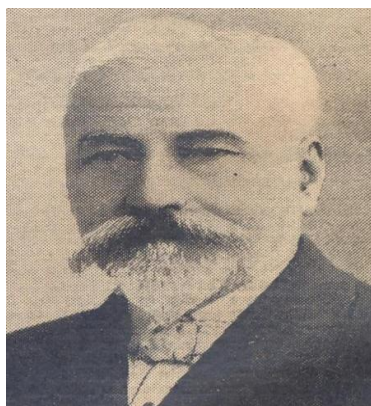


Após a análise de *Bruto!* e *A Monja* podemos perceber que elas possuem algumas características em comum: foram veiculadas em jornais cametaenses em um período em que as obras de autoria feminina raras vezes chegavam às mãos do público leitor, e o fato dessas publicações terem saído à luz em periódicos da cidade mostra que a divulgação da prosa de ficção na cidade era bastante vasta e o número de autores publicado amplo. Além disso, as personagens principais são mulheres que não tiveram como se impor frente aos valores que a sociedade impunha, mas que questionavam, como é o caso da monja, o poder total de outras pessoas sobre suas vidas.

### 3.6 ESMOLA DE AMOR DE ANDRÉ THEURIET

O outro exemplo de prosa de ficção de origem francesa, publicado na edição 272 do jornal *Esmola de Amor* tem a autoria designada a André Theuriet. Nascido em Marly-le-Roi em 8 de outubro de 1833 e falecido em 23 de abril de 1907, Claude Adhémar André Theuriet foi um poeta, romancista e dramaturgo francês. O autor estudou Direito em Paris e adentrou o serviço público, onde atingiu a categoria de *chef de bureau*, até sua aposentadoria em 1886. Seus romances lhe renderam honras e prêmios pela Academia Francesa, da qual se tornou membro em 1896.

Figura 27– O escritor André Theuriet



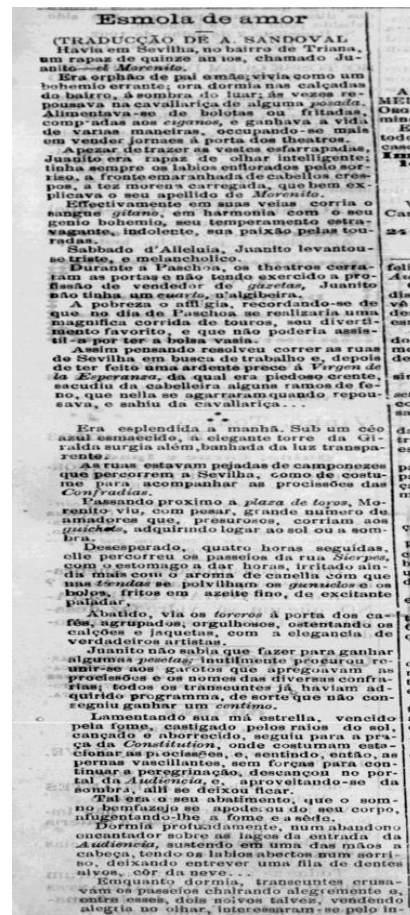
Fonte: <http://rienquedeschats.canalblog.com/archives/2012/01/08/23156673.html>

Com tradução de A. Sandoval, *Esmola de Amor* foi veiculado na edição de número 272. A tradução e publicação de narrativas de outros idiomas, principalmente do francês, era uma prática comum e muito importante nos jornais, como afirma Cândido (1997):

Os livros traduzidos pertenciam, na maior parte, ao que hoje se considera literatura de carregação; mas eram novidades prezadas, muitas vezes, tanto quanto as obras de valor. Assim, ao lado de George Sand, Mérimée, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny se alinhavam Paul de Kock, Eugéne Sue, Scribe, Soulié, Berthet, Souvestre, Féval, além de outros cujos nomes nada mais sugerem atualmente (...) Na maioria, franceses, revelando nos títulos o gênero que se convencionou a chamar folhetinesco. Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção. (CÂNDIDO, 1997, p. 108).

Desse modo, afirmamos que sua presença em um jornal de Cameté deve ter contribuído para uma maior formação do leitor da época. Apesar de ser assinado por um autor francês, a narrativa se passa na cidade de Sevilha, cidade espanhola, no bairro de Triana, e tem como personagem principal um rapaz de 15 anos chamado Juanito, apelidado de *El Morenito*.

Figura 28 – Prosa de ficção *Esmola de Amor*



Fonte: *O Industrial*, n. 272, 10/07/1902, p. 2

Vivendo como um boêmio errante, o jovem, órfão de pai e mãe, não possuía residência fixa, “ora dormia nas calçadas do bairro, à sombra do luar, às vezes repousava na cavalaria de alguma *posada*.” (*O Industrial*, n. 272, 10/07/1902, p. 2) e alimentava-se de bolotas e

fritadas que comprava das ciganas e ganhava a vida principalmente de vender jornais na porta dos teatros.

Apesar da pobreza, Juanito era um “rapaz de olhar inteligente; tinha sempre os lábios enflorados pelo sorriso, a fronte emaranhada de cabelos crespos, a tez morena carregada, que bem explicava o seu apelido de *Morenito*.” (*O Industrial*, n. 272, 10/07/1902, p. 2).

No sábado de Aleluia, ou seja, o enredo se passa durante a Páscoa, Juanito acorda melancólico, devido à falta de dinheiro e não pode vender seus jornais, pois os teatros estarão fechados. Com o objetivo de conseguir dinheiro para assistir à corrida de touros, o moço resolveu correr as ruas de Sevilha em busca de trabalho, depois de fazer uma oração à *Virgen de la Esperanza*. Esse elemento da corrida de touros é uma peculiaridade espanhola existente até hoje, que apesar de polêmica, faz parte da vida cultural espanhola.

Desesperado, Juanito percorreu durante quatro horas seguidas os passeios da rua *Sierpes*, e via, abatido, os toureiros orgulhosos parados nas portas dos cafés. O cansaço e a tristeza são tão grandes que ele acaba dormindo nas lajes da entrada da *Audiencia*. Enquanto ele dormia, um casal de noivos se interessa pelo garoto e resolvem deixar uma moeda em suas mãos, para que ele encontre ao acordar. Depois de fazerem a boa ação, o casal segue seu caminho até a praça da *Constitution*.

Enquanto o *Morenito* dormia, “Por uma escadaria cor de arco-íris, a *Virgen pura de la Esperanza* havia descido para junto dele, tendo sobre a cabeça uma coroa de lírios e sustendo em uma das mãos um *bouquet* de brancas rosas de extravagante aroma...” (*O Industrial*, n. 272, 10/07/1902, p. 2).

A Santa ouviu as preces do menino e em nome da ressurreição de Jesus deseja recompensá-lo, a fim de que ele possa ir às touradas no dia seguinte. Enquanto falava com Juanito “a Virgem pura, desfolhando as rosas, esparziu-as pelas mãos do adormecido e, como por encanto, as pétalas das flores se transformavam em moedas sonoras...” (*O Industrial*, n. 272, 10/07/1902, p. 2).

Feliz com o milagre recebido, ele parte em direção à *Plazas de Toros*, mas antes de chegar lá encontra-se com Lola, sua companheira de infância. A moça está chorando, pois sua mãe está enferma há duas noites, mas o farmacêutico não avia os medicamentos. Após observar sua amiga durante alguns minutos, Juanito resolve dar-lhe sua moeda, para que possa socorrer sua mãe. Apesar de não ter podido assistir à corrida de touros, o moço passou um dia feliz de Páscoa. No domingo, a mãe de Lola havia recuperado a saúde e a moça ao se encontrar com ele agradeceu sua ação.

Ela, que havia comprado com o resto do dinheiro ganho uma saia modesta e simples, e usava no cabelo duas rosas vermelhas que realçavam suas feições, “denunciava no olhar ardente, apaixonado, um sentimento nobre que então a arrebatava, tornando-a dócil, meiga, carinhosa.” (*O Industrial*, n. 272, 10/07/1902, p. 2). Assim, não podendo conter-se, ela se declara a Juanito: “– *Te quiero, companero!*” Nesse momento, tocava o sino da Páscoa, enquanto os dois jovens trocavam seu primeiro beijo de amor.

Ambientar a história no período da semana santa para os cristãos se relaciona intimamente com o enredo da narrativa, visto que observamos a presença da temática religiosa, com a manifestação da *Virgen de la Esperanza* e o amor ao próximo, representado pelos dois jovens que oferecem a moeda ao jovem pobre. Esse cunho religioso causa curiosidade, pois em 1902, ano dessa publicação, o Realismo estava em seu auge, movimento em que a perspectiva religiosa era nula. Apesar disso, podemos encontrar também nele a presença do sobrenatural, forte característica que liga essa narrativa a esse período, como foi destacado também em *O Pão de Ouro*.

Com esse final feliz a narrativa se encerra. Esse romance, assim como *Esmola de Amor*, apresenta um caráter edificante, no sentido que tenta ensinar aos leitores que a virtude é recompensada, até mesmo de forma sobrenatural. Ao retratar uma personagem pobre que age de maneira altruísta, abdicando de seu sonho para ajudar a uma pessoa mais necessitada, o autor pode ter tido o desejo de ensinar aos leitores uma moral.

Ao fim das análises dos seis exemplos de prosa de ficção apresentadas nesse capítulo, podemos afirmar que elas contribuíram bastante para esta Dissertação, e ao serem publicadas nos jornais cametaenses forneceram uma importante fonte de instrução e entretenimento para a população local e o fato de um razoável número prosa de ficção com temáticas ou autorias estrangeiras permite verificar a importância das publicações veiculadas na imprensa de Cametá.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, acreditamos ter sido possível demonstrar que estudar a história da Imprensa no interior da Província do Grão-Pará faz-se cada vez mais importante, pois pudemos demonstrar que a cidade de Cameté encontrava-se em consonância com o resto do país, quanto às publicações nos periódicos.

Durante o século XIX houve um grande fluxo de vapores provenientes da Europa com todo tipo de mercadorias e, principalmente, com jornais e livros, a população buscava cada vez mais novas fontes de informação e entretenimento. Assim, havia no Brasil as condições perfeitas para que a leitura literária pudesse alcançar patamares nunca antes vistos.

Em uma época em que a tecnologia ainda era bastante deficiente, as condições de vida precárias e o acesso ao conhecimento dificultado, o fato de ter encontrado apenas na cidade referência a 39 periódicos demonstra que, de fato, o interesse da população em ler e transmitir a cultura, e, conseqüentemente, a literatura era grande.

Se, conforme afirma Candido (2000, p. 23), o sistema literário só pode ser constituído quando há “a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros”, observamos pelo que foi exposto neste trabalho que as condições na cidade de Cameté eram propícias para a circulação da prosa de ficção e demais gêneros literários, uma vez que havia os produtores literários dispostos a publicarem nos jornais e um o público capaz de ler e entender a linguagem dessas obras. Desse modo, a imprensa na época era uma grande facilitadora da circulação da cultura letrada.

Diante disso, nesta pesquisa, ao analisarmos um número tão grande de menções à cidade durante o século XIX e início do XX nas fontes primárias, pudemos, efetivamente, resgatar, sob um novo olhar, um pouco da importância histórica, geográfica e cultural da cidade de Cameté para o Pará e o Brasil, o que pode servir de fonte de pesquisa às pessoas interessadas nessa temática.

Além disso, termos encontrado vestígios dos clubes e sociedades da época, dos livros que circulavam nas mãos dos cametaenses, de como era a vida social da época e do crescimento urbano cametaense podemos rememorar um passado que se torna presente a quem ler esse trabalho.

Consideramos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois ao catalogarmos toda as narrativas publicadas nos periódicos da cidade, e verificar o número significativo de

prosa de ficção veiculados, de autoria de escritores consagrados pela crítica, como Machado de Assis e Bernardo Guimarães, e outros que foram esquecidos, além de lendas próprias da região Amazônica, comprovamos a permanência da publicação e veiculação da prosa de ficção em larga escala nos jornais da referida cidade.

Outro fato considerado relevante foi constatar a presença de narrativas, tanto com personagens e autoria femininas, em uma época que a mulher começava a buscar uma saída da sua condição de submissão em relação às figuras masculinas que ainda dominavam suas vidas.

A publicação de uma crônica de Julia Lopes de Almeida, por exemplo, coloca a cidade de Cametá em uma posição de vanguarda da imprensa periódica da época e tal presença se faz importante, uma vez que leva os leitores, tanto as mulheres quanto os homens, a questionarem a perpetuação de atitudes de subserviência em relação à mulher, como fica claro em *Bruto!*, de Julia Lopes de Almeida; e *A Monja*, de Soror Amélia.

Ademais recuperar exemplos de prosa de ficção de autores estrangeiros, como *Esmola de Amor e O Pão de Ouro* e outras que constam no Apêndice A, ratifica a proposição de que a referida cidade se mantinha atualizada e capacitada para acompanhar as tendências que percorriam a Corte e mesmo a Europa.

Tendo isso em vista, a pesquisa que se levou a cabo é apenas o começo de um trabalho que deve ser aprofundado, uma vez que ainda há várias ramificações possíveis que não puderam ser exploradas tão a fundo quanto se gostaria.

Ao final do trabalho, é possível que se tenha recuperado e reescrito um pouco da memória do município de Cametá, sua cultura e tradição tanto histórica quanto cultural e literária, além de possibilitar que outros pesquisadores possam utilizar tal conhecimento em trabalhos futuros, perpetuando assim, a história dessa importante cidade do interior paraense.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Letras, Belas-letas, Boas Letras. In: BOLOGNINI, C. Z. (Org.). **História da literatura: o discurso fundador**. Campinas: Mercado de Letras, ALB, Fapesp, 2003. (Col. Histórias de Leitura).

\_\_\_\_\_. **Trajetórias do Romance: Circulação, Leitura e Escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará: obras reunidas**. Coleção Amazônica. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.

BARBOSA, S.F.P. **Jornal e Literatura: a Imprensa Brasileira no Século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARROS, J.H.O. **O imaginário da República em Cametá: republicanos, democratas e outros partidos da construção da República em Cametá**. Cametá: Novo Tempo Cabano Produtora e Editora, 2007. v. 3.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

\_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1973.

COSTA, M.L.G. **Gazeta Oficial: Periódico Noticioso Literário do Século XIX**. Belém: UFPA, 2008. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

FANINI, M. A. **A (in)visibilidade de um legado – Seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida**. São Paulo: Editora Intermeios, 2017.

GOMES, L. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Globo, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções - Europa: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Era do Capital - 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Era dos Impérios - 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LARÊDO, S. **Terra dos Romualdos, País dos Maparás: memória da Amazônia Tocantina: etnoliteratura, teologia cultural, mitopoética, fotomemória – autoficção-mitomemória (?)**. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2013.

LUSTOSA, I. **O nascimento da Imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NITRINI, S. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

NOBRE, I. **Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista**. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

ORIHUELA, M. C. O Neo-realismo literário. *Revista de Educação, Ciência e Cultura (UNILASALLES)*. Canoas, v. 10, p. 73-87, 2006. Disponível em: <[https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/artigos/revista\\_la\\_salle/Aguardando\\_liberacao\\_l\\_direitos\\_autorais/2005\\_v10\\_n2/2005\\_v10\\_n2%20-%20mcorihuela.pdf](https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/revista_la_salle/Aguardando_liberacao_l_direitos_autorais/2005_v10_n2/2005_v10_n2%20-%20mcorihuela.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2017

PINTO, B. C. de M. **Escravidão, fuga e a memória de quilombos na região do Tocantins**. Projeto História (PUCSP), PUC/São Paulo, v. 22, p. 333-342, 2000. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/10744/7976>> Acesso em: 23 abr. 2017

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. Tomo consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brazil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

RIBEIRO, M.M.T. **Livros e Leituras no Século XIX**. *Revista da História das Ideias*, Coimbra, v. 20, 1999. Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/ihitu/portugues/rev-index.html&ei=wq62Jbb9&lc=ptR&s=1&m=234&host=www.google.com.br&ts=1502342066&sig=ALNZjWn7QYK48eA5GK3-hfecxhMfvxKGOw>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

SALES, G.M.A. **Rastros da Memória Cultural no Período Oitocentista**. In: BARBOSA, S.F.P. (Org.). **Livros e Periódicos nos Séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: UFPB, 2014.

SALLES, V. **O teatro na vida de José de Lima Penante: um ator do século XIX**. Brasília: Edição do autor, 2000. Disponível em:



<[Acesso em: 3 mar. 2017.](https://mega.nz/#!luxxnDDqA!SEUyOxiXcXilDzySA4YEf0KhI4IGuDMNhF_eaWT_Eyg.></a></p>
</div>
<div data-bbox=)

SCHAPOCHNIK, N. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. (Orgs). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 2005.

SERRA, T.R.C. **Antologia do Romance-Folhetim: (1839 a 1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SODRÉ, N.W. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, S.C.M.S. **Sahiram à Luz: Livros em Prosa de Ficção Publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro**. In: ABREU, M. (Org.). **Trajatórias do Romance: Circulação, Leitura e Escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

TAMER, S.V. **Chão Cametaense**. Belém: Academia Paraense de Letras; Imprensa Oficial, 1987.

\_\_\_\_\_. **Crônicas e Memórias**. São Luís: Gênese, 2012.

VASCONCELOS, S. G. T. **A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild: Fapesp, 2007.

## FONTES PRIMÁRIAS

### Periódicos

*Treze de Maio (1845)*

*O Teo Teo (1848)*

*O Incentivo (1851)*

*O Pelicano (1872)*

*O Jasmim (1873)*

*A Regeneração (1873)*

*Almanaque Paraense de Administração, Comércio, Indústria e Estatística (1883)*

*O Abolicionista Paraense (1883)*

*Jornal das Novidades (1888)*

*A Reação (1889)*

*A Voz do Caixeiro (1890)*

*O Artista (1891)*

*O Comercial (1891)*

*Folha do Norte (1896)*

*O Pará (1898)*

*O Industrial (1901)*

*Anuário de Belém (1915)*

### **Paleógrafo**

**Paleógrafo ou Arte de Aprender a Ler a Letra manuscrita para uso das Escolas da Amazônia, F. P. C. de Freitas, (1871)**

## APÊNDICE

APÊNDICE A – Prosa de ficção em circulação nos jornais cametaenses no século XIX<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Não foram encontrados exemplos de prosa de ficção no jornal cametaense *O Teo Teo*, por isso ele não consta na lista

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
--	Helena, ou a mais feliz mulher do mundo	O Incentivo	22/02/1851	Vol. 1	8	Literatura	01	57/58	Cametá
C. Prieto	Paulo (Contos com visos de história)	<i>O Jasmim</i>	06/04/1873	I	11	Variedade	1 e 2	1-3	Cametá
C. Prieto	Paulo (Contos com visos de história)	<i>O Jasmim</i>	13/04/1873	I	12	Variedade	1 e 2	2-3	Cametá
--	A cruz de sangue, romance original santareno.	<i>O Jasmim</i>	10/08/1873	I	28	--	1 e 2	1-4	Cametá
--	A menina apaixonada	<i>O Jasmim</i>	14/09/1873	I	33	Romance	1	3-4	Cametá
--	As três donzelas	<i>O Jasmim</i>	03/05/1874	II	65	Variedade	1 e 2	1-2	Cametá
--	A mangueira da louca	<i>O Jasmim</i>	11/10/1874	II	88	Romanceto	1 e 2	1-2	Cametá
--	A mangueira da louca	<i>O Jasmim</i>	18/08/1874	II	89	Romanceto	2	2-4	Cametá
--	A mangueira da louca	<i>O Jasmim</i>	25/10/1874	II	90	Romanceto	1	1-3	Cametá
--	A mangueira da louca	<i>O Jasmim</i>	01/11/1874	II	91	Romanceto	1 e 2	1-3	Cametá
--	A mangueira da louca	<i>O Jasmim</i>	08/11/1874	II	92	Romanceto	1 e 2	1-2	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
--	A mangueira da louca	<i>O Jasmim</i>	15/11/1874	II	93	Romanceto	1 e 2	1-2	Cametá
--	Segredo de uma confissão	<i>O Jasmim</i>	29/11/1874	II	94	--	1 e 2	1	Cametá
--	Segredo de uma confissão	<i>O Jasmim</i>	06/12/1874	II	95	--	1 e 2	1 e 2	Cametá
--	Segredo de uma confissão	<i>O Jasmim</i>	14/12/1874	II	96	--	1 e 2	1-3	Cametá
--	Segredo de uma confissão	<i>O Jasmim</i>	28/12/1874	II	97	--	1 e 2	1-3	Cametá
--	Segredo de uma confissão	<i>O Jasmim</i>	06/01/1875	III	98	--	1 e 2	3-4	Cametá
--	Segredo de uma confissão	<i>O Jasmim</i>	10/01/1875	III	99	--	1 e 2	1-3	Cametá
--	O poder de um retrato	<i>O Jasmim</i>	16/02/1875	III	103	--	1 e 2	1-2	Cametá
--	O poder de um retrato	<i>O Jasmim</i>	25/02/1875	III	104	--	1 e 2	1-2	Cametá
--	O poder de um retrato	<i>O Jasmim</i>	04/03/1875	III	105	--	1 e 2	1-2	Cametá
--	O poder de um retrato	<i>O Jasmim</i>	11/03/1875	III	106	--	1 e 2	1-3	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
--	Sacrifício de amor	<i>O Jasmim</i>	18/03/1875	III	107	--	1 e 2	1-2	Cametá
--	A cítara da Montanha	<i>O Jasmim</i>	22/03/1875	III	108	Romance	1 e 2	1-2	Cametá
--	A cítara da Montanha	<i>O Jasmim</i>	04/04/1875	III	110	Romance	2	2	Cametá
--	A cítara da Montanha	<i>O Jasmim</i>	11/04/1875	III	111	--	1 e 2	1-2	Cametá
A.G. Ferreira	Casamento por conveniência	<i>O Jasmim</i>	22/08/1875	III	121	Variedades	2	1-2	Cametá
A.G. Ferreira	Casamento por conveniência	<i>O Jasmim</i>	29/08/1875	III	122	Variedades	1 e 2	2-3	Cametá
--	A Monja	<i>O Jasmim</i>	22/09/1875	III	124	Variedades	1 e 2	1-2	Cametá
--	Uma página de amor	<i>A Reação</i>	10/02/1889	III	113	Folhetim	1-4	2	Cametá
--	Últimas Flores	<i>A Reação</i>	24/02/1889	III	115	Folhetim	1-4	2	Cametá
--	A fita azul	<i>A Reação</i>	28/04/1889	III	124	Variedade	4	3-4	Cametá
Talliao	Contos verdadeiros Quiseira	<i>A Reação</i>	12/05/1889	III	126	Folhetim	1-4	1-3	Cametá
Aprigio Ottoni	Idalina	<i>A Reação</i>	30/06/1889	III	133	Folhetim	1-4	2	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Catulle Mendés	Contos Angélicos O pecado	<i>A Reação</i>	04/08/1889	III	138	Variedade	4	2-3	Cametá
Aprigio Ottoni	Na aldeia	<i>A Reação</i>	10/11/1889	III	152	Folhetim	1-4	2	Cametá
--	Os três carcamanos	<i>A Reação</i>	10/11/1889	III	152	Variedade	1-3		Cametá
--	As crianças	<i>A Reação</i>	01/12/1889	III	155	Folhetim	1-4	2	Cametá
--	O curupira	<i>A Reação</i>	01/12/1889	III	155	Variedade	3-4	3-4	Cametá
--	O filho do curupira	<i>A Reação</i>	29/12/1889	III	159	Variedade	1-3	4	Cametá
Ramiro Blanco	A saúde e a doença Conto	<i>A Reação</i>	23/08/1891	V	245	Variedade	4	3-4	Cametá
Ramiro Blanco	A saúde e a doença Conto	<i>A Reação</i>	30/08/1891	V	246	Variedade	3-4	3	Cametá
E. Laboulaye	O pão de ouro	<i>A Reação</i>	01/11/1891	V	255	Variedade	3	3-4	Cametá
Arthur Azevedo	Uma embaixada	<i>A Reação</i>	06/12/1891	V	260	Variedade	4	3-4	Cametá
Luiz Barreiros	A fitinha azul	<i>O Artista</i>	02/08/1891	I	05	--	3	3-4	Cametá
Fraga de Castro	Lenita	<i>O Comercial</i>	15/01/1900	I	2	Rodapé Literário	1-4	2	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Fraga de Castro	Lenita	<i>O Comercial</i>	21/01/1900	XIX	3	Rodapé Literário	1-4	2	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor IV	<i>O Comercial</i>	27/05/1900	XIX	17	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor IV	<i>O Comercial</i>	06/06/1900	XIX	18	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor IV	<i>O Comercial</i>	10/06/1900	XIX	19	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor IV Continuação	<i>O Comercial</i>	18/06/1900	XIX	20	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor V Continuação	<i>O Comercial</i>	24/06/1900	XIX	21	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor VI Continuação	<i>O Comercial</i>	03/07/1900	XIX	22	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor VII Continuação	<i>O Comercial</i>	09/07/1900	XIX	23	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor VIII Continuação	<i>O Comercial</i>	16/07/1900	XIX	24	Folhetim	1-5	01	Cametá
Ivan Tourgueneff	Primeiro Amor XIX Continuação	<i>O Comercial</i>	22/07/1900	XIX	25	Folhetim	1-5	01	Cametá



<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
George Oscar	A Marquesa Amélia II O Relatório	<i>O Industrial</i>	03/01/1901	VII	195	--	4	2	Cametá
George Oscar	A Marquesa Amélia II O Relatório (Cont.)	<i>O Industrial</i>	10/01/1901	VII	196	--	1	3	Cametá
Melchior Coelho	Sophia	<i>O Industrial</i>	28/02/1901	VII	203	Contos Bragantinos	1-4	1-2	Cametá
Melchior Coelho	Silvana	<i>O Industrial</i>	07/03/1901	VII	204	Contos Bragantinos	1-4	2-3	Cametá
Melchior Coelho	O tentem	<i>O Industrial</i>	14/03/1901	VII	205	Contos Bragantinos	1-4	3	Cametá
J. R.	O gato encantado	<i>O Industrial</i>	21/03/1901	VII	206	Contos da Mãe <Gere>	1-4	2	Cametá
--	Visão	<i>O Industrial</i>	28/03/1901	VII	207	--	2-3	3	Cametá
--	Elas...	<i>O Industrial</i>	28/11/1901	VIII	243	--	1-2	2	Cametá
Julia Lopes de Almeida	Bruto!	<i>O Industrial</i>	23/01/1902	VIII	251	--	1-2	2	Cametá
Coelho Neto	O Mentiroso	<i>O Industrial</i>	17/04/1902	VIII	260	--	1	2	Cametá
Silvino Faria	O Regenerado	<i>O Industrial</i>	24/04/1902	VIII	261	--	2-3	3	Cametá
Machado de Assis	A Senhora do Galvão	<i>O Industrial</i>	01/05/1902	VIII	262	--	1-3	2	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Georges Picard	Conto de uma vozinha a seus netinhos	<i>O Industrial</i>	26/06/1902	VIII	270	--	1-3	2	Cametá
J.L. Araujo	Amor de Odalisca	<i>O Industrial</i>	03/07/1902	VIII	271	--	2-3	2	Cametá
André Theuriet	Esmola de Amor	<i>O Industrial</i>	10/07/1902	IX	272	--	1-3	2	Cametá
Arthur Azevedo	O Cometa	<i>O Industrial</i>	21/08/1902	IX	278	--	1-3	2	Cametá
Coelho Neto	Confidência	<i>O Industrial</i>	28/08/1902	IX	279	--	1-3	2	Cametá
Jasmim	O Clown	<i>O Industrial</i>	04/08/1902	XI	280	--	1-2	2	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	18/09/1902	IX	282	Folhetim	2-4	2-3	Cametá
Arthur Azevedo	Vinte e cinco anos	<i>O Industrial</i>	18/09/1902	IX	282	--	1-4	3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	25/09/1902	IX	283	Folhetim	2-3	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	02/11/1902	IX	284	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	09/11/1902	IX	285	Folhetim	2-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	16/11/1902	IX	286	Folhetim	3-4	2-3	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	23/11/1902	IX	287	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	30/11/1902	IX	288	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	06/11/1902	IX	289	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	13/11/1902	IX	290	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	20/11/1902	IX	291	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	27/11/1902	IX	292	Folhetim	2-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	04/12/1902	IX	293	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	11/12/1902	IX	294	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	18/12/1902	IX	295	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	25/12/1902	IX	296	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	01/01/1903	IX	297	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	08/01/1903	IX	298	Folhetim	3-4	2-3	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Arthur Azevedo	A “não me toques””	<i>O Industrial</i>	15/01/1903	IX	299	--	2-4	1	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	15/01/1903	IX	299	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Arthur Azevedo	Infeliz mãe!	<i>O Industrial</i>	22/01/1903	IX	300	--	3-3	2	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	22/01/1903	IX	300	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	29/01/1903	IX	301	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	05/02/1903	IX	302	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	12/02/1903	IX	303	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	19/02/1903	IX	304	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	26/02/1903	IX	305	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	05/03/1903	IX	306	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	12/03/1903	IX	307	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	19/03/1903	IX	308	Folhetim	3-4	2-3	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	26/03/1903	IX	309	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	09/04/1903	IX	310	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	16/04/1903	IX	311	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	23/04/1903	IX	312	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	30/04/1903	IX	313	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	14/05/1903	IX	314	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	21/05/1903	IX	315	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	28/05/1903	IX	316	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	04/06/1903	IX	317	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Arthur Azevedo	Paulino e Roberto	<i>O Industrial</i>	04/06/1903	IX	317	--	1-3	3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	11/06/1903	IX	318	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Arthur Azevedo	A Muda (Conto meio plagiado)	<i>O Industrial</i>	11/06/1903	IX	318	--	3-4	3	Cametá

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Ano</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Secção</b>	<b>Coluna</b>	<b>Página</b>	<b>Cidade</b>
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	18/06/1903	IX	319	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	25/06/1903	IX	320	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	02/07/1903	IX	321	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	09/07/1903	X	322	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	16/07/1903	X	323	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	23/07/1903	X	324	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	30/07/1903	X	325	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	06/08/1903	X	326	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	13/08/1903	X	327	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	27/08/1903	X	328	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
--	Quem o bem faz para si o faz	<i>O Industrial</i>	27/08/1903	X	328	Um conto	1	2	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	03/09/1903	X	329	Folhetim	3-4	2-3	Cametá

Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	18/06/1903	IX	319	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Coelho Neto	A Leprosa	<i>O Industrial</i>	03/09/1903	X	329	--	1-2	2	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	10/09/1903	X	330	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	17/09/1903	X	331	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	24/09/1903	X	332	Folhetim	3-4	2-3	Cametá
Bernardo Guimarães	A Escrava Isaura	<i>O Industrial</i>	02/10/1903	X	333	Folhetim	3-4	2-3	Cametá

### **Apêndice B – Bruto!** (Julia Lopes de Almeida)

Daqui a umas largas dezenas de anos quem for amigo de ler crônicas deste século XX, que desponta com aspirações de paz universal e bondade aperfeiçoadoras do coração humano, poderá dizer que nestes dias houve um rei, que por amor de sua dama quebrou as mais rijas lanças para conquistá-la, expulsou ele o seu real pai e senhor, deportando-o para fora do reino, onde o mísero morreu sem amigos no desamparo da ingratidão...

Para colher dos lábios dela a cheirosa flor do beijo, houve o rei de arcar com a negra chusma de preconceitos da época. A pobre não era de sangue real, e por isso, mal estimada pelos súditos da enfeitçada majestade, todos se opunham a que o rei se unisse àquela mulher que nem era moça como Julieta, nem era portadora de um título de princesa, como Cordélia.

Por sua parte a imprudente, fascinada pelo prestígio daquele homem, caminhava para ele como a fina agulha de aço para um grande pedaço de imã. As mulheres não se emendam, e tanto mais amam quanto menos devem amar. Com o perigo, aumenta o encanto da paixão. *Não amar, quando se recebeu do céu uma alma feita para o amor e privar-se, a si e a outrem, de uma grande felicidade. Seria como uma laranjeira que não florescesse com medo de pecar, como dizia Stendhal, um escritor de então... É verdade que em páginas adiante ele acrescentava em outras conclusões: a firmeza de uma mulher que resiste ao seu amor, é a coisa mais admirável que pode existir na terra, todas as outras provas possíveis de coragem são bagatelas ao pé desta tão forte e tão penosa*

Raciocinando a dama que esses heroísmos são bons para os livros, e que, sendo a missão da mulher obedecer à natureza, mais lhe quadrava a alegoria da laranjeira, assim fez, como devia, a vontade de seu rei: casou com ele.

Desditosa! O povo, que já não a via com bons olhos, entrou a aborrecê-la. Para que todas as antipatias chovessem sobre a sua cabeça fraca, o velho rei exilado, homem que fora sempre de amores efêmeros e costumes fáceis, morreu longe da pátria e logo começaram a dizer que ele se finara de paixão, ressentido daquele filho ingrato, e que a culpada de tudo era a rainha, que por não ser de estirpe real não devia merecer o amor de um rei. Teceram logo uma trama de enredo e falsidade, dizendo que ela mentia a sua religião e a sua consciência. O beijo do amor não a fecundara, e na sua murcha esterilidade ela divulgava um sonho que embevecia a corte e o rei. O sonho da maternidade.

Gente do palácio muito embusteira, inventou logo que a rainha simularia um parto, vindo uma criança estranha ocupar no berço principesco o lugar que só deveria competir ao filho do soberano... intriga foi esta que se espalhou por toda nação transbordou a países alheios e terras de além mar. E, como formiguinhas, iam as perfídias entrando pelos ouvidos do rei...

No seu grande palácio suntuoso vivia a mísera rainha desconfiada, sem se poder lavar das máculas que lhe atribuíam. Assim, a flor da sua beleza outoniça enlanguescia, e o rei, aturdido, cheio das queixas dos vassallos que lamentavam a morte de um rei que nunca tinham amado, só por acinte à rainha intrusa, caiu em acredita que a esposa só o quisera por vaidade e ambição do reinado. Por isso, quanto mais ela se debulhava em pranto, mais ele se enfasiava dela, que sempre as lágrimas foram causa de aborrecimento aos olhos dos maridos. Todo o seu grande afeto se tornou depressa em ojeriza, que também do pai naturalmente herdara uma certa inconstância no amor, e ver sempre os mesmo olhos, demais a mais queixosos, não lhe sabia bem.

Correram meses nesse desagrado, até que um dia, em pleno palácio, a macia e régia mão de um rei da culta Europa, caiu com bruteza sobre a pálida face de uma rainha.

No triunfo da alegria correram damas de honra e criados do rei a soprar aos quatro ventos aquela ignomínia, rindo da triste rainha ofendida.

Esta, humilhada, quis matar-se, mas não a deixaram acabar com a vida, guardando-a dia e noite de perto, com os olhos arregalados e as unhas a fiadas.



Os vendavais desnudam as mais floridas laranjeiras; a alma da rainha já não tinha perfumes, só tinha espinhos; e o rei por onde andasse, lá ouvia o eco das canções maliciosas das ruas e dos teatros, em que se dizia a aventura de uma mulher que só se unira a um rei pela vaidade e desejo de reinar...

Entendiam que no século XX que o amor devia viver encarcerado, e ainda com muitos selos nas portas e nas janelas gradeadas que lhe atestassem a legalidade.

De modo que, quando cansado da reclusão, ele quisesse fugir teria de debater-se e deixar na cadeia o sangue de ser corpo e as penas de suas asas



Dirá mais coisas a lenda do rei da Sérvia, como dirão outras suas contemporâneas, quer sejam de plebeus, de fidalgos, ou de jovem a formosa rainha loura. Esta terá baladas, e uma grinalda de ritmadas rimas lhe emoldurará a doçura do perfil. E o que pensarão deste nosso tempo os futuros comentadores da história, parecer-se-á decerto com o que pensamos das velhas idades, em que esposos ciumentos prendiam pelas tranças ao ferrolho dos seus castelos as esposas ultrajadas pelo seu ciúme.

E então, como hoje, a queixa ouvida e que perdue pela sua sinceridade, será a exalada pelos lábios femininos, mal compreendidos como os da religiosa portuguesa, e aliás tão simples!

Michelet, que tão bem penetrou no coração da mulher, escreveu em *L'Amour*:

“Os insetos e os peixes são mudos; o pássaro canta querendo articular, o homem tem a linguagem distinta, a palavra clara e luminosa, o verbo límpido. Mas a mulher, acima do verbo do homem e do canto do pássaro, tem uma linguagem mágica com que intercala esse verbo ou esse canto: o anseio, o suspiro apaixonado”.

Feita para o amor, ela é o ser mais sensível do universo. Toda ela vibra as blandícias ou as crueldades daquele que entre todos os homens escolheu e a quem não sabe fazer compreender a sua paixão, porque as suas expressões são apenas balbucios com que interrompe os gorjeios da sua alegria ou os temores do seu raciocínio. Ele, que passa, pune, mata ou esquece; que olha para ela como jequitibá para a roseira do alto da sua superioridade e da sua grandeza, não percebe que, na sua humildade doce, a voz da mulher, como o perfume das rosas, pode chegar muito mais alto, até o céu, que só se abre para a sinceridade dos sentimentos grandes e verdadeiros.

E é por não compreender que ainda um outro a brutaliza.

Não já muitos anos, esta mesma pena sentimental lamentava uma pobre rainha asiática em cujas faces o esposo marcara a valentia dos seus cinco dedos. A pressa com que o telégrafo anuncia ao mundo estas misérias!

Supondo no Japão costumes grotescos, de inferior delicadeza, não acumulei sobre a cabeça do imperial senhor todos os adjetivos malévolos do meu fraco vocabulário, nem isso lhe importaria! Também essa imperatriz se quis matar, vexada daquele vilipêndio, e nisso achei-a singularmente parecida com todas as mulheres da nossa raça. O exemplo do imperador do Japão levou tempo a medrar, mas medrou e desponta na velha Europa civilizada em velhos tronos de ouro e púrpura, que dão norma ao povo, como uma lei de justiça e um direito de força indiscutível.

Dizem que a mulher do povo gosta do amor cruel, que a brutalize, se assim é, que bons maridos e que magníficos trabalhadores de enxada se estão perdendo naqueles régios senhores coroados!

Oh rainha pena, para, que já tropeças de cansada. Não foi para, dizer coisas amargas que principiaste esta história, mas só para atirar a tua compaixão da mulher a todas as mulheres que chegando o tempo do amor, do céu azul e do sol dourado, vem, como a florida laranjeira, de repente nuas, desfolhadas pelo vendaval, todas as suas ilusões.

### Apêndice C– A Monja (Sóror Amélia)

Sou moça: diz-me o espelho que sou bela, e bela me chamam as minhas companheiras de infortúnio.

Sou moça e bela!!! E na primavera da vida, e no viço da beleza, e ao desabrochar do coração, cinge-me o corpo o burel de monja e condenam-me a passar a existência entre as paredes solitárias do claustro!

E o coração me bate com força... e sinto em meio da penitência e dos silícios, em meio do murmurar das preces e do rosar do órgão, essa solidão indefinível, essa sede de vida, essa aspiração ao gozo que não me pode dar o claustro...

E quanta vez, quando as negras fileiras das montanhas entoam cânticos harmoniosos, que de envolta com incenso, se elevam ao céu; quanta vez assistindo aos mais augustos mistérios da religião e prostradas nas frias lajes do santuário, não se ausenta o meu espírito e não percorre os espaços desse mundo desconhecido, que entrevejo apenas e de onde tão desumanamente me arrancarão!... Como são felizes os que podem aspirar o perfume das flores, ao ar livre das campinas, sem que lho impeçam as altas muralhas que circundam o claustro!...

Como invejo a vida do camponês que passa o dia ao sol ardente do estio e volta à noite à choupana, em que pela manhã deixara a meiga companheira de sua vida.

Monja... E lançou os olhos para o claustro... e o salmo das orações... passeio solitário sobre as compridas e solitárias arcadas do claustro... o silêncio dos lábios...e o palpitado coração tão cedo crestado, tão bruscamente sufocado!

Como longas me são as noites, não dormidas, no devorar da febre, a passear pela cela estreita, apertar a mão que escalda e a soluçar lágrimas que me molham o travesseiro!

Monja!... Monja!... Eu era bem criança doudejar nos campos, a aquecer-me aos raios de sol, e a colher as flores perfumadas que pendiam das pétalas... Era ainda bem criança e descuidosa gozava a vida, como a rosa do prado ao orvalho da manhã.

E um dia disseram-me: Deves ser monja... e trouxeram-me para aqui; os gonzos gemerão pesados... a porta fechou-se... despiram-me as roupas alvas de criança... vestiram-me as roupas negras de monja... proferirão não sei que palavras...murmurarão não sei que rezas...fizeram-me cair ao chão as louras tranças de meus cabelos. O órgão ressoou melancólico pelas abóbadas do templo alumiado... o pontífice pediu para mim a benção do céu... senti o apertar convulsivo de minha mãe que soluçava... e depois disseram-me

És monja!

“Monja! E quem lhe deu o direito de me sepultarem na vida! E quem lhes deu o direito de me arrancarem ao mundo, de me sufocarem o grito do coração?!

Ah! Que o não sufocarão, não, que violenta me ruge dentro a tempestade e tristes como a solidão destas paredes, o (ilegível) como o fantasma da morte, entregue as lágrimas do desespero que caem ardentes de meus olhos abrasados!...

Mas sou monja!... E o coração que se cale e as lagrimas que sequem, e o lábios que resmunguem preces!... Mas quem me tirará o desalento e o desespero, quem me serenará a tempestade d’alma, quem restituirá a calma e a tranquilidade?

Como sois felizes, vós que viveis ao ar livre, ao sol de Deus, em meio das flores perfumadas do prado, sem que as altas muralhas do claustro vos embarquem os passos!

E eu! Monja!... Na primavera da vida, no viço da beleza, sentindo a mortalha a me envolver o corpo e a vida tão triste como a noite de finados ao cair da lousa!

## Apêndice D – Segredo de uma confissão

### I – A carta

– É cruel ser tão infeliz no princípio da vida; amar com extremo e não poder dizer que aquele que amo será meu esposo. Ele me diz, nesta carta, que sabe a resolução de meu pai, de me casar com esse militar, que amanhã lhe vai pedir a minha mão, e que se um “não” for a sua resposta, então um convento o receberá. Diz Josefina, não é bem cruel a minha situação?

– Sim, senhora; mas é necessário resignar-se com a vontade de seu pai, que é a primeira vez que contraria a sua. Talvez motivos...

– Motivos! Eu sei quais são: É esse que amo ter pouca fortuna, e não ter família. Meu pai é excessivamente (palavra ilegível). Nunca dará sua filha a um homem, cuja origem não conheça. E amanhã... amanhã, quando ele me for pedir para sua esposa, eu antevejo qual será a resposta de meu pai; ele lhe dirá “nunca”; e eu serei obrigada a casar com esse militar orgulhoso, e sufocar todas as penas em meu coração, e a ser eternamente desgraçada

– Tende esperança, senhora.

– Já não a tenho, Josefina.

E inclinou ligeiramente a cabeça, ficando entregue a suas pungentes ideias.

– Pobre senhora! Exclamou Josefina.

Este diálogo era passado em um quarto de uma bonita casa da mui populosa Lisboa, entre uma linda menina de dezoito anos, e uma criada, a quem aquela familiarmente tratava.

Vamos inteirar nossos leitores de alguns acontecimentos anteriores, para podermos seguir a nossa história.

Amélia, assim se chamava a jovem, era filha de um honrado proprietário; sua mãe havia morrido, ainda ela não podia articular este doce nome; e seu pai chamou Josefina para continuar (Texto mutilado)

### II – Recusa e Despedida

No dia seguinte àquele em que se passava a cena que acabamos de descrever, estava Roberto na sala, quando um criado anunciou que o senhor Eduardo desejava falar-lhe.

– É ele! Exclamou Roberto: que entre.

Eduardo entrou, e depois de mutuamente se cumprimentarem, Roberto o mandou sentar e lhe dirigiu a palavra.

–Poderei saber o que motiva a honra da vossa visita?

– Senhor, disse Eduardo, há um ano que amo vossa filha; ela corresponde-me ao amor que lhe consagro; e eu não posso desejar mais que uni-la ao meu destino; portanto vinha lhe pedir a sua mão.

– Isso são negócios muito sérios; entretanto desejava saber quem é o senhor, a sua família, a sua posição na sociedade, para poder resolver a decidir do destino da pessoa que tenho mais cara sobre a terra – a minha única e adorada filha.

– Eu, senhor, sou caixeiro da casa de Jeronimo Alves Guimarães, uma das mais abastadas da capital; tenho interesses suficientes para poder sustentar minha esposa com a decência devida ao seu nascimento; porém a minha família... eu não a tenho...

– Não tem família! ... Pois sinto muito dizer-lhe, que a mão de minha filha nunca será dada a quem não se honre com as virtudes de seus pais... além do que, ela está dada.

– Está dada!... É o não ter família que faz com que o senhor recuse dar-me a sua Amélia? Deve porém lembrar-se que as ações fazem os homens; e que apesar de não ter parentes sou honrado.

– Não duvido da sua probidade; porém o ser filho de pais incógnitos motiva a minha recusa.

–Eu muito bem o conheço.

O pai de Amélia cravou em meu peito o punhal afiado do desespero. Não tentarei, senhor, contra os meus dias; a minha alma é superior ao suicídio, e ao desejo de vingar-me da vossa

repulsa. Um convento será o asilo aonde irei sepultar os dias amargos que eu via rodeados de flores. Entregue aquele para quem os nascimentos são iguais, o Pai comum de todos os viventes, ou implorarei aos seus favores sobre vós a vossa filha.

Eduardo saiu precipitadamente.

– Infeliz!... Julgo-o bela pessoa, e até virtuoso; mas... um enjeitado... nunca será esposo de minha filha.

Quando Eduardo saiu, Amélia o esperava à janela.

– Adeus, Amélia; teu pai recusa dar-me a tua mão. Eu vou sepulta-me no interior de um claustro; e mesmo debaixo das vestes sacerdotais eu nunca deixarei de te amar; a tua imagem querida existirá em meu coração em quanto me animarem os vitais alentos. Adeus, e adeus para sempre.

E partiu desatinado e melancólico.

– Adeus... balbuciou fracamente a bela infeliz que não tinha podido articular uma só palavra.

As horas passavam; e Amélia, com os olhos fitos no caminho por onde desaparecera a parte mais querida da sua alma, não dava por coisa alguma. Foi desperta deste letargo meditativo por Josefina, a qual a arrancou da janela, de onde não havia forças que a afastasse.

Os elementos debatendo-se, e apresentando o quadro horrível da luta da natureza, davam uma pequena ideia da tempestade que teria lugar no peito da infeliz Amélia; seu coração, qual fraco baixel, vagava à mercê das ondas naquele proceloso mar; porém a esperança não animava a sua alma; esta não achava uma tábua de salvação, e aquele havia perdido o ramo do porto amigo.

### III – O Convento

O sossego se reestabeleceu em casa de Roberto. Amélia, com o coração profundamente magoado, passava seus dias tristes e pensativa. Seu pai, depois da entrevista que tivera com Eduardo, contemplava em silêncio a desditosa, e vendo o seu abatimento arrependia-se da sua resolução; mas a terrível palavra enjeitado vinha fazer um efeito contrário aquele sentimento de compaixão que sentira por aquela a quem havia dado a existência.

Quando a Eduardo, o termo de sua carreira foi o convento de Santo Antonio dos Capuchos. Procurou o provincial, e lhe pediu uma conferência particular. O provincial o conduziu à sua cela; Eduardo o fez ciente que desejava ser noviço no seu convento: disse-lhe que era órfão e (palavra ilegível) de meios para subsistir; que não tendo parentes em grau qualquer, e achava senhor das suas ações, e por isso escolhia a clausura; que tinha uma prenda, pela qual devia ser admitido imediatamente, e supriria o seu dote; sabia música, e tocar piano e órgão.

O provincial lhe falou favoravelmente; conhecendo porém que havia algum motivo oculto que obrigava este mancebo na flor dos anos a cativar-se voluntariamente; contudo horas depois ele apresentou Eduardo à comunidade, que o recebeu com agrado.

Oito dias se passaram, e Eduardo se foi acostumando àquela vida simples, fazendo conhecimento com alguns padres; entre estes havia um, chamado frei Gil, que simpatizando com o mancebo, lhe consagrou a mais pura amizade.

Uma noite passeavam ambos no extensos corredores do convento; Eduardo parou e ficou abstraído nas ideias.

– Sempre triste, irmão Eduardo!... Tendes pesares; estou disto inteiramente convencido; mas também sei, que depostas as penas no peito de um amigo, é um desafogo da alma angustiada.

– Frei Gil, as chagas do meu coração são muito profundas para cicatrizarem depressa.

– E não podereis lançar nelas algum bálsamo, com que se minorem tão acerbos dores?

– Meu padre, eu vou contar-vos o motivo delas. Eu sou enjeitado; amei uma mulher, não digo bem, amei um anjo; amei-a com idolatria; ela era a minha família, a minha fortuna, o meu universo, e perdi-a; fui pedi-la a seu pai, perguntou-me pelos meus parentes; fiquei interdito – não tenho família, lhe respondi; estas palavras ressoaram a seus ouvidos como um medonho trovão, e negou-me a sua filha; sua filha, que faria a minha felicidade na terra e me daria

entrada no Céu. E ela... ela... Amélia...correspondia-me com o mesmo amor que eu lhe consagrava; mas a vontade de seu pai podia mais que o seu amor, e não teve ânimo de lhe resistir. E eu, desgraçado, não tive força bastante para acabar ali mesmo minha desditosa existência, e vim procurar nesta casa consagrada ao Altíssimo algum lenitivo a tantos males. A consorte que eu julgava o Céu me haver destinado, em breve unir-se-á a outro homem; e serei obrigado a ver esse tão odioso homem? Dizei-me, padre, serão minhas feridas tão pouco profundas que tenham pronto remédio?

– Filho, é necessário resignação com a vontade do Altíssimo; não reprovo, como muitos dos meus companheiros essa paixão; eu também amei, fui casado, tive filhos, e não existe um só destes entes queridos, que formavam o encanto da minha vida; quando mais ditosa se me entalhava a existência, foi quando recebi o mais terrível golpe: também vim, como vós, procurar refrigério a minhas penas neste venerável convento. Os anos me tem feito esquecer estas tão tristes recordações. Avaliáveis por isto se eu sei conhecer a força das paixões, e se vos desculparei nessas ilusões da mocidade, tende pois coragem, e procurai distrair-vos por meio do estudo; na vossa cela encontrareis alguns livros de um santo varão que ali habitou antes de vós, eles são fecundos mananciais de moral evangélica e de verdadeira religião; a sua leitura será o gelo celeste, que apague o fogo ateado pelas terrestres paixões.

– Meu padre, as vossas palavras lançam alguma esperança em meu coração; ele bate mais livre; e sinto a imaginação mais desassombrada das minhas tristes lembranças.

Neste momento a sineta do claustro levou o seu eco aos ouvidos dos habitantes daquele domicílio.

– São horas de nos retirarmos, adeus Eduardo; de hoje avante seremos amigos inseparáveis; desterremos para longe de nós as ideias opressoras que aqui germinam; quando juntos, falará só a amizade; quando em comunidade as etiquetas religiosas. Quando precisardes consolação procurai-me, que sempre me achareis pronto a prestar-vos as minhas fracas lições.

Eduardo beijo a mão deste homem respeitável, e digno de simpatia; tão diferente de muitos dos seus colegas que se lhe confessasse esta paixão ama

#### IV – O Segredo

Era alta noite: Eduardo na sua cela lia com avidez os sublimes e consoladores pensamentos dos autores daqueles livros santos, que, assim como o maná do deserto mitigou os famintos de Moisés, refrigerava sua alma cheia de amor e ciúme.

Findando a leitura de um livro, foi ao pequeno armário onde eles se achavam; em busca de outros. Ao tirar um volume, alguns azulejos que guarneciam a parede caíram, e deixaram ver ao jovem religioso um compartimento, dentro do qual existiam diferentes cadernos, tirou-os, e depois de haver examinado parte deles, deparou um cujo frontispício tinha o título – Algumas das minhas confissões mais notáveis.

Eduardo leu algumas confissões; ao princípio um sentimento de repugnância de saber segredos de pessoas que ainda poderiam existir, lhe veio à imaginação; mas uma vontade irresistível o obrigava, e ele continuou a ler. Ao chegar ao meio do caderno, o rosto de Eduardo brilhou de contentamento; largou o manuscrito e caiu de joelhos diante da imagem de Jesus Cristo crucificado, que existia na cela, exclamando:

– Oh! Meu Deus, eu vos rendo graças.

O lugar do caderno onde Eduardo havia acabado de ler, dizia assim:

“O que vou relatar consegui sabê-lo em diversas confissões, e por isso faço delas um resumo.

Viviam nesta capital dois esposos; e havia oito meses que possuíam um doce fruto de seu amor: chama-se Eduardo Teixeira. Sua mãe, Joaquina Ramos, recolhendo-se um dia para sua casa não achou o seu querido filho: ele havia sido roubado por uma mulher a quem seu marido havia prometido unir-se, procurando vingar desta sorte o seu amor desprezado; teve ocasião, de acordo com uma criada, e o conduziu à Misericórdia, alguns anos depois ela confessou seu crime, e Joaquina foi procurar o menino àquela casa; este porém havia saído

dali, levando consigo a medalha e retrato que o acompanhava, a fim de que com aqueles sinais, poder, por acaso, um dia achar a sua família.

“Joaquina, sem esperança de recobrar seu filho, pediu, pois era seu confessor havia muitos anos, que indicasse a todos os penitentes notícias de Eduardo; foram (palavra ilegível) os meus desejos e os dos meus companheiros, a quem havia rogado cooperação – o jovem nunca apareceu. Joaquina Ramos, próxima ao derradeiro instante, mandou-me chamar, e me disse: que seu marido havia morrido; que ela possuía uma fortuna considerável; e que esta, bem como todos os documentos necessários, estavam em poder de um tabelião chamado Manoel Plácido e Sousa, morador a S. Vicente de Fórs, e qual tinha instruções para no fim de vinte anos, não aparecendo o seu filho, entregar tudo ao nosso santo convento. O sinal pelo qual o tabelião entregaria essa riqueza a Eduardo era a medalha que levava quando foi para a casa dos expostos, que estava certa ele conservaria, cujos sinais e segredo Joaquina lhe havia transmitido, tornou a recomendar-me as mais ativas pesquisas, mas até hoje tem sido baldadas; existe no mosteiro a nota do dia em que deverá ir reclamar a fortuna que lhe deve pertencer.

– Eduardo foi roubado em 10 de dezembro de 1814”

Eduardo levantou-se rapidamente da sua oração, lançou de novo com avidez os olhos sobre o caderno, e exclamou:

– Achei, finalmente, família; a 10 de dezembro de 1814 foi o dia em que entrei na Misericórdia, segundo o livro de (palavra ilegível) daquela casa; é Eduardo o meu nome, e a medalha ei-la sobre o meu coração. Agora posso ser feliz, tenho fortuna, tenho família, e Amélia será minha; mas esse homem?!... Oh! Eu romperei todos os obstáculos: para longe estes hábitos que já não quero: agora só exijo a felicidade. Não era a fortuna que eu ambicionada, era família; agora tenho tenho-a. e poderei dizer a Roberto, cheio de orgulho: – “Não é um enjeitado que pretende a mão de vossa filha, é um homem que pode ser seu esposo. É uma vítima sacrificada à perversidade de uma víbora, cujo veneno vomitou sobre a minha existência inocente; porem hoje... hoje tenho família – O Céu fará o resto.

Eduardo tirou a parte que lhe dizia respeito e tornou a esconder os outros cadernos, esperando com impaciência a manhã, ela raiou, e Eduardo correu à cela de frei Gil, e mostrando-lhe o manuscrito lhe disse:

– Frei Gil, os vossos conselhos fizeram com que eu achasse a minha família; procurando os livros que ontem me insinuaste que lesse, encontrei esses papéis, onde o segredo do meu nascimento me é patente: lede.

Frei Gil leu, e depois de ter meditado algum tempo, exclamou em êxtase do mais completo júbilo e admiração:

– Oh! Supremos Poder de um Deus imenso! Quanto são inescrutáveis os teus augustíssimos decretos! Vós, Eduardo, sois meu sobrinho, vosso pai, meu irmão, casou com Joaquina Ramos: soube que havia nascido um filho; mas nesse tempo estávamos indiferentes por coisas de nenhuma entidade; e foi esse o motivo de nada saber a teu respeito: eu ignorava a existência destes apontamentos.

Eduardo beijou-lhe a mão, e lhe contou a sua história, e a da família de Amélia, de parte da qual já o havia instruído, ocultado os nomes. Eduardo havia sido (palavra ilegível) em casa de Joaquim Alves Batalha, que em uma visita feita com a sua família à casa dos expostos, dela o levou, encantado pela sua fisionomia. Faliu este honrado negociante, e o jovem devia as prendas da educação que tinha recebido, o ter o asilo e subsistência. – Este o resumo dos primeiros anos da vida de Eduardo.

Agora, meu tio, disse ele, eu vou partir: vou com mais ufania pedir outra vez a mão de minha Amélia, e para este casamento eu peço a vossa aprovação.

– Sim, Eduardo, eu conheço a honrada família da virtuosa dama a quem pretendes unir-te, e estou certo que era a nódoa dos enjeitados que fez rejeitar a tua aliança: eu de bom grado

consinto nesse consórcio. Podes já sair, pois ainda não o tens deveres que te liguem: eu o participarei aos superiores. Parece que uma crise terrível vai mudar a marcha política da nossa pátria; tu me procuraras segundo a ordem dos fatos, ou no convento ou no exílio; se a sorte no teu destinado o segundo, eu o desejo achar ao seio da tua família.

– Eu o juro, meu tio, exclama Eduardo; nós viveremos e morreremos juntos. Em breve nos tornaremos a ver. – E partiu.

A fortuna guiou seus passos: a vista da medalha, o tabelião não hesitou em entregar-lhe os documentos da sua legitimidade e fortuna.

Frei Gil não se havia enganado: pouco depois uma salva se fez ouvir. – Era o dia 24 de julho de 1833.

V – A Morte de um Bravo

Eduardo nesse mesmo dia se dirigiu à casa de Roberto, e mostrando-lhe os seus papéis, lhe pediu de novo a mão de Amélia.

– Senhor, respondeu Roberto, eu conheci as suas boas qualidades, e já sentia remorsos de ser a causa da desdita de minha filha: era esse louco prejuízo de minhas ideias que fez com que eu o despedisse há pouco tempo. Não cuide que o apresentar-se agora com fortuna faz que eu lhe dirija estas palavras. Rafael, meu antigo amigo, via Amélia, e em todas as suas cartas do Porto, onde se achava, me falava a seu respeito; e à última, em que me pediu a sua mão, lhe respondi que minha filha era sua. Bem vê que a minha palavra está comprometida.

Neste momento fortes argoladas se sentiram à porta, e Roberto correu a ver o que motivava aquele estrondo.

Era o próprio Rafael, que numa maca pedia um asilo ao seu amigo; pois era a única pessoa que conhecia nesta terra, enquanto não se dirigia ao hospital, que já lhe haviam destinado.

Roberto imediatamente o mandou conduzir ao seu quarto. Uma bala tinha atravessado o bravo militar. O honrado dono da casa, depois de haver dado as mais terminantes ordens, para que nada faltasse ao ferido, ofereceu a Eduardo a sua casa esta noite, pois à vista da crise melindrosa em que estava a capital, era perigoso sair. É de presumir que este, de bom grado, aceitou o generoso convite.

Rafael depois de haver sido tratado pelo facultativo, pediu à família que chamassem Roberto: este, acompanhado de Eduardo, foi satisfazer os desejos de seu amigo.

– Haveis querer saber, disse o ferido, os motivos que me obrigaram a procurar-vos: eu me apresso a satisfazer a vossa curiosidades, enquanto as forças de todo não me abandonam. – Pertencço ao batalhão de caçadores n. 2, e com ele assisti a todas as ações que tiveram lugar na cidade do Porto até a saída da divisão que hoje ocupa Lisboa: os nossos bravos obraram ali prodígios de valor e coragem, eles encaravam a morte placidamente; a doce palavra *liberdade* era a sua divisa, o seu pendão, era o talismã celeste que os animava nos perigos, que os elevava ao trono do Altíssimo, quando no campo de batalha deixavam a existência que o mesmo Deus lhes havia concedido. Ah! Meu amigo, não avalias o sentimento que inebria o coração do soldado, quando combate a prol de uma sagrada causa! – Esse sentimento, meu Roberto, é a glória! Os alentos me faltam: eu resumirei o resto, embora a vida me abandone, contando as façanhas dos meus valentes camaradas. Saímos do Porto com mil trezentos e cinquenta homens, comandados pelo marechal duque da Terceira, desembarcamos no Algarve, e seguimos para Alentejo sobre as forças do Visconde de Molelos, e mudando de caminho viemos ontem atacar Telles Jordão, que com quatro mil homens, nos esperava no sítio da Piedade. Ele foi batido e derrotado, e em Cacilhas exalou o último suspiro. Foi ali que fui ferido; e só me custa não ver o completo triunfo do partido por que tenho pugnado.

Roberto, o cirurgião me proibiu de falar, para não aumentar os meus padecimentos; mas eu sei que esta família é mortal, não obstante as suas palavras em contrário; morro, e por esta razão quis te contar as nossas façanhas, que enchem meu coração de orgulho e glória, quero também desligar-vos da vossa palavra de me dares Amélia por consorte; portanto eu vo-la restituo:

desposai-a com um homem que a faça feliz: sim, ela o merece; ela é digna de ser eternamente amada.

– Meu Rafael, meu amigo!... exclamou Roberto, abraçando-o carinhosamente.

Eduardo contemplava os dois íntimos amigos, naquela dor muda de amizade, naquela dor que se reconcentra no coração, cofre dos pesares da alma, túmulo de todas as afeições da vida: – era o último adeus de um amigo que voava à eternidade –era um sentimento do Céu que se quebrava na terra.

Eduardo sentiu seus olhos umedecidos de ardentes lágrimas – estas eram nobres e puras, como o motivo que as fazia verter.

Enquanto esta cena se passava, Amélia, no seu quarto, triste e melancólica, era inteiramente alheia a tais acontecimentos: orava diante da imagem do Salvador, e pedia a este algum lenitivo às suas penas, e proteção para Eduardo, que ocupava, como sempre, sua imaginação escandecida.

No dia seguinte Rafael deixou de existir: a pátria perdeu um dos seus bravos libertadores, e a sociedade um dos seus melhores ornamentos.

#### VI – Patriotismo e Felicidade

Eduardo, sendo sensível ao amor, não deixava de o ser ao fogo sacrossanto do patriotismo. Rafael havia deixado uma lacuna nas fileiras dos bravos caçados, e ele correu imediatamente a preenchê-la, alistando-se voluntariamente.

Alguns dias depois, trajando o uniforme do batalhão de caçadores nº 2, o jovem patriota se apresentou a pedir o cumprimento da promessa de Roberto. Quisera Rafael aos olhos deste – aos de Amélia só podia ser Eduardo!... Diferente ao traje, mas o mesmo ao coração.

Este havia ocultado os seus projetos e por isso Amélia estremeceu ao vê-lo. As palavras entrecortadas que saíam de seus lábios, cujo carmim o jaspe havia substituído, seguiu-se um desmaio, que assustando bastante Eduardo, o obrigou a pedir socorro. A seus clamores acudiu a família, precedida de Roberto, que ficou admirado de ver o estado de sua filha, e igualmente o uniforme do mancebo.

Prestados os socorros necessários, Amélia recobrou os sentidos, achando-se nos braços de seu pai. Uma torrente de lágrimas inundou o colo da sensível donzela, estas servindo de lenitivo ao seu pesar, abreviaram o seu restabelecimento. Depois de alguns momentos de silêncio, Amélia pronunciou estas palavras, acompanhadas de veementes soluços:

– Ah! Meu pai! É no momento que eu pensava, que o Céu nos unia para sempre, que Eduardo voluntariamente se afasta de nós, e, quem sabe, talvez para sempre?

– Ouvi-me, Roberto e Amélia, e eu me justificarei convosco: serei breve, porque em pouco estará a minha defesa. Eu vos adorava, senhora, e a negativa de vosso pai me fez perder a esperança de vos possuir. Por um dos milagres da Providência me foste restituída. Por um caso igualmente misterioso, a nossa pátria recobra a liberdade: é necessário conservar esta a todo custo: sem ela como poderei gozar em paz a querida esposa? Estáveis destinada a consorte de um bravo, vós não sereis de um fraco. O Céu, que vos entrega em meus braços por um de seus insondáveis arcanos, me livrará dos perigos, e vos dará a necessária resignação para suportar a momentânea ausência que farei. Sim, Amélia, em breve seremos unidos para nunca mais nos separarmos. Em breve deixará de existir essa luta fraticida; e a paz, voando em torno de nós, trará em suas benéficas azas o sossego, e a união apeteçada; então sim... então seremos completamente felizes. Se outrora não apreciei, como devia, a situação de meu país, ainda é tempo de reparar em parte a minha falta: pagarei tarde o que devia ter feito cedo; e exclamarei depois gostoso e satisfeito: – tenho uma pátria livre... e uma linda e carinhosa esposa!

Roberto, que era verdadeiro liberal, apreciou os sentimentos do heroico caçador; e Amélia obrigada a resignar-se, viu-se constrangida a sujeitar-se à imperiosa lei do destino.



Eduardo combinou os seus negócios com o pai da sua destinada esposa, encarregando-o de, na sua ausência, administrar os bens que lhe pertenciam; e depois de haver bastante tempo hesitado, se viu na dura precisão de deixar o querido objeto da sua ternura, para voar onde o chamavam os deveres militares, despedindo-se todos tristemente, receosos sempre do insondável futuro, porém confiados no Céu, e animados pela esperança, que acompanha sempre o infeliz.

Vamos, pois, tocar o termo de nosso romance – a impaciência do leitor vai ser satisfeita.

Eduardo, honrado pelos seus superiores pelo seu nunca desmedido comportamento, foi em muito pouco tempo promovido a oficial inferior, e tendo-se distinguido na ação do dia 10 de outubro de 1839, à saída das linhas de Lisboa, foi proposto para subalerno, a qual graduação lhe foi imediatamente conferida pelo seu general no dia 18 de fevereiro do ano seguinte, na batalha de Almoester, depois de haver obrado prodígios de valor, foi ferido, porém em breve se restabeleceu, e a medalha da torre e espada ornou o seu peito pelos serviços prestados sobre o campo de batalha.

Amélia ignorou sempre o ferimento do seu amante, pois ele fazia chegar as cartas às suas mãos, como escritas em diferentes acampamentos, durante o tempo que esteve impossibilitado de achar nas fileiras. Roberto, porém, nada ignorava.

No dia 11 de junho de 1834, pelas três horas da tarde, quatro indivíduos se achavam abraçados derramando copiosas lágrimas – eram lágrimas de prazer; era o pranto que faz verter e gozar o cúmulo de todos os desejos.

Neste instante da verdadeira felicidade uma nova personagem, entrando arrebatadamente, e lançando-se no meio deste grupo interessante, veio animar este quadro encantador.

Era frei Gil.

Ali se viam reunidos – a probidade – o amor da pátria – a religião – a ternura – a amizade.

Eram Roberto – Eduardo – frei Gil – Amélia – Josefina.

Amélia, a quem Roberto havia ocultado o honroso posto a que seu esposo tinha sido elevado, o que este igualmente havia feito, bem como o ter sido justamente condecorado, ficou muitíssimo admirada, e os encrepou por tal lhe haverem ocultado – mas o seu coração apreciou a surpresa.

Um mês depois Amélia era a feliz esposa de Eduardo.

Pela extinção dos conventos frei Gil foi viver na companhia de seu sobrinho, subtraindo-se desta maneira à sorte da maioria de seus companheiros – a mendicidade.

Alguns penhores da ternura destes esposos tem aumentado a sua família, e remoçado com as suas carícias o bom Roberto, que diz espera não deixar de existir enquanto não vir pelo menos vinte netos em redor de si.

Frei Gil, entregue à leitura do seu breviário, vai passando o resto da vida, sofrendo as travessuras dos pequenos sobrinhos, e ensinando-lhe os bons e religiosos princípios.

A velha Josefina está aposentada, porque Amélia desde o casamento lhe retirou o título de criada, substituindo-o pelo carinhoso nome de amiga. Possam os nossos estimáveis leitores ser tão felizes, como nós julgamos esta venturosa família.

## **Apêndice E – O Poder de um Retrato**

### **I- Amor de Mãe**

Era noite. – Uma dessas formosas noites de abril, em que o astro noturno abrilhante com seu clarão a obra de Deus, que sentado ao seu majestoso trono contempla com um sorriso as belezas da criação, e a grandeza do seu trabalho. Numa casa ordinária da cidade de Lisboa, encostada a uma janela que deitava sobre o jardim de um palácio contíguo, uma jovem de pouco mais de dezoito anos, alva como o mais fino mármore, contemplava amorosamente um mancebo, que, sentado junto dela, parecia insensível aos seus carinhosos afagos. O rosto do

jovem era nobre e simpático, mas parecia que um profundo combate se desenvolvia em seu peito, e dava ao seu caráter um aspecto melancólico.

Junto do leito existia um berço, onde um inocente de trezes meses sossegadamente repousava. A jovem rompeu o silêncio.

– Alvaro, olha como a noite corre plácida e serena; como as estrelas brilham no firmamento limpo de nuvens; tão linda, tão bela como um pensamento de Deus. Quanto desejaria conhecer, no centro desse divino luzeiro, o destino de nosso filho; desse anjo de inocência, que ali dorme sem pensar no presente, sem uma lembrança do futuro.

– Querias, talvez, que uma estrela te apresentasse a história completa da sua vida, ou um anjo descesse do Céu, e se tornasse protetor de vosso filho, não é assim Leonor?

– Alvaro, desconheço-vos. Hoje não sou a vossa querida Leonor, o vosso anjo, a vossa vida: hoje apenas um olhar severo, um falar irônico, e nem um palavra de amor; diz, Alvaro, que mal vos fiz; eu que tanto vos amo.

– Leonor, vós para mim sois a mesma bela... encantadora: consagro-vos o mesmo amor; mas hoje venho pedir-vos um sacrifício; eu o exijo por força, ou por vontade. Eu quero levar meu filho!... Não julgueis que pretende tentar conta a sua existência... não: ele me é bastante caro; quero tê-lo em minha companhia, e nada mais.

– Que me pedes?!... Separar-me de meu filho? Isso nunca. – Alvaro, eu não conhecia os homens nem as suas paixões, o amor nem os seus delírios; apareceu um homem que me fez sentir paixões, e por ele delirar de amor: não atendi a que era pobre, que era um simples estudante de medicina, por que o meu amor era mais forte que os vão prejuízos do mundo: eu lhe entreguei alma, coração, honra, tudo. Esse homem éreis vós; desse amor, que nos liga há dois anos, existe aquele penhor, que agora quereis roubar aos meus braços, às minhas carícias: oh! Mas vós não quereis matar-me, não é assim; porque não sabeis o que é arrancar um filho a sua mãe: vê-lo pelo espaço de treze meses crescer e alimentar-se a seu peito, e depois deixar de o ver, não o ouvir pronunciar pela primeira vez “minha mãe” e depositar um beijo sobre seus lábios, paga dessa tão querida palavra, pronunciada pelos inocentes e mimosos lábios, fruto da amizade, e da mais excessiva paixão?!...

– São sentimentos que o tempo em breve cura. É necessário, Leonor, que leve meu filho; daqui a alguns meses podereis vê-lo; há motivos mais fortes que o vosso amor de mãe, que me obrigam a tê-lo em meu poder.

Alvaro, dizendo isto, correu ao berço e tirou dele o menino, e o meteu debaixo da sua capa. – Leonor pretendeu opor-se ao rapto do inocente; mas a força de Álvaro a obrigou a retirar-se, caindo.

– Alvaro!... De joelhos, a vossos pés, imploro meu filho; por alma de vossa mãe, não me priveis da única ventura que me resta, já que tudo me roubaste!...

– Não: nosso filho vai comigo, e nós estamos separados, e separados para sempre. Motivos poderosos me obrigam a dar este passo; ele é necessário para o meu sossego; essa bolsa te preservará por algum tempo da fome e da miséria: todos os anos receberás igual quantia. Adeus, e adeus para sempre.

Alvaro lançou a bolsa sobre a mesa, e retirou-se apressadamente. Leonor não pôde resistir à dor que lhe causou a perda da querida parte da sua alma, e caiu no chão sem sentidos, exclamando:

– Meu filho!... eu quero o meu filho!

II- Dezoito anos depois

As salas do palácio do conde de Rosendal, nobre fidalgo francês, se achavam brilhantemente iluminadas: uma reunião das pessoas mais distintas da nobreza de Portugal ali se via espalhada; e as jovens formosas e gentis tornavam o salão de baile um verdadeiro paraíso terrestre. Entre elas avultava uma, que pela singeleza do seu vestuário – pela rosa que adornava seus lindos cabelos – pelo vestido branco, que desenhava suas formas sedutoras e

engraçadas – disséreis ser a deusa da formosura, que presidia aquele congresso de fadas. – Estava sentada a um lado da sala; junto dela um mancebo a contemplava; e essa muda adoração era recompensada com um sorriso que resumia uma história de amor, um discurso cheio dos mais amorosos transportes.

Num grupo de homens se conversava familiarmente, e um deles perguntou a outro:

– Então, Gil Vicente, quando teremos na corte alguma representação dos teus autos?

– Não sei, por ora, quando poderei satisfazer esse desejo do nosso rei D. Manoel.

– E vós, D. Vasco da Gama, não ides descobrir novas terras, e ganhar mais uma coroa para vossa cabeça, e um brasão para nosso Portugal?

– Não, D Rodrigo, ha já dois anos que que saí de Lisboa, e apenas oito dias que cheguei à minha pátria. É necessário descansar um pouco. Essa empresa, que o finado rei d. João II legou a meu pai, deu ma seu filho; empreguei todos os recursos para bem a desempenhar; a favor de Deus; e a ciência dos homens levaram ao cabo os meus projetos; lutei com todas as adversidades: via morrer os meus marinheiros, as tempestades próximas a fazer-nos engolir pelas ondas, os raios prestes a fazer-nos vítimas, os mouros sempre armando-me ciladas e traições, e... mas não desanimei; acabei a tarefa de que me tinha encarregado, e entrei em Lisboa, trazendo apenas cinquenta e cinco homens de cento e quarenta e oito com que dela havia saído. – As grandezas, as honras com que generosamente fui galardoado, nunca me restituirão meu irmão, meu companheiro nos perigos, que expirou em meus braços na Ilha Terceira. Nunca me esquecerei dos meus valentes colegas, e com especialidade Fernão Veloso, e Pedro de Brito, filho do conde D. Alvaro, que além está próximo da bela Maria de Rosendal, mancebo intrépido e valoroso, que animava os meus marinheiros nas ocasiões dos perigos, e os ensinava nos seus trabalhos laboriosos nas horas da bonança!

Neste momento o conde de Rosendal, e disse, dirigindo-se a pessoa que havia encetado esta conversação:

D. Rodrigo, uma mesa para o jogo nos espera; Vinde D. Vasco, vamos ver se sois tão feliz ao jogo, como nas vossas expedições marítimas; e tu Gil Vicente, tem também algum pensamento sublime e majestoso para as tuas composições poéticas.

O grupo dispersou-se.

II – Dezoito anos depois

A jovem, que Vasco da Gama havia designado por Maria de Rosendal, vendo que não era observada, voltou-se para o mancebo, e disse-lhe ternamente:

– Todos se retiram só vós Pedro, ficais a meu lado?

– Deixar-vos eu, Maria? Eu, que tanto vos amo? Que desejaria estar sempre junto a vós?... Na minha viagem era o vosso retrato que me animava nos perigos; invocava vosso nome, e parecia que as vagas se curvavam respeitadas. – Que mistério não tinha esse nome, pronunciado ante os Céus e a imensidão dos mares – ante Deus, e o elemento que furioso se debatia contra a frágil embarcação – Mas como era possível morrer, se tinha um anjo que velava por mim, e pedia ao Soberano do mundo proteção para o seu terno amante<sup>1</sup>

– Oh! Sim; nas minhas orações pedia por vós; quantas vezes os olhos no firmamento, carregado de nuvens, e próximo a começar uma terrível luta, o meu coração se comprimia, as minhas ideias me figuravam o furor das ondas, o horror da tempestade, a morte pairando sobre a vossa cabeça...Ah! então vinha cair de joelhos junto ao meu oratório, bradando –Oh! Meu Deus! Salvai-o.

Tinha a data da vossa partida bem gravada na memória: foi a 7 de junho de 1497 o dia em que me disseste o último adeus: passaram-se dois anos, e nem uma notícia vossa, quando a 10 de julho deste ano entrou em Cascais a não de Nicolau Coelho; mas aquela em que haveis partido não vinha: que me importava se achassem novas terras, se eu perdia aquele que amava? – Avaliei as angústias de meu coração, e os tormentos que padeci até ao dia 29 do

mês passado, que vi entrar uma não: um pressentimento lisonjeiro me avisou que éreis vós: orei à Virgem, e lhe dei graças de mo haver restaurado a minha ventura, o meu querido Pedro.  
 – Querida Maria, quando poderei recompensar-vos tantos desvelos; um amor tão extremoso... tão puro?

– Pedro, tenho conhecido que meu pai não despreza nossos afetos, ele não porá obstáculos à nossa união; ao contrário, contente te verá meu esposo.

– Em breve, eu vo-lo juro, vós sereis minha consorte, e eu mais feliz dos mortais.

– Essa a única fortuna que ambiciono.

A chegada de várias pessoas interrompeu a conversação.

A um canto da sala Alvaro e Rosendal diziam alegres:

– Vê Alvaro, como eles se adoram; é necessário não contradizer aqueles dois corações, que parecem nascidos um para o outro.

– Sim eu também desejo ver nossos únicos dois filhos ligados para sempre, e (ilegível) da nossa amizade.

– Alvaro, este consórcio deve ser feito quanto antes; estou em avançada idade, e quero antes de morrer ver minha filha feliz com o filho de meu amigo...

D. Alvaro apertou afetuosamente a mão de Rosendal.

Algumas horas depois as salas se achavam desertas; e Maria, depois de se haver despedido de seu amante, e de ter recebido um beijo de seu pai, se retirou ao seu quarto, cheia de amorosas ideias daquele que não tinha visto por espaço de dois anos.

Mal pensavam os dois amantes, que seus pais já tratavam da sua felicidade!

Serão dois, ou mais, os venturosos?!...

### III- A Mãe e o Filho

Um mês se havia passado. – Em casa do conde D. Alvaro se faziam todos os preparativos para o próximo casamento de seu filho – Faltava só um dia, e Pedro seria o feliz esposo da extremosa Maria de Rosendal.

Era meio dia; o Céu se achava coberto de nuvens; os relâmpagos sucediam-se com rapidez; os trovões, com seu eco medonho, faziam estremecer a terra, e a chuva caía em grossas correntes. – Pedro passava pelo sítio da Alfama, dirigindo-se ao seu palácio, quando a maior tempestade se desenvolveu; a porta de uma humilde habitação se achava aberta, e o jovem, entrando, disse para a pessoa que a habitava:

– Boa mulher, poderei esperar que esta tempestade?

– Entrai, senhor; e sentai-vos, lhe disse a dona da casa com o mais afetuosos modo.

Tudo ali indicava a miséria e a pobreza, mas o asseio em que tudo existia, fazia realçar esse móveis, ainda que velhos e arruinados. Pedro comoveu-se a vista desta falta de todas as comodidades da vida; e a lembrança das privações passadas por essa mulher, a queda a penúria ainda tinha deixado um rosto belo e cheio de encantos, o fez exclamar:

– Pareceis ser muito desgraçada, senhora?

– Muito, senhor, os tormentos assombream o meu coração, que existo prisioneira entre tão implacáveis inimigos.

A tempestade continua e senão fora indiscrição querer saber a origem das vossas desgraças...

A minha história é breve, e não coro em vo-la contar – “São passados vinte anos. Eu era jovem nessa idade em que o amor é o único pensamento, houve um homem por quem senti uma violenta paixão. Amei-o como deve amar uma mulher. Por ele abandonei o meu pai velho e decrépito, esqueci os deveres de filha, para só atender aos do amante, não julgueis, senhor, que era a riqueza que me fascinava, pois ele era apenas um estudante de medicina, mas que me importava isso, se eu o amava tanto?!

Dessa união tivemos um filho; era os meus encantos, era junto a ele que passava parte de meus dias, a contempla-lo quando dormia o seu sono de inocente, o alimentando, quando enlaçando-me com o seus bracinhos, parecia querer pronunciar o nome de sua mãe. Uma

noite, noite fatal, o meu amante me disse que pretendia seu filho, roguei-lhe, pedi-lhe de joelhos que mo deixasse, que não mo roubasse minha única consolação; mas ele foi surdo a meus rogos, e levou meu filho para sempre!...O ingrato oferecia-me ouro, como se com este pagasse o amor de mãe. Dele só conservo o retrato, e de meu filho aquele berço que ali vedes! Aqui tendes nesta Lâmina a cópia fiel do meu sedutor.

Pedro pegou a medalha, lançou os olhos sobre o retrato, e exclamou com o maior entusiasmo: O seu nome... Dizei-me o seu nome por piedade.

Alvaro!

Alvaro?!...Alvaro?!... Oh! Sim, sem dúvida, vós sois a minha querida mãe!

Vossa mãe!

Sim, reconheci em mim o filho do conde D. Alvaro; de Alvaro, que vos enganou debaixo de uma suposta profissão, e de quem conservais a efígie. Vós sabereis o poder desse retrato. Bem certo estava eu, que não era filho legítimo, porém sim reconhecido por meu pai, e esta desconfiança era nascida de não haver conhecido minha mãe, e dela nunca terem falado!... mas agora adescobri, e a reconheço!... vos sois minha mãe, minha querida mãe!

E ela o abraçou carinhoso, e lhe beijou a mão respeitosamente.

– Como está estremecido o meu coração, meu adorado filho! Sim, vós sois, já não há dúvida; a natureza começa a falar em meu peito, (trecho ilegível). Finalmente te encontrei, e depois da ausência de dezoito anos eu te aperto em meus braços. Perdoo a ingratidão de teu pai, pela ventura que gozo. Vive ele feliz, goza saúde?...

– Sim, minha mãe, e mais tarde sabereis particularidades que muitíssimo vos interessam.

Pedro, derramando copiosas lágrimas abraçou de novo aquela a quem devia a existência e continuou:

– Minha mãe, quanto sou feliz junto ao seio que me deu vida; entregue na infância a cuidados mercenários, ainda não gozei os verdadeiros e maternais carinhos; agora darei todo o valor aos vossos desvelos – Esse retrato, origem do prazer que agora sinto, guardai-o como o penhor da vossa futura felicidade. Eu vou partir, mas em breve estarei de volta, e então vos conduzirei, ide preparar-vos para então me acompanhardes.

E o filho que vai advogar a causa de sua mãe, e é impossível para (palavra ilegível) tendo um tão forte defensor!

– Adeus, minha adorada mãe, em breve serei convosco.

Leonor abraçou seu filho, e foi cair de joelhos diante da imagem do Salvador.

VI – A reparação

A tempestade havia cessado e o Céu se mostrava em todo o seu esplendor, tendo desaparecido as nuvens que ocultavam – Pedro chegou ao seu palácio, e havendo feito os preparativos necessários, correu a conduzir sua mãe.

Duas horas depois o filho do conde D. Alvaro entrou no quarto de seu pai, no momento em que este dava as ordens precisas para o baile que havia anunciado, e lhe pediu uma conferência particular.

– Um pai está sempre pronto para ouvir seu filho.

Ao seu mando os criados se retiraram, e os dois se acharam sós.

– Meu pai, venho contar-vos uma história; mas uma história interessante, que deve mover a vossa sensibilidade, e talvez, fazer derramar as vossas lágrimas. Há vinte anos houve um fidalgo, que debaixo de honroso nome de artista se namorou de uma jovem, e linda plebeia, conseguindo fazer-se amado; e ela abandonou a sua família para se entregar nos braços daquele que julgava seu igual.

D. Alvaro estremeceu; – e seu filho continuou:

– Desse amor resultou um filho, que uma noite foi roubado por seu pai, que não queria uma só mancha nos braços dos seus antepassados; uma pérola caída da sua coroa de conde – e que a

mulher do povo se lançasse diante da carruagem do nobre sedutor, e lhe disse – este é o teu filho –Essa criança roubada sou eu– esse fidalgo sois vós – e essa mulher é minha mãe!...

– Pedro... Pedro... quem te instruiu desses pronomes?<sup>2</sup>!

– Foi minha mãe, que fui encontrar litando com a miséria, e talvez, com a fome; – foi minha inocente e desgraçada mãe, que sem o saber desenvolvia ao filho o problema do seu nascimento; e que na imagem daquele que a tinha iludido, lhe apresentava o retrato de seu pai. E deixareis na miséria e no abandono aquela que amareis, e que por vos calçou aos pés todos os deveres... Oh! Não!... é um filho que vos pede de joelhos a restituição de sua mãe; para ele os afagos maternos; para vós os carinhos de uma esposa!

No coração de Alvaro se passava um combate terrível: – as lembranças do amor, a amizade de um pai, as vãs quimeras do mundo, debatiam-se com sua força; duas lágrimas correram de seus olhos e umedeceram suas faces; ele abraçou seu filho exclamando:

– Eu quero ver essa infeliz, que sempre amei; a fantástica grandeza do meu nome, me obrigou a repelir os sentimentos de amor!... Fui um ingrato, eu o confesso; porém vinte anos de ausência vão ser ressarcidos pelo resto da existência no sei da mais (palavra ilegível) amizade.

– Vamos buscá-la, meu Pedro; onde está ela?

– Nos teu braços, disse Leonor arrebatada, saindo da câmara para onde havia sido conduzida por seu filho.

– Minha Leonor!

– Meu Alvaro!

–Querida mãe!

Foram as palavras que saíram ao mesmo tempo dos lábios destes três entes, abraçados carinhosamente, acompanhadas de lágrimas de alegria.

Por algum tempo aquele quadro enternecedor se conservou silencioso, o prazer se transbordava em seu peito, os olhos expressavam os sentimentos do coração.

Perdoa-me, querida Leonor, balbuciou o conde.

Ouve-me, Alvaro. Foste o único homem a quem amei; depois de uma noite, que devemos esquecer, continuei a amar-te, nas dores do apartamento, nas saudades do meu filho, no sofrimento, na miséria, amei-te sempre; e juro ao Céu que motivo nenhum me obrigou a esquecer que era só tua; a fé que te jurei há de baixar comigo à sepultura; disseram-me que eras nobre, mas o amor não admite hierarquias, e eu continuei a amar-te; se fostes culpado, o garante do meu perdão seja o fruto desse amor, o nosso filho, que hoje tive a felicidade de encontrar.

Adorada Leonor, eu me confundo e te admiro!...

Minha terna mãe, amanhã assistireis ao meu casamento com a virtuosa Maria de Rosendal, hoje tereis ocasião de a conhecer, e espero aprovareis a escolha de vosso filho.

Leonor, abraçou-o meigamente; lançou um abraço sobre o ombro de D. Alvaro, e disse-lhe derramando abundantes lágrimas:

Oh! Meus Deus! Quanto sou feliz na companhia das pessoas que mais estimo no mundo! Venha embora a morte; ela já não pode arrancar-me as deliciosas emoções que sinto neste momento.

---

As salas do baile estavam cheias de convidados; e Pedro, junto da sua futura esposa, conversava sobre a felicidade que iam gozar...

Bela Maria, lhe disse ele, são os dias mais felizes na história da minha vida; hoje, recobrar minha mãe, amanhã possuir-vos consorte.

De repente uma das portas da sala se abriu; e o conde D. Alvaro, conduzindo Leonor elegantemente vestida, disse para a numerosa assembleia:

– Senhores: tenho a honra que anunciar-vos dois casamentos: o de Pedro com a linda Maria de Rosendal; e o meu com a mãe de meu filho; com a jovem a quem muito amei, a quem

seduzi, e a quem infamemente abandonei. Sei que ainda me adora, e devo, se bem que tarde, reparar a minha falta. Sei que desejais conhecer a vítima dos caprichos de minha juventude; porém não vo-la apresentarei como tal, mas sim como aquela a quem ofereço o meu nome, e a minha mão; como a esposa que vai ser minha. A que vedes a meu lado é a condessa D. Leonor

#### **Apêndice F – O Pão de Ouro (Édouard de Laboulaye)**

Havia um viúva com uma filha mui bela.

A mãe era humilde e modesta; a filha Marienka, o orgulho em pessoa.

Os pretendentes, nenhum lhe convinha; quanto mais esforços para agradá-la mais desdenhosa se tornava

Uma noite em que a mãe aflita velava, tomou o rosário e pôs-se a rezar pela salvação daquela que causava tantos cuidados.

Marienka dormia no mesmo leito; a mãe contemplava com amor a sua beleza, e, de repente, a viu rir.

– Que estará sonhando, para rir-se assim? Exclamou.

Depois, concluiu a oração, dependurou na parede o rosário e adormeceu.

De manhã perguntou-lhe o que sonhara.

– Sonhei, respondeu a filha; que aqui viera por minha causa um senhor em uma carruagem de cobre e me pusera no dedo um anel, cuja pedra brilhava como as estrelas, não olhando o povo senão para a mãe de Deus e para mim quando entrei na igreja.

– Minha filha! minha filha! que sonho orgulhoso!

Marienka, porém, saiu cantando.

Nesse dia chegou em um carrinho um jovem rendeiro, que vinha pedir a Marienka, para com ele partilhar o pão do camponês.

O pretendente agradara à viúva; a altiva Marienka repeliu-o, dizendo:

Que quando tivesse vindo em uma carruagem de cobre e lhe oferecesse um anel cuja pedra brilhasse como estrelas ainda assim não o desposaria.

E o campônio retirou-se, maldizendo o orgulho de Marienka.

Na noite seguinte, a mãe orava mais ardentemente ainda por sua filha, e Marienka, que dormia riu-se em voz alta.

– Que sonhara? Disse a mãe, que não podia dormir.

De manhã inquirindo-a do sonho, respondeu-lhe a filha:

– Sonhei, mamãe, que aqui viera por minha causa um senhor em uma carruagem de prata e me oferecera um diadema de ouro, não olhando o povo tanto para a mãe do Senhor quanto para mim quando entrei na igreja.

– Cala-te, tu blasfemas! Reza, minha filha, para não sucumbires à tentação.

Mas Marienka fugiu, para não ouvir o sermão de sua mãe.

Nesse dia chegou em um carro um jovem fidalgo, que vinha convidar Marienka a partilhar o pão dos gentis homens.

– Seria grande honra, dizia a viúva; mas a vaidade é cega.

– Ainda mesmo que viesseis em um carro de prata e me oferecesses um diadema de ouro, não vos quereria por esposo, disse Marienka.

– Cuidado, minha filha, disse a pobre mãe; o orgulho cheira a inferno.

– As mães não sabem o que dizem, pensou Marienka, e saiu sacudindo os ombros.

Na terceira noite a viúva não pôde dormir tal a sua inquietação e orava fervorosamente por sua filha, quando esta deu uma vibrante gargalhada.

– Bom Deus! Disse a viúva; que sonhará ainda a minha infeliz filha?

E rezou até ao amanhecer.

No dia seguinte, Marienka relutou esclarecer o sonho, fazendo-o depois assim:

Que um nobre viera pedi-la em casamento, em um carro de ouro trazendo-lhe um vestido de rendas d'este metal, vendo-a somente o povo quando entrou no templo

A mãe cruzou as mãos; a filha, semivestida correu para outro quarto, afim de evitar uma moral que a desgostava.

Neste dia chegaram três carros; um de cobre, a dois cavalos; um de prata, a quatro; e um de ouro; a oito, todos ajaezados de ouro e pérolas.

Dos de cobre e de prata saíram pajens com calções vermelhos, vestes e dólmãs verdes, e do de ouro desceu um belo gentil-homem, que, pondo um joelho em terra pediu à viúva a mãe de sua filha.

– Eis meu sonho, disse Marienka; vede, minha mãe, que, como sempre, tinha razão e estáveis em erro.

Satisfeito tudo quanto sonhara correu a vestir-se, e bela como o sol, partiu para a igreja com o noivo, sem mesmo pedir a benção materna.

Deixaram a desventurada mulher a rezar no umbral do templo, e Marienka subiu para o carro e partiu sem olhar para sua mãe, nem sequer lhe dizer adeus.

Voaram os cavalos, a galopes, até um rochedo no qual havia uma grande caverna e mergulharam-se na noite.

A terra tremeu, o rochedo estalou e abateu-se.

A esposada agarrou a mão do marido que lhe disse:

– Nada temas, em breve será dia.

Repentinamente agitaram-se mil archotes, empunhados pelos anões da montanha, que vinham saudar seu senhor, o rei das minas.

Marienka conheceu então seu marido.

Bom ou mau gênio, era tão rico que ela aceitou de bom grado seu nova sorte.

Saídos da obscuridade, e chegados no fim da floresta onde havia um longo prado, cuja relva era de prata e um castelo encrustado de diamantes e rubis. O rei das minas a deu a mão à sua esposa, dizendo-lhe:

–Tudo isto pertence-te, minha amada.

Marienka ficou encantada mas tão grande viagem não se faz sem sentir-se fome; foi pois, com prazer que ela viu os anões prepararem uma mesa, onde tudo era ouro, cristal e pedraria.

Serviram-se pratos admiráveis, que cada um trincava a bel prazer, exceto ela, que pediu ao esposo um pedaço de pão.

– Servi o pão de cobre, disse o rei das minhas.

Marienka não pôde comer.

– Servi o pão de prata.

Marienka não pôde comer.

– Servi o pão de ouro, ordenou ele, enfim.

Marienka não pôde comer.

– Minha bela, disse o rei, estou zangado mas o que oferecerei? Não temos outro pão.

Ela desfez-se em lágrimas, o marido pôs-se a rir com estrépito; seu coração era de metal como seu domínio.

– Chora, se queres, disse; isto de nada te servirá.

O que quiseste, possuis, come o pão que escolheste.

É assim que Marienka jaz em seu castelo, morta de fome, buscando em vão uma raiz para suavizar o mal que a devora.

Deus atendeu-a para puni-la.

Três dias por ano, quando a terra se entreabre a chuva fecunda que lhe envia o senhor,

Marienka desce ao mundo.



Coberta de andrajos, pálida, ela mendiga de porta em porta, muito feliz quando se lhe atira alguma migalha, ou recebe de um miserável o que lhe falta em seu palácio de ouro, – a esmola de um pouco de pão e de um pouco de piedade.

### **Apêndice G –Esmola de Amor** (André Theuriet)

Havia em Sevilha, no bairro de Triana, um rapaz de quinze anos, chamado Juanito – *el Morenito*.

Era órfão de pai e mãe; vivia como um boêmio errante; ora dormia nas calçadas do bairro, à sombra do luar; as vezes repousava na cavaliariça de alguma pousada. Alimentava-se de bolotas ou fritadas, compradas aos *ciganos*, e ganhava a vida de várias maneiras, ocupando-se mais em vender jornais à porta dos teatros.

Apesar de trazer as vestes esfarrapadas, Juanito era rapaz de olhar inteligente; tinha sempre os lábios enflorados pelo sorriso, a fronte emaranhada de cabelos cresposos, a tez morena carregada, que bem explicava o seu apelido de *Morenito*.

Efetivamente em suas veias corria o sangue *gitano*, em harmonia com o seu gênio boêmio, seu temperamento extravagante, indolente, sua paixão pelas touradas.

Sábado de Aleluia, Juanito levantou-se triste e melancólico.

Durante a Páscoa, os teatros cerraram as portas e não tendo exercido a profissão de vendedor de *gazetas*, Juanito não tinha um *cuarto*, n'algibeira.

A pobreza o afligia, recordando-se de que no dia da Páscoa se realizaria uma magnífica corrida de touros, seu divertimento favorito, e que não poderia assistí-la por ter a bolsa vazia.

Assim pensando resolveu correr as ruas de Sevilla em busca de trabalho e, depois de ter feito uma ardente prece à *Virgem de la Esperanza*, da qual era piedoso crente, sacudiu da cabeleira alguns ramos de feno, que nela se agarraram quando repousava, e sai da cavaliariça.



Era esplendida a manhã. Sob um céu azul esmaecido, a elegante torre da Giralda surgia além, banhada da luz transparente.

As ruas estavam pejudadas de camponeses que percorrem a Sevilha, como de costume para acompanhar as procissões das *Confradias*.

Passando próximo a *plaza de toros*, Morenito viu, com pesar, grande número de amadores que, pressurosos, corriam aos guichês, adquirindo lugar ao sol ou a sombra.

Desesperado, quatro horas seguidas, ele percorreu os passeios da rua *Sierpes*, com o estômago a dar horas, irritado ainda mais com o aroma de canela com que se polvilham os *gunuclos* e os bolos, fritos em azeite fino, de excitante paladar.

Abatido, via os *toreros* à porta dos cafés, agrupados, orgulhosos, ostentando os calções e jaquetas, com a elegância de verdadeiros artistas.

Juanito não sabia que fazer para ganhar algumas *pesetas*; inutilmente procurou reunir-se aos garotos que apregoavam as procissões e os nomes das diversas confrarias; todos os transeuntes já haviam adquirido programa, de sorte que não conseguiu ganhar um *centimo*.

Lamentando sua má estrela, vencido pela fome, castigado pelos raios do sol, cansado e aborrecido, seguiu para a praça da *Constitution*, onde costumam estacionar as procissões, e, sentindo, então, as pernas vacilantes, sem forças para continuar a peregrinação, descansou no portal da *Audiência*, e, aproveitando-se da sombra, ali se deixou ficar.

Tal era o seu abatimento, que o sono benfazejo se apoderou do seu corpo, afugentando lhe a fome e a sede.

Dormia profundamente, num abandono encantador sobre as lajes da entrada da *Audiência*, sustendo em uma das mãos à cabeça, tendo os lábios abertos num sorriso, deixando entrever uma fila de dentes alvos, cor da neve...

Enquanto dormia, transeuntes cruzavam os passeios chalreando alegremente e, entre esses, dois noivos talvez, vendendo alegria no olhar, interessaram-se pelo infeliz que dormia sobre as frias lajes da *Audiencia*.

Olha, vê como é bonito este garoto – disse o jovem – que quadro encantador, vê... Que postura artística e original a dessa mão aberta, como que a pedir uma esmola...

– Vamos causar uma surpresa a esse dorminhoco, – disse a moça – coloquemos em sua mão uma moeda, para que ao despertar se veja intrigado...

Os noivos, sempre amantes do bem, assim o fizeram.

O jovem tirou do *portre monnaie* cinco *pesetas* e, com todo cuidado, para não o acordar, colocou delicadamente a generosa esmola na mão de Juanito.

O dorminhoco, sentindo o contato frio da moeda fez um ligeiro movimento, contraiu os dedos, melhor se apoderando da esmola.

Os noivos, sorrindo sempre, felizes apaixonados, lançando-lhe um olhar compassivo, desceram, de braço dado, a praça da *Constitution*, confundindo-se com a multidão, alegrem barulhenta.



Morenito continuava entregue aos braços de Morfeu e, dormindo, sonhava.

Por uma escadaria cor de arco-íris, a *Virgen pura de la Esperanza* havia descido para junto dele, tendo sobre a cabeça uma coroa de lírios e sustendo em uma das mãos um buquê de brancas rosas de extravagante aroma...

Com voz melodiosa, doce como o mel ela assim falou:

– Juanito, tu me fazes ardentes preces todas as manhãs e todas as tardes... comemorando a ressurreição de Jesus, quero, pois recompensar-te... Irás às touradas, amanhã!

E enquanto isto dizia, a Virgem pura, desfolhando as rosas, esparziu-as pelas mãos do adormecido e, como por encanto, as pétalas das flores se transformavam em moedas sonoras...

No melhor do sonho, *Morenito* despertou sorrindo e, oh milagre! uma moeda argêntea escapou-lhe das mãos, produzindo um som metálico nas lajes da *Audiencia*,

Surpresa, imediatamente apoderou-se do dinheiro, julgando sonhar acordado.

A Virgem atendera aos seus rogos, possuía cinco *pesetas*, podia, ir às touradas!

Alegre, feliz, sem mais demora, deitou a correr em direção à *Plazas de Toros*.

Ao dobrar a esquina do café de *San Pablo*, casualmente encontrou-se com uma moçoila, do bairro de Triana, sua companheira de infância, alcunhada *Lola*.

Ela tinha a palidez nas faces e os olhos negros orvalhados de lágrimas.

– Que tens tu, porque chora? – interrogou *Morenito*

– Minha mãe está enferma – respondeu a moçoila – há duas noites que veio à sua cabeceira...

Esta manhã, o médico visitou-a e receitou. Fui à botica, mas o farmacêutico não avia medicamentos, a crédito... Que hei de fazer, senão chorar?

Se ela sucumbir, os mesmo sinos que dobrarem a finados anunciarão minha morte... Não lhe poderei sobreviver!...

*Morenito* ficou pensativo durante alguns minutos, fitando enternecido a sua patrícia e logo, como que obedecendo ao pulsar do seu coração, rápido, depositou a moeda milagrosa nas mãos pálidas e frias da companheira da infância.

– Toma, *nina mia*, recebe esta moeda; deu-a a *Virgen de la Esperanza* e ela não se ofenderá, se conseguirmos ambos socorrer em tempo a tua mãe...

*Lola*, tal era a comoção, nem se lembrou de agradecer; e, como uma corça, correu em disparada à farmácia...

Estava escrito que *Morenito* não assistiria à primeira corrida de touros; mas, como há compensações nesta vida, também gozou um dia feliz de Páscoa.

No domingo, a mãe de *Lola* recuperara a saúde e a moça, encontrando-se com Juanito no pátio da *posada*, onde ele vivia, agradeceu-lhe a generosa ação que havia praticado.

Tinha com o resto das cinco pesetas adquirido uma saia modesta e simples, que naquele momento vestia, deixando ver no seu cabelo de azeviche, duas rosas vermelhas, cor de sangue, que realçavam sua formosura.

De braço dado, qual dois noivos, foram passear próximo ao *Guadalquivir*, na ala das laranjeiras em flor da Alameda,

*Lola* denunciava no olhar ardente, apaixonado, um sentimento nobre que então a arrebatava, tornando-a dócil, meiga e carinhosa.

Quando chegaram ao extremo da Alameda, a sombra dos arvoredos, que embalsamavam o ar com aroma das flores da Primavera, a moçoila num transporte de alegria, não podendo conter-se, prendeu em seus braços *Morenito* e, corada como a papoula, denunciou o amor que a trazia enfeitiçada:

– *Te quiero, companero!*

A essa hora, bimbalhavam os sinos pela Páscoa, enquanto, felizes, os dois jovens trocavam o primeiro beijo de amor.